

Tania Lima dos Santos
(ORGANIZAÇÃO)

ANAIIS

V COLÓQUIO DE LETRAS

UEMA CAMPUS ITAPECURU MIRIM
SABERES E PRÁTICAS NA CONFLUÊNCIA
UNIVERSIDADE - COMUNIDADE

20 A 23 DE MAIO



Proexae
Pro-Reitoria de Extensão e
Assuntos Estudantis



Uema
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO MARANHÃO



ANAIIS

V COLÓQUIO DE LETRAS

UEMA CAMPUS ITAPECURU MIRIM
SABERES E PRÁTICAS NA CONFLUÊNCIA
UNIVERSIDADE - COMUNIDADE

Tania Lima dos Santos
(ORGANIZAÇÃO)

Itapecuru Mirim
2026



EDITOR RESPONSÁVEL

Jeanne Ferreira de Sousa da Silva

CONSELHO EDITORIAL

Alan Kardec Gomes Pachêco Filho

Ana Lucia Abreu Silva

Ana Lúcia Cunha Duarte

Cynthia Carvalho Martins

Eduardo Aurélio Barros Aguiar

Emanoel Cesar Pires de Assis

Denise Maia Pereira

Fabíola Hesketh de Oliveira

Helciane de Fátima Abreu Araújo

Helidacy Maria Muniz Corrêa

Jackson Ronie Sá da Silva

José Roberto Pereira de Sousa

José Sampaio de Mattos Jr

Luiz Carlos Araújo dos Santos

Marcos Aurélio Saquet

Maria Medianeira de Souza

Maria Claudene Barros

Rosa Elizabeth Acevedo Marin

Wilma Peres Costa

EDITORAÇÃO

EdUEMA

DIAGRAMAÇÃO

Tania Lima dos Santos



V COLÓQUIO DE LETRAS:
Saberes e práticas na confluência Universidade-Comunidade

Copyright: Tania Lima dos Santos

Copyright da presente edição: EdUEMA

Colóquio de Letras

Anais do V Colóquio de Letras da Universidade Estadual do Maranhão, Campus Itapecuru Mirim: saberes e práticas na confluência universidade - comunidade, realizado no período de 20 a 23 de maio de 2025. / Tania Lima dos Santos (org.). – São Luís: EdUEMA, 2026.

138 f

Livro digital

ISBN: 978-85-8227-740-9

1. Letras. 2. Universidade-Comunidade. 3. Produção científica. 4. Linguística e Literatura. 5. Educação. I. Santos, Tania Lima dos (org.). II. Título.

CDU: 82+81(063)

Elaborado por José Marcelino Nascimento Veiga Junior - CRB 13/320

EDITORA UEMA

Cidade Universitária Paulo VI - CP 09 Tirirical - CEP - 65055-970 São Luís – MA
www.editorauema.uma.br – editora@uma.br



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
<i>Tania Lima dos Santos</i>	
ENTRE O REAL E O FICCIONAL: uma análise das marcas de contexto de produção na obra de Arlete Nogueira	7
<i>Mateus da Silva Oliveira, Tania Lima dos Santos</i>	
A PAREDE: UMA LEITURA INFANTOJUVENIL NA PERSPECTIVA CROSSOVER	18
<i>Ana Luiza Martins do Nascimento, Tania Lima dos Santos</i>	
O IMAGINÁRIO DO TEMPO E A SIMBOLOGIA POÉTICA DO ABANDONO EM LITANIA DA VELHA, DE ARLETE NOGUEIRA DA CRUZ	28
<i>Gabrielle Mendes Fernandes, Antonio Aílton Santos Silva</i>	
O SILENCIAMENTO DISCURSIVO COMO ESTRATÉGIA DE APAGAMENTO FEMININO DA PERSONAGEM RAMI NO ROMANCE NIKETCHE: uma história de poligamia, de Paulina Chiziane	41
<i>Eline Frazão Cruz, Leandro de Assis Nascimento dos Santos</i>	
DIÁLOGOS ENTRE O CONTO “A IGREJA DO DIABO” DE MACHADO DE ASSIS E O CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO ATUAL	56
<i>Samira Diorama da Fonseca, Tatiane da Conceição Marques, Natanael Vieira, Paulo Victor Costa Bezerra</i>	
LETRAMENTO DIGITAL DO PROFESSOR: A INTEGRAÇÃO DAS TDIC’S EM SALA DE AULA	72
<i>Maria Deltiane Pereira Barbosa, Maria Helena Nascimento Conceição</i>	

O USO CANVA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO MÉDIO 87

Arão Ricardo Alves Nascimento, Leandro de Assis Nascimento dos Santos

LETRAMENTO LITERÁRIO: navegando pela literatura maranhense na escola 104

Jorge Eduardo Lopes Mendes, Ketlin Stefani Martins Dadona, Rayra Gomes Abreu, Rodrigo Evangelista Pereira, Tania Lima dos Santos

PROJETO JORNAL ACADÊMICO CULTURA EM LETRAS: um relato de experiência extensionista 116

Joaquim Gabriel Barbosa Rodrigues, Mateus de Sousa Nunes, Samuel Guimarães Cruz, Tania Lima dos Santos

UMA EXPERIÊNCIA DE MEDIAÇÃO DE LEITURA E ESCRITA CRIATIVA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA BARRIGUDA 127

Izadan de Jesus Pinheiro de Souza, Luana Victoria Martins Gama, Ana Paula Silva Barroso, Tania Lima dos Santos Pinto da Silva



APRESENTAÇÃO

É com entusiasmo que apresentamos os Anais do V Colóquio de Letras (2025). Norteado pelo tema *Saberes e práticas na confluência Universidade-Comunidade*, o evento foi realizado entre os dias 20 e 23 de maio de 2025 no formato híbrido, sendo sediado no campus da UEMA em Itapecuru Mirim, Maranhão.

A programação foi desenhada para refletir a pluralidade do campo das Letras, articulando teoria e prática por meio de conferências, mesas-redondas, oficinas e apresentações de trabalhos científicos. Além do rigor acadêmico, o Colóquio abriu espaço para a sensibilidade e criatividade das apresentações artísticas, promovendo uma troca de saberes orgânica entre seus integrantes

O sucesso desta 5ª edição é fruto da sinergia entre diferentes esferas da comunidade acadêmica e de seu entorno: o corpo docente do Curso de Letras, palestrantes internos e convidados, acadêmicos do Curso, discentes e docentes de escolas do ensino infantil, fundamental e médio de Itapecuru Mirim, o corpo administrativo da UEMA, que forneceu suporte técnico e logístico, gestores, a comunidade externa e a PROEXAE/UEMA.

Este livro de Anais não é apenas um registro documental; é uma compilação da diversidade de temas que movem a Linguística, a Literatura e a Educação hoje. Esperamos que as reflexões aqui contidas sirvam como fonte de consulta e inspiração para pesquisadores e educadores, ecoando o poder transformador das palavras e da reflexão crítica em nosso cotidiano.

Tania Lima dos Santos
Comissão Organizadora do V Colóquio de Letras

ENTRE O REAL E O FICCIONAL: UMA ANÁLISE DAS MARCAS DE CONTEXTO DE PRODUÇÃO NA OBRA DE ARLETE NOGUEIRA

Mateus da Silva Oliveira¹
Tania Lima dos Santos²

RESUMO

O presente artigo apresenta os resultados obtidos sobre a análise das marcas do contexto de produção no romance *A parede* (1960), de Arlete Nogueira da Cruz. Para a realização das análises, o arcabouço teórico fundamentou-se nas reflexões de Antonio Candido (2006) acerca da internalização do elemento social na estrutura literária, nas contribuições de Tzvetan Todorov (2009) sobre a dimensão cognitiva da literatura e nas proposições de Jacques Leenhardt (1998), que aproxima os discursos histórico e literário enquanto narrativas capazes de reconfigurar a experiência temporal. Até o momento, a investigação permite constatar que a obra de Cruz incorpora elementos históricos e sociais característicos da São Luís dos anos 1950 como princípios constitutivos e estruturantes da narrativa. Os dados analisados evidenciam a mobilização habilidosa do contexto sociopolítico do Maranhão e do Brasil na referida década pela autora na composição da arquitetura do romance. Dessa forma, observa-se que o contexto de produção se encontra internalizado na constituição da obra, o que influencia decisivamente o estilo de escrita adotado, a complexa construção das personagens e a visão de mundo projetada ao longo da trama.

Palavras-chave: Contexto de produção. *A parede*. Arlete Nogueira

1 INTRODUÇÃO

A literatura, compreendida como prática social e estética, não se constitui no vazio. Toda produção literária é inevitavelmente atravessada (de maneira explícita ou implícita) pelas condições históricas, políticas e culturais de seu tempo. Sob essa ótica, a obra literária não deve ser reduzida à condição de mero documento ou reflexo passivo da realidade; ao contrário, ela se configura como um espaço privilegiado de mediação entre o indivíduo e o coletivo, bem como entre a subjetividade criadora e as determinações objetivas impostas pelo contexto de produção.

É justamente nesse entrecruzamento que se situa o romance *A parede* (1960), da escritora maranhense Arlete Nogueira da Cruz. Escrita em um período marcado por intensas transformações políticas e sociais no Brasil, a obra oferece um material fecundo para uma abordagem crítica que articule texto e contexto, sem, contudo, desconsiderar sua especificidade estética. Investigar de que forma esses elementos se inscrevem na fatura do texto, convertendo-se em princípios constitutivos da narrativa, tornou-se um dos desafios centrais da crítica literária contemporânea.

¹ Graduando em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. E-mail: mateussilvah001@gmail.com

² Doutora em Letras e professora adjunta no curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA Campus de Itaipuru Mirim. E-mail: tanciasantos@professor.uema.br

O presente artigo busca evidenciar de que modo os elementos externos (de natureza social, histórica e ideológica) internalizam-se na estrutura do romance, moldando escolhas estilísticas, a construção das personagens e a visão de mundo projetada pela narrativa. Ancorada em um referencial teórico que dialoga com as contribuições de Antonio Candido, Tzvetan Todorov, Jacques Leenhardt, entre outros, a pesquisa pretende compreender como aspectos externos à obra (tais como as disputas oligárquicas, as hierarquias urbanas e os conflitos de classe) não apenas compõem seu pano de fundo, mas também se incorporam à própria dinâmica psicológica das personagens, à organização do espaço narrativo e ao ponto de vista adotado. Mais do que estabelecer correspondências diretas entre ficção e realidade, trata-se de examinar o processo de transmutação pelo qual o social se converte em literário, conferindo à obra sua densidade estética e histórica.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Por meio da análise de textos teóricos tornou-se possível construir uma reflexão sobre as relações entre história e literatura, partindo das concepções aristotélicas até as discussões contemporâneas acerca da narrativa como forma de conhecimento e representação do real. Aristóteles, na *Poética* (2018), estabelece uma distinção fundamental, afirmando que não é a função do poeta (referindo-se ao poeta clássico) narrar o que aconteceu, mas a de representar as possibilidades do que poderia ter sido.

De acordo com o seu entendimento, enquanto o historiador narra o particular, o poeta busca o universal, elevando-se a um plano mais filosófico, pois compõe mitos coerentes nos quais cada elemento se conecta organicamente ao todo. Essa ideia de unidade e verossimilhança serve como ponto de partida para se pensar a própria narrativa histórica.

Quando entramos nos debates contemporâneos, como os apresentados por Leenhardt e Pesavento em *Discurso histórico e narrativa literária* (1998), a fronteira entre história e literatura se torna frágil. Ambos os discursos são entendidos como narrativas que constroem uma representação do real, operando por meio de seleções e enredos. Como explicam os organizadores, “o historiador, de uma certa forma, aprisiona e tutela o tempo, na medida em que a tendência a afirmar a sua versão da passeidade, fixando o passado: o que ‘poderia ter sido’ se apresenta realmente como ‘o que foi’” (Leenhardt, 1998, p.13), ou seja, o historiador transforma a multiplicidade

de possibilidades e interpretações do passado em uma narrativa única e fixa, o que difere da literatura, na qual “[...] o fato ‘criado/inventado’ acontece realmente para a voz narrativa, mas a sua autoridade como um discurso se constrói a parte da proximidade que o leitor pode sentir com a relação aos fatos distantes” (Leenhardt, 1998, p.13).

O texto esclarece ainda que a história, ao representar o real, percorre os caminhos do imaginário para construir seu discurso. Assim, mesmo tendo o status de ciência, ela não depende só da veracidade, mas também do que parece plausível e crível. Nessa perspectiva, aproxima-se do literário porque, do mesmo modo, “inventa” ao compor uma narrativa e atribuir-lhe significado. Há, porém, uma tensão constante, pois a história está sujeita a documentos e métodos, enquanto a literatura possui maior liberdade criativa, podendo adaptar os meios de verificação das fontes. Ambas compartilham, no entanto, a missão social de estruturar o tempo e a memória:

Tanto a história como a literatura reconfigura um tempo passado na composição narrativa ponto da mesma forma, o caráter exemplar dos fatos sintomáticos e consistentes para a coerência de sentido contida no texto, está presente no campo da história e no da literatura.
O que distingue discurso literário do histórico é a modalidade de leitura que ele tem de provocar. O texto mais radicalmente ficcional é dominado pela categoria da empatia, da identificação, a qual está também presente na obra histórica. Já o texto histórico inclui alguma distância entre o leitor e o discurso do historiador (Leenhardt, 1998, p.13).

A produção literária e historiográfica é sempre contextualizada no momento histórico e social em que surge. A literatura, ainda que criativa e esteticamente livre, parte de referências e informações do seu tempo. A história, por sua vez, lida com fatos passados que chegam como representações, exigindo do historiador uma reconstrução interpretativa marcada pela sua própria contemporaneidade. Ambos os campos mantêm um diálogo essencial com o contexto de sua produção.

Parte-se assim para o texto de Todorov *O que pode a literatura?* por meio do qual entende-se que o papel da literatura é explorado em sua potência transformadora. Longe de ser um mero exercício estético autorreferencial, a literatura aparece como um instrumento privilegiado de conhecimento e empatia. De acordo esse autor, a literatura “pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos” (Todorov, 2009, p.76). Entende-se assim que através do individual, ela acessa o coletivo,

desvendando verdades sobre a existência humana que se tornam uma “revelação do mundo”, pois

Como a filosofia e as ciências humanas a literatura é pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos. A realidade que a literatura aspira compreender é, simplesmente (mas, ao mesmo tempo, nada é assim tão complexo), a experiência humana (Todorov, 2009, p.77).

Todorov traz ainda o pensador Richard Rorty e sua visão acerca da literatura, ao qual para ele oferece uma contribuição singular para visão de mundo, embora sua função deva ser redefinida para além dos critérios tradicionais do conhecimento.

Num estudo recente, o filósofo americano Richard Rorty propôs caracterizar diversamente a contribuição da literatura para a nossa compreensão do mundo. Ele recusa o uso de termos como “verdade” ou “conhecimento” para descrever essa contribuição, afirmando que a literatura faz menos remediar nossa ignorância do que nos curar de nosso “egotismo”, termo entendido como uma ilusão de auto-suficiência (Todorov, 2009, p.80).

Assim compreende-se que Rorty argumenta que o valor principal da literatura não reside em transmitir verdades comprovadas ou em preencher lacunas de informação. Em vez disso, sua força está em sua capacidade ética e terapêutica de nos libertar do “egotismo”, quebrando a ilusão de que somos autossuficientes e nos conectando com as experiências e perspectivas dos outros.

Com base em Todorov é possível compreender que a ficção promove um exercício fundamental para a nossa própria humanidade, que consiste na capacidade de adotar outros pontos de vista. Ela nos convida, por meio da narrativa, a pensar, inserindo-se no lugar de todo e qualquer ser humano. Nesse sentido, tanto a história quanto a literatura, embora com métodos distintos, são formas narrativas essenciais para dar sentido à experiência, reconfigurar o passado e iluminar as possibilidades do humano. Ambas são modos inseparáveis de leitura e escrita do real, profundamente marcados pelo contexto de onde emergem e destinados a influenciar a compreensão que temos de nós mesmos e do tempo em que vivemos.

Ao partirmos para Candido (2006) vemos que nos capítulos "A literatura e a vida social" e "Estímulos da criação literária" ele aprofunda a tese central de sua obra: a literatura não pode ser compreendida plenamente sem considerar sua dimensão social, mas essa relação deve ser pensada de forma dialética e integrada à análise estética. O autor propõe superar tanto o determinismo sociológico quanto o formalismo

estético radical, buscando compreender como os fatores sociais se internalizam na estrutura da obra literária.

Candido parte de uma constatação fundamental: a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana e, como tal, envolve necessariamente três elementos: o artista (criador), a obra (objeto artístico) e o público (receptor). Essa tríade é indissolúvel e constitui a base para qualquer análise sociológica da literatura. Ele critica as abordagens que tentam explicar a obra literária como mero reflexo da sociedade ou como produto direto de fatores externos (meio, raça, momento). Ele propõe uma visão mais complexa, na qual os fatores sociais atuam como elementos constitutivos da própria estrutura da obra, afirmando que

o primeiro cuidado em nossos dias é, portanto, delimitar os campos e fazer sentir que a sociologia não passa, neste caso, de disciplina auxiliar; não pretende explicar o fenômeno literário ou artístico, mas apenas esclarecer alguns dos seus aspectos (Candido, 2006, p. 28).

O autor desenvolve a ideia de que a literatura só se realiza plenamente quando considerada como processo comunicativo. O público não é mero receptor passivo, mas elemento ativo que dá sentido à obra e condiciona a produção do escritor, afirmando que “na medida em que a arte é — como foi apresentada aqui — um sistema simbólico de comunicação inter-humana, ela pressupõe o jogo permanente de relações entre os três, que formam uma tríade indissolúvel (Candido, 2006, p. 47). Essa tríade funciona de maneira dinâmica: o autor cria a obra pensando em um público (real ou imaginário); a obra, uma vez criada, age sobre o público e modifica sua percepção; o público, por sua vez, retroage sobre o autor, influenciando sua produção futura.

Candido analisa como a sociedade define o lugar do escritor, seu papel e seu prestígio. Em sociedades primitivas, o artista muitas vezes se confunde com outras funções sociais; nas sociedades modernas, a arte se autonomiza e o escritor passa a ocupar um lugar específico na divisão social do trabalho, como afirma:

Houve um tempo em que se exagerou muito o aspecto coletivo da criação, concebendo-se o povo, no conjunto, como criador de arte. (...) Hoje, está superada esta noção de cunho acentuadamente romântico, e sabemos que a obra exige necessariamente a presença do artista criador (Candido, 2006, p. 34).

O autor mostra como valores sociais, ideologias e técnicas de comunicação influenciam a forma e o conteúdo das obras. Afirmar como a técnica (escrita, imprensa, novos meios) altera profundamente as possibilidades expressivas e a relação com o público. E sobre o público, Candido destaca seu caráter de "massa abstrata" nas sociedades contemporâneas, que exerce enorme pressão sobre o escritor, podendo determinar sua temática, estilo e até mesmo sua permanência na carreira literária.

Ele ainda realiza a análise dos fatores que estimulam a criação literária, com especial atenção para as diferenças entre a literatura dos grupos letrados e a dos grupos iletrados. Onde ele critica a tendência de julgar outras culturas a partir dos padrões ocidentais, seja para inferiorizá-las, seja para idealizá-las romanticamente. A posição correta, segundo Candido, é investigar como os estímulos sociais e culturais atuam de maneira variada em diferentes contextos, sem perder de vista a unidade fundamental da mente humana.

Compreendida, à luz das reflexões de Antonio Candido, a complexa dialética entre fatores sociais e criação literária, na qual o contexto atua não como mero pano de fundo, mas como elemento constitutivo da estrutura da obra, torna-se possível avançar para a análise de um caso concreto. É o que se pretende ao examinar o romance *A parede*, de Arlete Nogueira. Nessa perspectiva, busca-se evidenciar de que modo o contexto produção vivido pela autora, marcado por tensões sociais, políticas e culturais específicas, não apenas condicionou tematicamente a narrativa, mas internalizou-se na própria fatura do texto, determinando escolhas estilísticas, a construção das personagens e a visão de mundo que a obra projeta. Mais do que um reflexo direto da realidade, a obra de Nogueira emerge, assim, como um exemplo elucidativo de como os estímulos externos se transmutam em elementos internos a

3 O CONTEXTO DE PRODUÇÃO EM A PAREDE

Partindo para os pressupostos teóricos, Antonio Candido (2006), no primeiro capítulo de *Literatura e Sociedade*, estabelece uma distinção fundamental para esta análise. Para o autor, o estudo sociológico da literatura não deve contentar-se em apontar os elementos sociais como mero conteúdo ou pano de fundo, mas sim investigar "que fatores atuam na organização interna, de maneira a constituir uma estrutura peculiar" (Candido, 2006, p. 16). Trata-se, portanto, de compreender como "o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas

como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno" (Candido, 2006, p. 15).

Essa perspectiva dialética, que supera tanto o determinismo mecanicista quanto o formalismo estéril, permite analisar *A parede* não como mero documento histórico travestido de ficção, mas como obra em que as determinações sociais se transmutam em princípios organizadores da narrativa.

A protagonista Cíntia é apresentada inicialmente como uma jovem de origem humilde, residente em uma "porta-e-janela da rua da Alegria, no centro da pequena cidade, entre os bairros dos Remédios e Camboa" (Cruz, 2021, p. 29). A menção a esse tipo específico de moradia não é pra acaso: conforme descreve Vellozo, as casas de "porta e janela" eram "consideradas de famílias de baixa renda e se concentravam próximas às fábricas de tecidos de algodão, onde moravam seus operários" (Vellozo, 2021, p. 23-24). Já as residências de "meia morada", com uma porta e duas a três janelas, abrigavam as famílias de classe média, enquanto as de "morada inteira", com uma porta central e quatro janelas, eram ocupadas por famílias de alto poder aquisitivo. Essa hierarquia espacial, incorporada à arquitetura da cidade, estrutura também as aspirações e conflitos da personagem.

Cíntia nutre o desejo de ascender socialmente e integrar-se à alta sociedade, representada pelas colegas do Colégio Santa Teresa, "colégio tradicional de gente rica" (Cruz, 2021, p. 31). A instituição, fundada em 1894 e mantida pela Congregação de Santa Dorotéia do Brasil, localiza-se na Rua do Egito, no Centro Histórico, e funciona como um microcosmo das hierarquias sociais da cidade. É nesse espaço que a protagonista experimenta as primeiras tensões entre sua origem modesta e suas aspirações, levando-a a simular pertencer à elite. Candido, ao discutir a posição social do artista, lembra que "a obra depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam a sua posição" (Candido, 2006, p. 40). No caso de Cíntia, sua posição social inicialmente subalterna e sua posterior ascensão estruturam não apenas o enredo, mas também sua psicologia e suas relações interpessoais.

A ascensão econômica da família ocorre quando o pai de Cíntia, até então funcionário modesto, enriquece por meio de transações comerciais. Nas palavras da protagonista:

Mas meu pai possuía certa economia depositada num banco, parte de uma pequena herança. Fazia um ano, nessa época, que resolvera movimentar o capital. Retirou-o e fez transações tão rápidas e felizes - negociando arroz

entre o interior, a capital e o nordeste - que, em pouco tempo, disse a mamãe e a mim:
- Manejei o dinheiro de certa forma que teremos uma vida melhor à nossa frente (Cruz, 2021, p. 40).

Essa passagem reflete as transformações econômicas do Maranhão na década de 1950, quando o comércio de produtos agrícolas, como o arroz, possibilitava enriquecimento rápido para alguns, em um contexto de modernização incipiente e de permanência de estruturas arcaicas. Vellozo menciona que "os alimentos oriundos da agricultura e consumidos pelos habitantes da cidade vinham, grande parte, do interior do estado" (Vellozo, 2021, p. 92), indicando a importância do comércio inter-regional para a economia local.

Outro ponto importante é a cidade de São Luís, que, na narrativa de Arlete Nogueira, não é apenas cenário, mas elemento ativo na constituição da experiência das personagens. Candido, ao discutir a relação entre obra e meio, afirma que "a obra depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam a sua posição" (Candido, 2006, p. 40). Em *A parede*, as condições sociais são inseparáveis da geografia urbana, e a protagonista percorre espaços que funcionam como demarcadores simbólicos de posição social. A Rua da Alegria, onde reside inicialmente; o Colégio Santa Teresa, na Rua do Egito; a Praça João Lisboa; o Cine-Teatro Arthur Azevedo; o Cine Éden; o Viaduto da Avenida Pedro II; a Igreja dos Remédios; o Grêmio Lítero; o Liceu Maranhense, todos esses lugares compõem uma cartografia precisa da cidade e, ao mesmo tempo, configuram as possibilidades e limites da experiência social das personagens.

O Grêmio Lítero Recreativo Português, fundado em 1931 por empresários portugueses, aparece na narrativa como palco de eventos sociais decisivos, como a festa em que é eleita a "moça mais elegante de São Luís". Vellozo descreve o clube como "sempre bem frequentado, possuía todos os equipamentos de lazer como piscinas para crianças e adultos, salões de festas, salões de jogos, quadras esportivas, campos de futebol, etc." (Vellozo, 2021, p. 143). A inserção de Cíntia nesses espaços marca sua ascensão social, mas também expõe as contradições de sua posição: ela é aceita, mas permanece em uma situação ambígua, sempre à mercê do julgamento alheio.

Candido, ao analisar a configuração da obra, observa que "os valores e ideologias contribuem principalmente para o conteúdo, enquanto as modalidades de

comunicação influem mais na forma" (Candido, 2006, p. 40). Em *A parede*, a narrativa em primeira pessoa, que privilegia a introspecção, é profundamente influenciada pelas condições de comunicação da época: a ausência de um público leitor amplo e consolidado, a dependência de círculos restritos de sociabilidade, a importância da oralidade e dos salões como espaços de circulação literária. A própria existência do romance, escrito por uma jovem de menos de vinte anos e premiado pela Academia Brasileira de Letras, insere-se em um contexto em que a literatura ainda funcionava como importante instrumento de distinção social e de formação de elites intelectuais.

E sobre a dimensão política, o que percebe-se é que ela emerge em *A parede* não como discurso explícito ou panfletário, mas como elemento constitutivo da experiência das personagens e das tensões que estruturam a narrativa. A menção ao suicídio de Getúlio Vargas, em agosto de 1954, é particularmente significativa: "naquele mês de agosto, o país vivia uma crise política incontável, que culminou com o suicídio de Getúlio Vargas, tomando conta da opinião geral" (Cruz, 2021, p. 43). A referência não é meramente decorativa; ela situa a narrativa em um momento histórico preciso e revela a penetração dos acontecimentos nacionais no cotidiano das personagens. O pai de Cíntia, leitor assíduo de jornais como *O Combate* e *Jornal Pequeno*, e ouvinte do programa *A Voz do Brasil*, funciona como mediador entre o espaço doméstico e a esfera pública, transmitindo à família as tensões políticas que agitavam o país.

Vellozo, ao listar as principais manchetes da década de 1950, confirma a centralidade do suicídio de Vargas: "DIA 25/08/1954 – 'O PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS COMETE SUICÍDIO'" (Vellozo, 2021, p. 115). O evento, que abalou o país, é incorporado à narrativa como pano de fundo das inquietações existenciais de Cíntia, estabelecendo um paralelo entre a crise política nacional e sua própria crise identitária. Essa simultaneidade entre o individual e o coletivo, entre a crise subjetiva e a crise histórica, é um dos aspectos mais notáveis da construção romanesca de Arlete Nogueira.

As referências à política maranhense são igualmente precisas. Em uma passagem, o pai de Cíntia comenta a negociação envolvendo Tancredo Neves, o governador do Maranhão e Assis Chateaubriand:

- Há pouco mais de um mês, deu no jornal, o Tancredo Neves veio a São Luís, e nós dois comentamos isso na ocasião, acertar essa negociata com o governador, prometendo-lhe inclusive a Vice-Presidência da República na

chapa do Juscelino, caso ele, o governador, concordasse com a renúncia de um senador maranhense, a fim de abrir vaga para o Chateaubriand se candidatar pelo Maranhão, ele que havia perdido as eleições para senador na Paraíba (Cruz, 2021, p. 66).

O trecho refere-se às articulações políticas que culminaram na eleição de Juscelino Kubitschek em 1955 e na controversa eleição de Assis Chateaubriand para o Senado pelo Maranhão, episódio marcado por denúncias de fraude e manipulação política. A narrativa de Arlete Nogueira, ao incorporar esse evento, não apenas situa historicamente a trama, mas também revela a percepção crítica das personagens sobre a corrupção política. O pai de Cíntia comenta, indignado: "Será de matar de vergonha o povo maranhense! – Não espere outra coisa desse vitorinismo" (Cruz, 2021, p. 67). A menção ao "vitorinismo" refere-se ao domínio político do senador Vitorino Freire, que controlou a política maranhense entre 1945 e 1965, e cuja oligarquia era alvo de críticas por parte da oposição liderada por José Sarney.

Candido, ao discutir a função ideológica da literatura, observa que ela pode expressar "um desígnio consciente, que pode ser formulado como ideia, mas que muitas vezes é uma ilusão do autor, desmentida pela estrutura objetiva do que escreveu" (Candido, 2006, p. 55-56). Em *A parede*, a crítica política não é formulada como tese explícita, mas emerge das conversas entre as personagens, das observações do pai de Cíntia, da atmosfera de tensão que permeia a narrativa. A estrutura objetiva do romance, centrada na subjetividade da protagonista, filtra esses acontecimentos políticos através de sua percepção, que os assimila de forma difusa, mas não menos significativa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise empreendida buscou demonstrar como *A parede*, de Arlete Nogueira, internaliza em sua estrutura narrativa as determinações sociais e políticas da São Luís dos anos 1950. Inspirada na perspectiva teórica de Antonio Candido, que propõe uma crítica capaz de integrar texto e contexto sem reducionismos, a leitura procurou identificar os mecanismos pelos quais o social se torna elemento constitutivo da obra, e não mero pano de fundo ou conteúdo acessório.

Os resultados obtidos confirmam a fertilidade dessa abordagem, evidenciando que o romance de Arlete Nogueira não apenas situa sua trama em um cenário historicamente reconhecível, com referências precisas a acontecimentos, como o

suicídio de Getúlio Vargas, as articulações políticas em torno da eleição de Juscelino Kubitschek e o domínio da oligarquia vitorinista no Maranhão, mas também incorpora, em sua própria fatura, as hierarquias sociais, as tensões de classe e as contradições de uma sociedade em processo de modernização conservadora. A geografia urbana de São Luís, com seus espaços distintivos, funciona como demarcador simbólico de posições sociais, ao mesmo tempo que condiciona as possibilidades e os limites da trajetória ascendente da protagonista Cíntia.

Por fim, reafirma-se que o contexto de produção em *A parede* é um elemento ativo na constituição da estrutura narrativa, determinando escolhas estilísticas, a construção das personagens e a visão de mundo que a obra projeta. Ao fazê-lo, o romance de Arlete Nogueira oferece uma contribuição inestimável não apenas para a literatura maranhense, mas para a compreensão das complexas relações entre ficção e história, entre criação artística e experiência social, relações que esta pesquisa, buscou iluminar em suas múltiplas dimensões.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução: Antônio Mattoso e Antônio Queirós Campos. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CRUZ, Arlete Nogueira. **A parede**. 4. ed. São Luís; Teresina: Halley S/A, 2021.

LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra J. (Orgs.) **Discurso histórico e narrativa literária**. Campinas: Unicamp, 1998.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em perigo**. Tradução Caio Meira. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VELLOZO, Emílio José Guimarães. **São Luís: relatos e retratos de uma época: práticas e costumes, do início da década de 1950 ao final da década de 1970**. São Luís: Editora Pascal, 2021.

A PAREDE: UMA LEITURA INFANTOJUVENIL NA PERSPECTIVA CROSSOVER

Ana Luiza Martins do Nascimento¹

Tania Lima dos Santos²

RESUMO

O presente artigo tem por finalidade navegar pela singularidade da obra *A parede* (1961), da escritora maranhense Arlete Nogueira da Cruz. Em linhas gerais, a obra retrata a vida da adolescente Cíntia, que mente sobre sua condição financeira para suas colegas de escola com o intuito de agradá-las, e, após enriquecer, começa a enfrentar dificuldades para se encaixar na alta sociedade ludovicense. Mesmo o livro *A parede* escrito, originalmente, para o público adulto, ele pode ser lido e apreciado pelo público juvenil, considerando as temáticas leves, como o cotidiano de Cíntia, sua convivência com seus pais e sua vida na escola, lidando com suas amigas e com as desavenças que aparecem em seu caminho. A obra retrata temas juvenis, desse modo, o artigo visa caracterizar a narrativa como uma literatura *crossover*, tendência que explica um fenômeno comum no cenário literário atual, onde literaturas infantojuvenis caem no gosto de leitores mais velhos. Além dos temas juvenis, o livro apresenta uma linguagem simples, muito atrativa para o público leitor jovem. Primeiramente, caracterizamos a literatura infantojuvenil e depois o que é a literatura *crossover*, enfim correlacionamos a obra à tendência *crossover*. Para auxiliar a realização deste artigo, foi utilizado um aparato teórico amplo, e conta com os nomes de Teresa Colomer (2017), Beckett (2007), Kirchof (2013), Seixas (2023), entre outros estudiosos. Em suma, o artigo explica o que é a literatura infantojuvenil, seu surgimento e explicando como ela se caracteriza, desenhando o que é o *crossover fiction* e associando a tendência a obra *A parede*.

Palavras-chave: *Crossover fiction*; *A parede*; infantojuvenil

1 INTRODUÇÃO

A natureza da literatura infantojuvenil a transforma em um gênero abrangente, permitindo com nasçam histórias variadas, com temas leves e essencialmente livres para todos os públicos. Livros com a classificação infantojuvenil não são livros apenas para crianças, existem obras do gênero que escondem mensagens profundas, ou tratam de temas “pesados”, de forma leve, feita perfeitamente para atingir o público mais jovem. Entretanto, esse recurso não é utilizado para limitar o alvo, e sim para facilitar a experiência de leitura, e uma leitura fácil não se iguala a uma leitura ruim.

Existem inúmeras obras, que foram escritas para pré-adolescentes, ou adolescentes, que caíram no gosto de adultos. Esse fenômeno vem com a contemporaneidade, e como os conteúdos podem ser acessados com facilidade, e por questões individuais de identidade. Esse fenômeno ficou aparente no século presente, principalmente após o lançamento da saga *Harry Potter*, obra que

¹ Acadêmica em Letras e Bolsista de Iniciação Científica/PIBIC pela Universidade Estadual do Maranhão, campus de Itapecuru Mirim. E-mail: manaluiza455@gmail.com

² Doutora em Letras, professora Adjunta da Universidade Estadual do Maranhão, Campus de Itapecuru Mirim. E-mail: tanciasantos@professor.uema.br

aproximou o público juvenil e jovem adulto de forma significativa. O sucesso da saga entre jovens adultos é surpreendente, é possível observar o fenômeno se replicando em outros trabalhos do gênero infantojuvenil.

Esse fenômeno é denominado como *crossover fiction*, um gênero ascendente que caracteriza obras que agradam públicos distintos, que são unidos por uma paixão em comum, obras infantojuvenis. Mesmo que a caracterização desse gênero seja literatura juvenil que pode ser lida tanto por adultos quanto por jovens, o intuito deste artigo é realizar o contrário. A obra *A parede* (1961), de Arlete Nogueira da Cruz, é um romance contemporâneo, que conta a história de Cinzía, uma menina de origem humilde, que muda de vida após o pai enriquecer. O livro gira em torno da rotina dessa menina, contando parte de sua infância e adolescência, quando ela lida com situações do dia a dia, conflitos e suas próprias questões pessoais.

O livro tem como público principal o adulto, por conta do viés filosófico da obra, entretanto, existem outros aspectos que exprimem características do gênero infantojuvenil, principalmente a protagonista, que é adolescente. Este artigo tem como objetivo entender o que é a literatura *crossover*, e encaixar a obra *A parede* no gênero, primeiramente, caracterizando-a como uma literatura infantojuvenil.

2 A LITERATURA INFANTOJUVENIL

Antes de começarmos a falar sobre literatura *crossover*, precisamos entender o que é a literatura infantojuvenil. Por muito tempo, na história da literatura infantojuvenil, não existia distinção do conteúdo destinado a adultos, e o que era destinado para crianças, afinal não existia o conceito do que era infância. Esses conceitos foram desenvolvidos posteriormente, com os avanços dos estudos ligados à psicologia, quando a ideia de infância é finalmente concretizada, começam os cuidados com o material destinado a crianças. Entretanto, a história da literatura infantojuvenil não começa com o surgimento da ideia de infância, e sim muito antes, com contos como *Kalilawadimna*, que seriam histórias infantis indianas escritas há séculos (século III a.C).

Nessa época, essas histórias tinham um caráter social e didático, vinham acompanhadas de uma lição de moral, com figuras e linguagem simplificada, de uma maneira que torna o conto apelativo. Eram destinadas à nobreza, como foi dito, com o propósito didático, ensinando valores e morais da época. Colomer (2017) confirma que a literatura infantojuvenil sempre teve uma função socializadora para com as

gerações futuras. A partir desse ponto, essas histórias passam por processos evolutivos, ganham características próprias, sem perder o intuito de socializar e ensinar. Muitos dos valores são atribuídos ao período no qual aquela história fora escrita, então, são conteúdos um pouco datados, e muitos não compreendem os valores contemporâneos. Histórias como *Chapeuzinho Vermelho* (1697), *João e Maria* (1812), entre outras, foram grandes inspirações para esses contos juvenis, como Kirchof (2013) explica.

Mas as histórias como conhecemos hoje em dia, com sensibilidade e respeito à idade do público-alvo, são escritas apenas após a ideia de infância ser concretizada. Antes, crianças consumiam o mesmo que os adultos, sem censuras. Nelly Coelho (2002) pontua que, além das histórias infantis, surge a necessidade de agradar o público adolescente, um meio termo entre o que era considerado infantil e o maduro. Colomer (2013) pontua que, com as revoluções industriais, o gênero sofre mais mudanças, pois valores mudam, e a literatura se adequa à sociedade, ela transmite as ideias do período em que foi escrita. Agora, mesmo com o propósito didático reduzido, os livros infantis e juvenis ganham uma importância maior, adaptando-se às necessidades da modernidade. Eles passam a apresentar críticas sociais, combatem preconceitos e tratam de questões raciais e de gênero.

2.1. O que caracteriza a literatura infantojuvenil?

Desde sua criação, a literatura infantojuvenil ganhou um propósito na sociedade, o de ensinar, mas essa não é a única característica que define essa literatura, há muito mais nessas histórias. Não necessariamente serão tratados de assuntos exclusivamente juvenis, uma das características dessas obras é a sensibilidade, adequar a linguagem ao público leitor. As temáticas podem variar entre grandes aventuras, onde o interesse dos jovens se concentra, ou livros centrados no dia a dia, narrando o cotidiano, seja o convívio na escola ou o ambiente familiar. Aqui, já é possível citar livros infantojuvenis que caíram no gosto do público adulto, como *As crônicas de Nárnia* (1950), onde o autor, C.S Lewis traz aventuras, mas trata também da morte, amizade e lealdade, com animais falantes, reinos e bruxas.

Muito parecido, temos *Senhor dos Anéis* (1937) de J. R. R. Tolkien, a trilogia, um pouco mais séria em alguns temas, também traz um mundo mágico, cheio de anões, elfos e monstros, onde o protagonista precisa lutar contra as forças das trevas, Entretanto, J.R.R Tolkien deixa transparecer temas sobre guerra e perda, assim como

C.S Lewis com seus ideais religiosos, simbolizados na figura do *Leão* justo e piedoso. Essas histórias, mesmo que escritas para crianças, tocam em temas sérios, mantendo a leitura fácil e fantasiosa. No Brasil, entre os muitos exemplos de temáticas mais críticas e abordagens leves, nós temos o de *Uma ideia toda azul* (1979) de Marina Colasanti, um livro que fala sobre a criatividade, sobre a busca da identidade, temas que geram identificação, que cativam o público mais jovem.

Em nosso país, essa literatura não foge muito do proposto pelos autores estrangeiros, mas, é claro, os temas serão adequados ao cenário brasileiro. Aqui, ela surge por uma necessidade, essas narrativas eram parte de um projeto que visava atender os propósitos didáticos e educativos. Um nome muito marcante na literatura infantojuvenil brasileira é Monteiro Lobato, Kirchof (2013) aponta que Lobato influenciou muito o cenário literário infantojuvenil nos anos 50, onde a espacialização rural era predominante. A influência de Monteiro Lobato só perde a força na década de 60, por conta da evolução industrial do Brasil, então o cenário urbano passa a ser mais comum, conforme indica Kirchof (2013, p.2): “As temáticas representadas tornam-se, portanto, predominantemente urbanas, numa visão crítica, por vezes influenciada por concepções políticas de esquerda [...]”.

Dessa forma, a literatura infantojuvenil toma uma nova direção, trazendo para as narrativas os temas fraturantes, como destaca Seixas (2023),

Como o próprio nome sugere, temáticas fraturantes são aquelas que rompem algo, que estão quebradas, partidas, e, portanto, precisam de algum reparo. Essas são questões que precisam de um olhar mais atento para serem destrinchadas devido ao seu peso e a sua complexidade, mas, muitas vezes, são simplesmente ignoradas no dia a dia, sendo retomadas nas obras literárias como forma de afirmação da sua importância (Seixas, 2023, p. 81).

O ambiente bucólico transforma-se no cenário metropolitano. Esses temas tratam, em suma, sobre questões atuais, eles percorrem pelo racismo, pela perda, tudo que exige sensibilidade e cuidado, pois trata-se do emocional de crianças e adolescentes. Kirchof (2013), para explicar a literatura infantojuvenil no Brasil, divide-a em linhas de produção, citando-as rapidamente, temos: a vertente do realismo social, a vertente que reaviva a tradição do fantástico e do maravilhoso, a do mistério policial e a vertente intimista. Porém voltando aos anos 60, esse estudioso ressalta que essa mudança de temáticas, do rural ao urbano, teve influência, além das revoluções industriais, do aumento na demanda por livros do gênero, o número

crescente de obras publicadas influenciou no crescimento de escritores de literatura infantojuvenil. Quanto mais a literatura infantojuvenil cresce, mais popular e diversa ela se torna, e, como outros gêneros literários, continuam evoluindo e se adaptando às necessidades de cada período, absorvendo influências.

Um gênero que nasce com a contemporaneidade é o *crossover fiction*. Livros crossover conseguem falar de temas complexos, utilizando uma linguagem e abordagem que conseguem atingir o público adulto e infantojuvenil, possibilitando diferentes interpretações de uma mesma obra. Essas narrativas, como *A parede* de Arlete Nogueira, podem apresentar as características, ou a aptidão, que podem agradar ao público juvenil, tal como o adulto. Tomando por base a abordagem de Sandra Beckett (2009, p. 3-4):

‘Crossover literature’ (...) refers to fiction that crosses from child to adult or adult to child audiences (...) Both adults and children are able to share more or less equally, albeit in different ways, in the reading experience. Crossover fiction blurs the borderline between two traditionally separate readerships: children and adults (...) In fact, crossover literature addresses as diverse, cross generational audience that can include readers of all ages: children, adolescents, and adults.

Em sua fala a autora explica que a literatura crossover é uma literatura que cruza audiências, podendo se adequar a livros de crianças lidos por adultos, ou o contrário, que é o caso de *A parede*. Ela complementa postulando que essa literatura apaga a linha entre os dois públicos, e que conversa com um público diversificado.

3 CROSSOVER FICTION – uma tendência que navega entre públicos

Com a popularização de *Harry Potter* (1997), percebe-se que o público leitor não se limita ao infantojuvenil. Jovens adultos demonstraram grande interesse na saga do pequeno bruxo, e compartilham do mesmo amor que as crianças e adolescentes que a leram. O termo em si significa uma ligação entre duas coisas distintas, como explica Gimenez,

Na atualidade, observa-se seu uso em diferentes áreas - como música, cinema e esportes - para designar fenômenos que atravessam fronteiras previamente estabelecidas, sugerindo movimentos de deslocamento, troca e hibridização. Portanto, vocábulos como passagem, travessia, intersecção, cruzamento, híbrido, troca, permuta, alternância são possíveis sinônimos do termo (Gimenez, 2026, p.4).

De modo geral, apresenta a junção, ou cruzamento, de dois mundos distintos. Esse fenômeno é classificado como *crossover*, que seriam as obras literárias que podem ser lidas tanto pelo público infantojuvenil quanto pelo público adulto, uma literatura partilhada entre diferentes faixas etárias:

A questão das fronteiras entre a literatura para adultos e para crianças e jovens, seja pela via da diluição, da mudança ou do seu apagamento, tem continuado a proporcionar reflexão, sendo, em alguns casos, apresentada como uma tendência do panorama contemporâneo, refletindo a possibilidade de uma fusão de (sub)sistemas tidos como separados (Ramos; Vernon, 2015, p.289).

Ele quebra as fronteiras etárias, possibilitando que a obra seja apreciada por todas as idades. Esse fenômeno pode ser associado a alguns fatores. A principal explicação está correlacionada à identificação, à nostalgia que o público adulto sente ao ler essas obras, à sensação de voltar para infância,

O debate sobre a crossover fiction e a polêmica em torno do fenômeno das leituras partilhadas por crianças, adolescentes e adultos têm sido alvo de múltiplas e distintas interpretações, desde a infantilização da sociedade e da literatura, à procura nostálgica de uma certa recuperação da infância perdida, passando pela 'adultização' das crianças e dos jovens (Ramos; Vernon, 2015, p.289).

Outra explicação, e essa sendo mais simples, são as temáticas retratadas. A variedade que a literatura infantojuvenil apresenta não é apreciada apenas por crianças e adolescentes. Os mundos de fantasia também agradam adultos. Os estudiosos acima ainda ressaltam que a maioria dos livros infantojuvenis aclamados pelo público adulto não são aqueles em que a infância é *idealizada*, e sim os que apresentam temáticas de uma complexidade maior. No Brasil, um exemplo de livro infantojuvenil aclamado pelo público adulto é *Meu pé de laranja lima* (1968), de José Mauro de Vasconcelos. O livro narra a história de Zézé, um menino de cinco anos, que é inteligente, cheio de imaginação, e muito levado, o que acaba irritando os adultos de sua vida.

Zézé sofre muitas violências no decorrer da história, de seu pai, seus irmãos, até de colegas da escola. O livro cria um retrato sensível da percepção de Zézé sobre o mundo que vive, das pessoas com as quais ele convive. A narrativa, mesmo sendo dolorosa, ainda navega pelos mundos imaginários que ele cria. O livro se tornou um clássico da literatura brasileira, e ainda é lido até os dias atuais. Nessa ótica, podemos

associar ainda aquelas que apresentam um realismo crítico, conforme Teresa Colomer (2017) aborda, referindo-se a histórias de crescimento e amadurecimento que são acompanhadas de temas mais sensíveis. Mesmo que não acompanhem o amadurecimento de Zézé, a narrativa ainda trata destes temas.

Embora a *crossover fiction* aplique-se preliminarmente para caracterizar livros infantojuvenis também consumidos por adultos, é possível que o contrário também possa acontecer, ou seja, livros que foram escritos para adultos serem utilizados como literatura juvenil, por conta de sua estrutura e dos temas tratados. Beckett (2009) explica que esse fenômeno é uma via de mão dupla, que não pode ocorrer uma redução do seu sentido. Desse modo, a obra *A parede* pode ser pensada na perspectiva da *crossover fiction*, mesmo sendo um livro que originalmente tenha sido escrito para o público adulto, por conta de seu conteúdo, que se encaixa na esfera do que muitos jovens procuram na literatura, uma história na qual podem se identificar com as dificuldades que a protagonista enfrenta, com os medos de crescer e amadurecer.

Esses livros acabam por ampliar o reconhecimento de que jovens podem, sim, ler narrativas com conteúdo extensos e de difícil entendimento, pois “O poder da história e a força da narrativa, tão antigos como a própria humanidade, continuam a prender leitores, independentemente da sua idade e experiência leitora” (Ramos; Vernon, 2015, p.289); e ainda de que temáticas sobre amadurecimento são universais, algo que qualquer público, independentemente da idade, pode consumir. Gimenez explica que “A separação entre literatura infantil, juvenil e adulta consolidou-se a partir de critérios que envolvem não apenas aspectos formais e temáticos, mas também concepções específicas de leitor, desenvolvimento cognitivo e função social da leitura” (2026, p.8), entretanto, Beckett (2009) postula que a literatura *crossover* cria discussões acerca da separação do universo leitor juvenil e adultos, questionando se há uma idade certa para ler um livro.

4 A PAREDE – uma narrativa crossover

Como foi explicado, mesmo que a ficção crossover aplique-se, principalmente, a obras destinadas ao público infantojuvenil que caíram no gosto do público adulto, o contrário também pode acontecer, o que pode ser o caso de *A parede*, como iremos ver a seguir, analisando as temáticas retratadas na narrativa. Entretanto, para classificar

A parede como uma literatura crossover, é preciso entendê-la como uma literatura infantojuvenil.

O primeiro ponto que podemos associar à literatura infantojuvenil é a linguagem acessível. Para conseguir atender o público juvenil, é preciso que o autor se atente à linguagem que utiliza em suas obras, muitas crianças e adolescentes vão se atrair por obras que consigam entender com facilidade.

Em *A parede*, Arlete Nogueira utiliza uma linguagem simples para época, que pode parecer até atual para os dias de hoje, como podemos ver no trecho a seguir retirado da obra:

Possuímos, fisicamente, alguns pontos em comum: éramos aproximadamente de um metro e sessenta e dois centímetros de altura, magras, tínhamos aquela mesma tez morena descorada das maranhenses, e as mesmas orelhas salientes. Mas, Luísa tinha mais consciência de si, mais lugar dentro da vida, era mais definida e muito inteligente. Possuía um olhar tão firme, luminoso, que intimidava a gente: e eu tinha medo (Cruz, 2021, p.46).

Em outros trechos, a autora utiliza alguns termos que, hoje em dia, podem ser considerados datados – lembrando que a obra foi escrita nos anos 60 – entretanto, são ocorrências raras, um exemplo é “*Rouge*”, usado antigamente para tratar do “*Blush*”. As temáticas do livro contribuem, assim como as outras características acima, para sua classificação como literatura crossover. Retomando brevemente o enredo da obra, nós nos deparamos com uma adolescente tentando se descobrir na alta sociedade ludovicense na qual acabou de adentrar por conta da ascensão social repentina do pai. Assim como em *Meu pé de laranja lima*, *A parede* narra o dia a dia de Cíntia, suas desavenças e conflitos com seus colegas e com os seus pais. Em especial, *A parede* traz temas específicos da adolescência de uma menina.

Assim, podemos associar a *realidade crítica* postulada por Colomer (2017) – explicada anteriormente no artigo – com alguns conflitos que Cíntia precisa enfrentar, em especial, sua realidade como uma filha adotada. Ela questiona se pertence a sua família, e se as circunstâncias de seu nascimento poderiam influenciar quem ela é. No decorrer da narrativa, ainda vemos Cíntia lidar com a exclusão, e com as frustrações de um primeiro amor fracassado.

O último fator que contribui para a caracterização de *A parede* como uma literatura infantojuvenil, é a própria literatura *crossover*, que aproxima o público juvenil de livros que inicialmente não eram destinados a ele. Já citamos exemplos como *Harry*

Potter e *Percy Jackson*, como literaturas infantojuvenis que acabaram caindo no gosto dos adultos, mas agora, e o contrário? Um livro que podemos citar é *O diário de Anne Frank* (1947), sabemos que ele não é um livro especificamente adulto, mas assumimos, por conta das temáticas (holocausto, violência e morte), que ele deve ser, preferencialmente, lido por este público.

Analisando por outro lado, *O diário de Anne Frank*, além de ser autobiográfico, é um diário real de uma menina que viveu a época do holocausto, e considerado um documento histórico, que narra a vida e experiência de uma pré-adolescente. Anne, por mais que sua realidade como uma menina judia seja um retrato triste da época, não deixa de agir e escrever sobre suas vivências como adolescente, seus amigos, sua época de escola, desavenças e brigas. Além de escrever sobre seu ciclo social, *O diário de Anne Frank* é um livro que trata de temas sérios e importantes, na visão de uma menina, o que, para o público jovem, pode ser um atrativo. Um adendo para a importância do livro é sua possibilidade de uso didático, particularmente no ensino de jovens sobre a segunda guerra mundial nas escolas, uso que também constitui uma das características gerais da literatura infantojuvenil. *A parede* pode apresentar a mesma importância didática, embora não discorra sobre os mesmos temas que *O diário de Anne Frank*, pode gerar identificação, principalmente entre as adolescentes, além de retratar o cenário histórico de São Luís.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi suscitado anteriormente, *A parede*, de Arlete Nogueira da Cruz, assim como muitas outras obras do cenário literário atual, pode ser lida por um público leitor diverso. Este artigo buscou destacar as principais características que facilitam a associação da narrativa com o fenômeno que conhecemos como *crossover fiction*. O que torna a literatura infantojuvenil latente e suscetível a um dos gêneros literários que mais aproxima diferentes faixa etária é a relação que o autor cria entre o leitor e a narrativa.

Em *A parede*, Arlete estreita a relação entre o leitor e as narrativas cotidianas por meio das expectativas frustradas de Cinzia acerca de sua vida e posição social da personagem. Essa conexão torna os relatos de Cinzia mais verossímeis e convence o leitor a se identificar ou simpatizar com a protagonista.

A princípio, foi realizada a caracterização da literatura infantojuvenil, considerando suas raízes mais antigas, e explicando como ela evoluiu até chegar ao

modelo que conhecemos hoje em dia. Vemos a origem didática dessas obras, e como, com a descoberta do conceito de infância, ela é adaptada e evolui para atender, de forma responsável, ao público infantojuvenil.

Em sequência, explicamos o que é literatura *crossover*, a amplitude do termo, e como podemos relacionar essa tendência à obra *A parede*. Além de apresentar uma linguagem acessível que transcende a época em que a narrativa se passa, alcançando a atualidade, a obra cria um diálogo entre as questões sociais e juvenis da protagonista. Esses atributos consolidam o romance contemporâneo de Arlete como um reflexo da literatura ficção *crossover*.

REFERÊNCIAS

BECKETT, Sandra Lee. (2009). **Crossover Fiction: global and historical perspectives**. New York/London: Routledge.

CRUZ, Arlete Nogueira da. **A parede**. 4.ed. São Luís, Teresina: Halley S/A Gráfica e Editora. 2021.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2002.

COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infanto e juvenil atual**. 1.ed, Global Editora, São Paulo 2017.

GIMENEZ, Queila da Silva. Entre-lugares da literatura: uma introdução ao conceito de ficção *crossover*. **Cadernos Cajuína**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. e1677, 2026. DOI: 10.52641/cadcajv11i1.1677. Disponível em: <https://v3.cadernoscajuina.pro.br/index.php/revista/article/view/1677>. Acesso em: 19 fev. 2026.

RAMOS, Ana Margarida; VERNON, Richard. Das dores de crescimento à dor de existir: representações literárias de adolescências feridas. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, vol. 37, núm. 3, jul-set, 2015, pp. 287-295. Disponível em <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307441782008>) Acessado em 19 fev. 2026.

SOUZA, Luana Soares de. Literatura infantojuvenil II. *In*: **Literatura infantojuvenil**, KIRCHOF, Edgar Roberto; PEREIRA, Mara Elisa Matos (org). 1. ed. InterSaberes, 2013. 38-39.

SEIXAS, Maria Victória Ruela de. **A literatura crossover de fantasia e as temáticas fraturantes em Harry Potter e o prisioneiro de Askaban e Porém bruxa**. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/40832>. Acesso em 19 fev. de 2026.

O IMAGINÁRIO DO TEMPO E A SIMBOLOGIA POÉTICA DO ABANDONO EM LITANIA DA VELHA, DE ARLETE NOGUEIRA DA CRUZ

Gabrielle Mendes Fernandes³
Antonio Aílton Santos Silva⁴

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de analisar a obra *A Litania da Velha* (2002), de Arlete Nogueira da Cruz, dimensionando a perspectiva simbólica e os imaginários na obra. Discute o imaginário do percurso do tempo relacionado à personagem Velha, em suas próprias prerrogativas, enquanto mulher eivada de memórias, e como expressão alegórico-simbólica da cidade de São Luís, o que concerne a uma simbologia poética do tempo desagregador e do abandono, bem como condição alegórica, humana e feminina. Entende que tanto a forma do poema em si, quanto a imagética da linguagem e, em outros níveis, a personagem em seu próprio percurso temporal implícito e seu périplo pela cidade são alegoricamente instauradores de dimensões simbólicas polissignificativas desse discurso poético. Explora a condição simbolicamente manifesta da memória, do esquecimento e do corpo feminino. Este trabalho constitui-se como um recorte do projeto de pesquisa *Imaginários Femininos na Poesia*, aprovado em edital Primeiros Passos na Ciência da UEMA/Campus Itapecuru, perspectivando aqui a referida obra, da autora em questão. Trata-se de pesquisa bibliográfica, exploratória, de abordagem qualitativa, na linha da hermenêutica do imaginário, unindo dialogicamente correntes interpretativas do Imaginário (Ricoeur, Durand, Bachelard), do tempo (Heidegger) e do encontro ser-mundo (MerleauPonty) na análise da poesia, tendo como lastro uma compreensão maior da teoria da lírica (Bosi; Benjamin, Eagleton). A pesquisa conclui com um mergulho nessa lírica memorial, alegórica e intimista, em que a personagem Velha, lançada no mundo, torna-se o corpo simbólico da memória ambulante e o templo da própria ruína, ao mesmo tempo representando e encarnando alegoricamente a cidade de São Luís como o espaço hostil que a massacra.

Palavras-chave: A Litania da Velha; Arlete Nogueira da Cruz; imaginário; tempo; São Luís.

1 INTRODUÇÃO

“Uma hora compõe-se de fugitivos instantes. Tudo o que dela já debandou é passado.” (Santo Agostinho, Confissões, Livro XI, 10)

Submerso em uma poética ao mesmo tempo imagética, memorial e simbólica, *Litania da Velha* (2002), livro-poema da escritora maranhense Arlete Nogueira da Cruz, traz em sua tessitura e temática uma densa alegoria reduplicada, assim como a construção de um imaginário experiencial do tempo através da personagem Velha. Conduzindo o olhar do leitor em seu périplo, essa protagonista lírica é marcada tanto derrisão do corpo quanto pela inserção na decadência do espaço que a rodeia, o Centro Histórico da Cidade de São Luís do Maranhão, o qual se manifesta como

³ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão/Campus de Itapecuru Mirim. E-mail: gabriellemendex@gmail.com

⁴ Doutor em Letras – Teoria da Literatura (UFPE), docente na Universidade Estadual do Maranhão/Campus de Itapecuru Mirim. E-mail: ailtonpoiesis@gmail.com

espelho do corpo da andarilha, ao mesmo tempo que esta, assim como a cidade, sofre a displicência e o abandono social.

A obra explora de maneira narrativa/descritiva a jornada da velha mendiga, sua luta nas ruas de São Luís e a vida nos destroços dos grandes casarões do Centro Histórico. Arlete exprime o efeito do tempo sobre o ser e a vulnerabilidade a que a matéria (o corpo feminino) está sujeita, ao retratar a cidade semelhantemente como um “corpo” a ser preservado. E é o forte caráter alegórico presente na obra que instiga o leitor a criar imagens e analogias tanto da Velha quanto da cidade propriamente dita, permitindo se estabelecer uma ligação de remissões múltiplas entre dois corpos, um material e outro simbólico.

Considerando tais aspectos, o presente trabalho busca analisar e discutir as particularidades de sentido constituídas pelo imaginário presente na obra de forma geral, tanto em sua construção formal quanto em sua temática, em coadunação com as relações simbólicas implicadas, com foco nos aspectos acerca tempo, da memória e do abandono, com seus impactos no corpo feminino.

Trata-se de um recorte do projeto de pesquisa intitulado *Imaginários Femininos na Poesia*, o qual aborda a poesia de Arlete Nogueira e da poeta Luiza Cantanhede – escolhendo-se aqui, pela proposta em vista, focalizar apenas a primeira –; projeto este aprovado em edital *Primeiros Passos na Ciência* da UEMA/Campus Itapecuru. Desenvolve-se uma abordagem na linha da hermenêutica do imaginário, unindo dialogicamente correntes interpretativas do Imaginário na análise da poesia, tendo-se como lastro de compreensão maior a teoria da lírica.

2 O IMAGINÁRIO E A FEIÇÃO DO TEMPO EM *LITANIA DA VELHA*

2.1 Imaginação e imaginário na poesia

O que um texto suscita à nossa interpretação e à nossa imaginação está atrelado à forma como determinados imaginários nele se estabelecem, inseparáveis de sua linguagem, de modo que o que é dito flua nas instâncias de “como” é dito. Em se tratando do texto poético, seus possíveis sentidos estão entranhados numa rede imagética, imaginativa e em espessuras imaginárias, sem as quais o leitor pouco expandiria seu próprio ato interpretativo e imaginativo.

Diante desses pressupostos, é necessário considerar que se o que impulsiona uma obra literária ou, neste caso poética, conforme Bachelard (1996), é a imaginação

criadora, a rede ou tessitura de seu *imaginário* não pode deixar de ser investigada, e talvez jamais deixará, de um modo ou de outro, mesmo que apreendido apenas como recurso a outras abordagens. No entanto, como afirma o fenomenólogo da *imaginação criante* (Bachelard, 1996, p. 5), “é pela intencionalidade da imaginação poética que a alma do poeta encontra a abertura consciencial da verdadeira poesia”.

Nessa relação, apreende-se o imaginário como um construto ou cadeia de imagens que lastreiam e significam o discurso poético em nível enunciativo, discursivo e simbólico, as quais permitem, na interpretação, *Legros et al* (2007) ultrapassar as projeções puramente formais ou materiais na percepção dos horizontes de escrita, para compreender as formas de experiência de vida, uma vez que “as relações entre o imaginário e o real revelam a complexidade da condição humana. Das lembranças da infância aos desejos da idade adulta, das angústias reprimidas às projeções do futuro” (*Legros et al*, 2007, p. 17). Mais adiante, sobre as interpretações do imaginário, esclarece:

O imaginário não é uma forma social escondida, secreta, inconsciente, que vive sob as fibras do tecido social. Ele não é o reflexo, o espelho deformado, o mundo revirado ou a sombra da realidade, uma sociedade subterrânea que cruzará profundamente os esgotos da vida cotidiana, mas ele estrutura, no fundo, o entendimento humano (*Legros et al*, 2007, p. 111).

Por outro lado, de acordo com Wunenburger,

[...] o imaginário faz parte do que se denominará holístico (totalidade) e não do atomístico (elemento). O imaginário pode ser descrito literalmente (temas, motivos, intrigas, cenários), mas também suscitar interpretações, pois as imagens e os relatos costumam ser portadores de um sentido secundário direto (Wunenburger, 2007.p.12).

Essa “totalidade” descrita por ele aponta, relação ao leitor (neste contexto), que este não é somente um expectador da obra, mas que ele enxerga além dessa dad atômica, ou seja, ele *cria* um ambiente, um sentido para além do pontual e da superfície do imaginado. É através desse senso imagético que o receptor se conecta, por seu turno, seja por meio de uma pintura, de um objeto ou, progressivamente, da leitura.

Apropriando-se desse olhar, para análise perceptiva na obra consideram-se aqui três níveis fundamentais do imaginário: o nível imagético, o nível da configuração poético-narrativa (uma vez que se trata de um poema em enunciação narrativa, a

qual, por sua vez também organiza o tempo em narrativa, e o nível simbólico, que institui um imaginário latente e mais profundo, concebendo, de qualquer modo que não existe separação entre eles, na configuração poemática, a não ser em termos do que se pode discursivamente particularizar.

2.2 O imaginário do tempo em *Litania da Velha*

O imaginário presente na poética de Arlete se mostra desde o início atravessado pela presença avassaladora do tempo, o qual impulsiona o espaço (um espaço outro), e que se manifesta inicialmente como *recordação*. Imagetivamente, se concretiza na evocação de “campo de jenipapos” e dos “bois da infância”, em contraste com o representado pela personificação da Velha e seu corpo em ruína, o qual, imerso nos destroços da cidade, torna viva as memórias de um tempo que não existe mais senão como o que assoma afetivamente à lembrança, “às cordas” do coração”/do vivido. Uma imagem, enfim, que “traz à tona o guardado” da infância, mas que se esvairá ao longo do esquecimento:

O tempo consome o silêncio e mastiga vagaroso a feroz injustiça.
O campo se perde embebido em jenipapos para a manhã sufocada.

Os bois da infância ruminam sua paciência e espreitam essa audácia.
— O tempo dói na ferida aberta da recordação.

(Cruz, 2002, p. 19)

Já neste início, surge essa imagem do tempo como o grande devorador, que intensifica a condição já pressuposta do abandono no plano do expressar e do habitar, o silêncio, e no plano social, existencial: “a feroz injustiça”, e que a passagem do tempo como um lento mastigar permite abrir-se para essa porta possível: “O tempo dói na ferida aberta da recordação”.

Esse imaginário, em *Litania*, encarna o tempo através da personagem Velha, e transfigura-se no espaço e dimensão da cidade escareada que ela também passa a representar em sua compleição e sua memória. As lembranças fazem viva a própria existência e memória da cidade refletidas através do corpo da Velha, mostrando que, o tempo corrói não só o corpo, mas também as lembranças, transformando a Velha na imagem poética da cidade.

A passagem do tempo presente no poema é caracterizada, de um lado, pelo tempo experiencial (Husserl, 2002), esse tempo íntimo e subjetivo que a personagem

carrega, e que se constitui como um lugar outro, fluido, que permanece, que suas lembranças arrastam como sobrevivência do passado, que justamente está aberto na duração da memória: “O dia de há muito não tem noite e a noite para ela não tem dia/ [...] A vida se inteiriza assim sem a trégua do seu intervalo” (Cruz, 2002, p. 24). E, de outro lado, o tempo objetivo, cronológico, idealizado ou constituído nas ciências físicomatemáticas, as quais buscam, trabalham e calculam sua exatidão, é, portanto, passível de ser medido, linearizado, o que acarreta sua precipitação e irreversibilidade (Silva, 2018). Ele se expressa na cronologia impiedosa que escareia o corpo e mesmo a própria cidade à qual esse corpo representa (e vice-versa): “A rua, de novo, é caminho que a leva para a passagem das horas”; “O tempo sacrifica essa doce esperança e vomita seu fel” (Cruz, 2002, p. 23; 50).

Tais feições do tempo aparecem metaforizadas na dimensão imagética do discurso poético, mas também em termos alegóricos pela remissão das representações velha – cidade. Importante frisar que, na obra, esse tempo que se alastra através das memórias da Velha, da degradação causada pelo tempo repercute na paisagem na qual ela se torna a andarilha, de tal modo que se pode estender as vinculações de sentido, como se vem fazendo, para uma relação alegórica entre a cidade e a Velha. Isto é, do mesmo modo que Walter Benjamin vê na poesia moderna do francês Charles Baudelaire o pressuposto de alegorização da cidade, é perceptível que Arlete Nogueira da Cruz, estudiosa de Benjamin também tece essa relação, em que a matéria de um é representada na matéria do outro (Benjamin, 1989, p. 81). E aí, não se trata de uma simples relação metafórica, mas de uma tal relação em que a compreensão de uma se dá pelo que *acontece* à outra.

A partir dessa relação alegórica, portanto, os sentidos são estendidos no sentido de que o tempo íntimo, a memória e a injustiça que ocorrem com uma podem ser pressupostos em relação à outra e aos sujeitos que a compõem (e que se encontram na passagem da velha: sobradões, cachorro perdido, criança, pescador, camelô, mulher, passante...). Consequentemente, a duração, a ruína e a própria morte não pertencem a apenas um dos elementos, mas à dimensão autoespelhada que ecoa nas duas, propagadas nos corpos: “O sobrado desaba sob a complacência de quem lhe espreita essa queda”; “A pele enrugada é uma árida terra sem sementes de anseios” (Cruz, 2002, p. 32; 42).

Na obra, o tempo não é impessoal. Se em sua condição de temporalidade objetiva é simbolizado como um titã devorador, aproximando-se da mítica do deus

Saturno, aquele que engole e vomita seus filhos (“consome”, “sacrifica a esperança”, “vomita”...), em sua recorrência íntima está presente em cada impacto, em cada atitude e reverberação do passado, mesmo na presença afetiva das tralhas recolhidas como companheiras de jornada, ultrapassando seu caráter de utensílio, bem como personagem que “castiga”. Por outro lado, neste sentido, ele também é utilizado como instrumento, como ferramenta dos homens que o calculam ou utilizam de acordo com seus interesses espúrios, ao “[apressarem] a gentil despedida” (Cruz o tempo é, de certa forma é alterado através das ações humanas que solidificam destruição do centro histórico. É importante observar que tais homens, senhores do tempo, são os “observadores” nos sobrados – posição que instaura o imaginário da opressão eivada de “superioridade”.

Para Heidegger (2009), o ser se define como projeto e projeção em relação à temporalidade, a qual não está somente ligada a ela mesma “fora de si” e nas fundamentações e conceitos que a formam, mas é a essência da própria existência, sem derivações. Na obra essa temporalidade é intrinsecamente ligada ao próprio sentido do existir da Velha (imagem do ser temporal) e pela memória: “*O tempo dói na ferida aberta da recordação*” reforçando um passado, a repetição dele mesmo. O tempo, enquanto *facticidade*, impiedoso recorda e denuncia a iminente ruína tanto da andarilha – “*A catarata nos olhos empasta azulada*”, a que a catarata se torna imagem do tempo – quanto da cidade: “*A antiga cidade é uma ilha que se desfaz em salitre*” (Cruz, 2002, p. 33), em que o tempo se torna a matéria constitutiva, o ser *espaçotemporal* da cidade: “antiga”, “ilha”, “salitre” (esta última imagem apresentando o efeito corrosivo e desagregador do tempo).

Como personagem/agente principal do esquecimento, por outro lado, o tempo corrói a dignidade: “O tempo sacrifica essa doce esperança e vomita seu fel” (Cruz, 2002, p. 50), pelo efeito destrutivo da própria produção e a fragilidade do esquecido – “*O tempo consome o silêncio e mastiga vagaroso a feroz injustiça*”. Ele é a prova da finitude. Por sua vez, como experiência do ciclo, “[...] *ignora a amanhã que cresce sem ela*”, suspende a consciência do agora, da perceptividade, a passagem de tempo, quanto lança o sujeito na insignificância de sua própria existência. Neste sentido, evidentemente o mundo não é eliminado da relação com o sujeito (a Velha) enquanto fenômeno, e mesmo enquanto condição prévia, uma vez que, como esclarece Merleau-Ponty (1999, p. 1), “o mundo [...] está sempre ‘ali’, antes da reflexão, como

uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo”.

No caso específico da personagem, porém, o que se torna patente é sua incapacidade consciencial de lidar com esse mundo em que a rodeia, enfim, na existência na qual foi “lançada”, o que não elimina também, por outro lado sua participação como existente nessa paisagem conjunta de esquecimento, tornando-se o pivô narrativo dessa paisagem, a cidade.

3 A CIDADE E A VELHA, A VELHA CIDADE

No que diz respeito à cidade, a obra retrata a paisagem personificada de uma cidade que outrora espelhava grandiosidade e resistência (vigor) e agora vê-se esquecida no tempo, “precária” e repleta de sonhos frustrados: “*A rua se reserva precária aos passos vacilante, entre lembranças*”; “*A sacola esconde improvisos da vida e ganhos equivocados*”; “*Os dedos são ímãs catando do lixo a pomba dos dias*” (Cruz, p. 20; 37).

São Luís, metonimicamente representada por seu Centro Histórico, é esta cidade “quatrocentona” de corpo derruído e casas escareadas que decaem sob as janelas sorridentes dos que mantêm ainda seus sobradões de pé. Em dois versos avassaladores do poema (p. 48), a poeta rasga esse véu do poder, nomeando simbolicamente os que têm o coração endurecido: “Os filhos da pedra investigam de longe o temor dos vencidos”, cujo duro silêncio exala um enigma (o enigma que corresponde à própria detenção da ordem, da não revelação do seu pensamento): “O vento sibila um enigma que se converte em profundo silêncio”. E logo depois (p. 49), dá-se o golpe de misericórdia, e que a própria memória já é sequestrada/apunhalada pelo horror: “O punhal enfiado no desvão da memória perfura o horror”. Significa também perpetrar essa cidade como *símbolo* fraturado. Se o símbolo joga sempre com dois lados, o presente e o ausente, aqui a memória (o ausente) já não terá mais seu correspondente preservado. Quem conserva a memória são os sujeitos, mas se estes sujeitos são vencidos e exterminados, já não há memória nenhuma, nem reencontro possível, só há silêncio – e alegoria.

Conjuntamente, Silva (2002) perceberá nessa cidade “menos uma tessitura material que um itinerário existencial”, o que remete diretamente a uma simbólica do passeio e da *flanêrie* (deambulação) da Velha em seu périplo sem rumo pela cidade,

cujo papel poético, ou recurso, é também guiar o nosso olhar sobre esta cidade. Assim expõe o autor:

[...] as ruas são o caminho asfixiante das horas, a natureza deixa de ser o território da comunhão, para se constituir no espaço do conflito [...]. Em *Litania da Velha*, a cidade não é apenas a ilha de São Luís, transida entre o passado que não se preserva, o presente que esmaga e o futuro desconhecido e ameaçador, mas a própria metáfora de uma territorialidade arruinada pela força predatória de certos projetos civilizatórios que, em vez de humanizarem, instauram os vetores de uma indisfarçável e inescapável barbárie (Silva, 2002, p. 149).

É nesse entrelaçamento poético solene que a pele enrugada remete à ruína e a boca maltratada remete às casas escareadas “chorando o seu flúor”. A São Luís de *Litania da Velha* é uma São Luís em severa denúncia, que ainda se sustenta em sua memória empedrada, mas se encontra castigada pelos anos, porque à revelia de seu tempo íntimo e de sua beleza memorial, daquilo que guarda em seus ciclos temporais, ela se encontra à mercê do tempo objetivado, desse tempo que calculado impassivelmente para sua queda, e para o enigmático apunhalamento da sua memória.

4 A SIMBOLOGIA POÉTICA DO ABANDONO EM LITANIA DA VELHA

Em *Litania da Velha*, a degradação do corpo, intensificado pela figura feminina da Velha ressignifica, como se vem discutindo, a protagonista e a cidade, nos termos dessa protagonista, sem companheiro, sem filhos, em dolorida solidão e abandono. Tal condição é apresentada formalmente não em termos de uma narrativa convencional, mas de uma construção lírica que permite ao mesmo tempo organizar um modo narrativo e configurar um pathos lírico, em versos que intensificam o “padecer” pelo seu tom solene, litânico. Aqui, a Velha e a cidade são as vítimas retratadas desse abandono.

Ao considerar o imaginário da ruína e do abandono, é importante relembrar o que diz Bachelard sobre a emergência da imagem no poético:

A imagem poética é uma emergência da linguagem, está sempre um pouco acima da linguagem significante. Ao viver os poemas temos, portanto, a experiência salutar da emergência. Trata-se, sem dúvida, de emergência de pequeno alcance. Mas essas emergências renovam-se; a poesia põe a linguagem em estado de emergência (Bachelard, 1993).

Diante dessa proposição, observa-se que a imagem poética construída no *Litania* atua justamente como o que Gaston Bachelard denomina "emergência": uma força que renova a linguagem e coloca o leitor em estado de urgência imaginativa. É a partir desta que se ressignifica a obra na fusão entre o corpo senil e o espaço urbano decadente. Se "o corpo da velha pesado de panos e ossos são ondas de enjoo" (Cruz, 2002, p.28) , o organismo torna-se o templo da própria ruína, lembrando que "O *analogon* que a imagem constitui nunca é um signo arbitrariamente escolhido, é sempre intrinsecamente motivado, o que significa que é sempre símbolo" (Durand, 2002, p. 29).

Estendida, pois, a analogia, à cidade, "As casas, à sua passagem, são cáries de dentes chorando o seu flúor". A expressividade, o figurado em "*caries*" para representar o descamar das velhas tinturas, das paredes em seu real abandono a melancolia em algo velho, desgastado. Ela transfigura a imagem da cidade quanto da personagem Velha através de analogias, fazendo com que o leitor crie nele as próprias imagens (o senso imagético) acerca dessas descrições, instigando não só uma conexão entre o leitor a personagem/cidade, mas a identificação do descascar das paredes das casas *refletidos* em dor biológica. O verso transfigura, instigando no leitor o que Gilbert Durand (2002, 194) classifica como o imaginário da finitude, numa eufemização do tempo, a face ameaçadora do tempo, e da própria da morte e dos ecos da morte sobre a vida.

O abandono e a pulsão de morte impostos pelo tempo são tanto mais sentidos porque há uma personificação onipresente tecida pela reciprocidade simbólica estabelecida. Assim, é que lemos: "*O mato desce sobre as paredes como cabeleiras protegendo a nudez / As antigas alcovas se abrem em cloacas na incontinência dos restos*" (Cruz, 2002, p. 30). O abandono aqui não é obviamente da natureza, a única que recorre a esse cenário e com ele se entrelaça como índice da derrisão, mas dos humanos que poderiam/deveriam amparar ambos os personagens.

Numa outra perspectiva, em nível mais profundo, é preciso se observar também a instauração de uma dialética entre a subjetividade da Velha e o tempo objetivo dos "filhos da pedra" (a elite detentora do poder e do espaço que habita a cidade). Enquanto a cidade dos sobrados representa a rigidez do poder, a Velha encarna a memória que se esfarela: "Os dedos procuram a tragédia dos anos nos relicários das coisas, / Os trapos guardados são respostas mofadas sob o olhar curioso" (Cruz, 2002, p. 39).

Nesses versos, os objetos deixam de ser matéria para se tornarem tempo cristalizado e mofado: uma imagem bachelardiana da intimidade corroída. A velhice é descrita como uma esterilidade ontológica: “A pele enrugada é uma árida terra sem sementes de anseios”, onde o corpo-solo não permite mais o florescer do desejo, restando apenas a poeira do abandono. Já em: “A lágrima desce como salsugem da flacidez dos seus anos”; “A velha cata os pertences no quarto que exhibe sua miséria / A sacola esconde improvisos da vida e ganhos equivocados (p.20)” (Cruz, 2002, p. 33; 20). A poética do abandono, ou seja, a imagem poética construída pelo/a partir existir abandonado, desaba sobre a insignificância dos anseios da Velha e de sua produção de “desutensílios”, permeados por sua vulnerabilidade. A narrativa de que sua vida assim como seus sonhos são meramente carregados pelo descaso, culminando na degradação das lembranças assim como na representação da Velha.

De outro lado, a tristeza deixa de ser um sentimento interno para se tornar um fenômeno meteorológico e visual, fundindo o olho que vê e o mundo visto: “A catarata nos olhos empasta azulada a transparente tristeza, / O olhar conformado desconfia do tempo que denuncia a tragédia. // O céu, de medonhas nuvens, se acinzentava para o barulho e o brilho, / A chuva destila respingos que perfuram os ferros da dor.” (Cruz, 2002, p. 41): A “catarata azulada” e a “chuva que perfura” são imagens de uma agressão constante do tempo sobre a sensibilidade.

Lembrando Alfredo Bosi (1977), a analogia dá “peso de matéria” ao poema e, desse modo, a flacidez, a salsugem, o mofo e o ferro não são apenas descrições, são símbolos de um abandono simultaneamente físico, urbano e metafísico. Aqui, sob a ótica de Bachelard (1993) – à qual Bosi provavelmente alude, ao falar de “peso da matéria” –, a imaginação material do abandono é moldada pela tensão entre a rigidez da pedra, o tempo objetivo e o poder dos “filhos da pedra”, e a corrosividade da água, a chuva e as lágrimas que perfuram a memória. Enquanto o espaço urbano se fragmenta em cáries e mofo, o corpo da Velha, por sua vez, se torna a árida terra onde o tempo não flui, mas “vomita seu fel”. Essa convergência simbólica revela que o abandono, longe de ser um vazio, é uma presença densa, onde a subjetividade da personagem e a decadência dos sobrados se fundem em um único e solene *pathos* lírico.

Essa melancolia narrativo-descritiva, assim como os aspectos formais litânicos da obra, em versos longos e solenes como uma triste caminhada, tornam a obra de Arlete Nogueira da Cruz uma das mais importantes do cenário brasileiro que

expressam o *ser humano* e o *ser do seu espaço* (*seres de tempo*) como experiencialmente e vivencialmente indissociáveis e submetidos às mesmas leis do tempo e do poder que dilui, desagrega e abandona, expressando também seu apressamento pela cidade, São Luís do Maranhão, como fez em outra obra sua, *A colheita*, publicada em 2017.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Arlete Nogueira da Cruz em sua obra *Litania da Velha* (2002) nos mostra uma poesia marcada, de um lado, pelo imaginário simbólico do tempo personificado, do mesmo que que em uma alegoria mútua, espelhada, na qual a personagem do seu poema remete à cidade e sua paisagem de quedas e ruínas, enquanto a cidade em ruínas remete a essa velha andarilha de pele escareada e temporalidade fluida, ao habitar o tempo da memória. Por outro lado, um poema que, em sua intencionalidade mais profunda escancara a violência sobre os corpos por aqueles que possuem o meios de controle do tempo objetivo e habitam a pedra, os “filhos da pedra”, empedrados, portanto, em seu coração.

Eis a profunda crítica social empreendida por este poema, cujo valor poéticonarrativo, construído em versos extensos e tom solene, se junta ao valor simbólico e crítico, ao unir o ser do humano ao ser do espaço no qual ele habita, e onde a ruína não é apenas um estado físico, mas uma condição ontológica. Objetivamente uma remissão à cidade de São Luís do Maranhão, com seus “senhores dos sobrados” a engendrar uma violência que, invertendo os papéis, não é apenas simbólica, mas também física. É também na confluência que o tempo, em seu aspecto íntimo e subjetivo aponta para um passado resguardo na memória, enquanto cronológica e objetivamente é o devorador da cidade e do corpo, perfazendo um traço comum entre São Luís e a Velha.

É evidente, porém, que se está tratando de um poema, portanto, de uma tessitura de imagens que suscitam evocação e interpretação dentro de uma liricidade e que se constrói dentro de um imaginário experiencial onde autora e leitor estabelecem um pacto poético. Seu poema não apenas instiga os mais profundos sentimentos e reflexões, e transfigura, no seu imaginário, o acontecer diário de tantos personagens equivalente, universalizando-os, além de provocar a crítica das relações de poder que se estabelecem sobre a própria vida. Arlete busca também, através de

sua poética, retratar de valorizar o Centro Histórico da cidade de São Luís como o núcleo metonímico de uma cidade que se deixa despencar em ruínas.

É nesse contexto que a obra se faz, mais do que um lamento, a denúncia dilacerante de uma queda e de um grito de abandono, com uma escrita que ressignifica a melancolia (a dor no tempo) presente na obra e transforma a nostalgia e a existência/resistência em beleza poética.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BENJAMIN, Walter. Paris no segundo império: Modernidade. In: BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. Trad. José Martins Barbosa; Hemerson A. Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras escolhidas, v. 3).

CRUZ, Arlete Nogueira da. **Litania da Velha**. 4. ed. São Luís, Lithograf: Gráfica. 2002.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. 3. ed. Tradução Helder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 4. ed. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

HUSSERL, E. **Lecciones de fenomenología de la conciencia interna del tiempo**. Trad. Agustín Serrano de Haro. Madrid: Editorial Trotta, 2002. (Colección Estructuras y Procesos/Serie Filosofía).

LEGROS, P.; MONNEYRON, F.; RENARD, J-B.; TACUSSEL, P. **Sociologia do imaginário**. Tradução de Eduardo Portanova Barros. Porto Alegre: Sulina, 2007. (Coleção Imaginário Cotidiano).

MAURICE Merleau-Ponty. 2. Ed. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WUNENBURGER Jean Jacques. **O imaginário**. Ed.1. Edições Loyola. São Paulo. 2007.

SILVA, A. A. S. **Martelo & Flor**: horizontes da forma e da experiência na poesia brasileira contemporânea. São Luís: EDUFMA, 2018.

SILVA, João Aparecido da. Litania da Velha. In: CRUZ, Arlete Nogueira da. **Litania da Velha**. 4. ed. São Luís: Lithograf, 2002.

O SILENCIAMENTO DISCURSIVO COMO ESTRATÉGIA DE APAGAMENTO FEMININO DA PERSONAGEM RAMI NO ROMANCE *NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA*, DE PAULINA CHIZIANE

Eline Frazão Cruz ¹

Leandro de Assis Nascimento dos Santos²

RESUMO

Esta investigação discute como o sistema patriarcal organiza as relações sociais, fazendo com que, até certo ponto, as personagens femininas aceitem os preceitos desse sistema, de modo que se sintam culpadas e normalizem as situações de injustiças e abusos sofridos ao longo do enredo. Na narrativa, predomina o que podemos chamar de silenciamento como forma de apagamento feminino, levando Rami, a personagem principal, a internalizar os sentimentos de culpa e a não se reconhecer em lugar nenhum. Dessa forma, este trabalho de investigação visa responder ao seguinte questionamento: de que modo os elementos linguístico-discursivos presentes na obra contribuem para a posição de submissão e apagamento da personagem Rami, no romance *Nikette: uma história de poligamia* (2021)? Nesse sentido, para a realização desta pesquisa, tivemos por principal objetivo: analisar, com base nos pressupostos da Análise do Discurso sob a perspectiva pecheutiana, os elementos do texto que constroem discursivamente a posição de submissão e silenciamento da personagem Rami. A investigação **fundamenta-se** nos pressupostos **da** Análise do Discurso de linha pecheutiana (Pêcheux, 1975; 1988), compreendendo o discurso como prática histórica e ideológica; **no** conceito de formação discursiva em Pêcheux (1975) e Indursky (2000); **na** noção de ideologia em Fiorin (2011) e Orlandi (2000); **e** nas reflexões sobre patriarcalismo em Santos (2017) e Pinheiro (2024), dentre outros autores. Metodologicamente, esta investigação caracteriza-se como uma pesquisa de cunho qualitativo, baseada em estudos bibliográficos que possibilitam múltiplas interpretações sobre o objeto de análise, conforme Gil (2002) e Gerhardt (2009). Sobre os resultados, **por meio** de recortes linguístico-discursivos **e** da constituição do corpus, as análises evidenciam as formas encontradas de submissão feminina, as quais provocam o silenciamento e resultam na resistência das mulheres do enredo. Assim, o silenciamento discursivo impede que as mulheres tenham direito à voz e à decisão, o que fortalece as relações de poder dentro da sociedade representada. Todos os discursos culturais, tradicionais e religiosos se mostram como aparelhos de controle e dominação, promovendo a desigualdade de gênero e desvalorizando o sofrimento da figura feminina.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Formação Discursiva. Patriarcalismo. Submissão feminina. Silenciamento discursivo.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura, com certeza, ao longo do tempo, mostra-se um instrumento muito forte e importante para a reflexão e ressignificação das estruturas sociais. Tornou-se um meio de amplificar as vozes femininas marginalizadas, especialmente de mulheres negras que romperam o silêncio imposto pelo sistema de dominação de raça, gênero e classe. Nesse contexto, a literatura africana destaca-se por trazer à tona questões profundas sobre os impactos do colonialismo, das tradições culturais e das relações de poder na vida dessas mulheres.

¹ Graduada em Letras Língua Portuguesa – UEMA. E-mail: elinefrazao01@gmail.com

² Mestre em Letras – UFMA. E-mail: leandro.assis.santos@hotmail.com

Diante disso, Batista et al. (2024) afirmam que a hierarquia social ocidental é construída com base em padrões patriarcais que colocam o homem como provedor e, portanto, como trabalhador que domina o espaço público. Por outro lado, a mulher tem o seu lugar marcado na sociedade, restrito ao espaço doméstico, considerado o ambiente natural de toda mulher, que deve se dedicar às tarefas do lar, ou seja, uma visão que destina o lugar da mulher ao âmbito privado.

No romance *Niketche: uma história de poligamia* (2021), da escritora moçambicana Paulina Chiziane, essas questões ganham destaque ao evidenciar o silenciamento feminino dentro de uma realidade marcada por desigualdades étnico-raciais e culturais. Deste modo, a obra vai além da narrativa sobre a poligamia e explora diversas formas de solidariedade e rivalidade entre as personagens, revelando vínculos que podem ser tão significativos a ponto de direcionar a construção de uma consciência coletiva e transformadora.

Paulina Chiziane foi a primeira mulher moçambicana a publicar um romance e, por meio da literatura, denuncia os abusos sofridos pela personagem Rami, submetida às regras impostas por uma sociedade dominada por costumes de obediência ao homem, que, além de provedor, é considerado a parte mais importante da estrutura familiar. Além de trazer reflexões sobre o lugar social que as mulheres ocupam na comunidade, suas lutas e meios de sobrevivência, a personagem Rami inicia sua história em meio à dor e à traição ao descobrir que seu marido possui várias esposas e filhos.

Dessa forma, este trabalho de investigação visa responder ao seguinte questionamento: de que modo os elementos linguísticos-discursivos presentes na obra contribuem para a posição de submissão e apagamento da personagem Rami, no romance *Niketche: uma história de poligamia* (2021)?

Nesse sentido, para a realização desta pesquisa, tivemos por principal objetivo: analisar, com base nos pressupostos da Análise do Discurso sob a perspectiva pecheutiana, os elementos do texto que constroem discursivamente a posição de submissão e silenciamento da personagem Rami.

Quanto aos processos metodológicos, em relação à abordagem, esta investigação caracterizou-se como uma pesquisa de cunho qualitativo, baseada em estudos bibliográficos que possibilitam múltiplas interpretações sobre o objeto de análise. Ou seja, a pesquisa qualitativa não se preocupa com questões numéricas, pois trata-se de uma abordagem científica que busca, por meio das experiências,

valores e crenças, compreender o significado das coisas, levando o pesquisador a analisar de forma mais profunda os comportamentos, discursos e atitudes da sociedade de maneira mais subjetiva.

Quanto aos objetivos, neste trabalho foi empregada a pesquisa explicativa, que visa compreender as causas e os fatores que interferem na formação dos discursos que envolvem as personagens da obra *Niketche*, de Paulina Chiziane, e que moldam seus comportamentos.

Esse tipo de pesquisa preocupa-se em identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos (Gil, 2007). Ou seja, explica o porquê das coisas com base nos resultados obtidos. Segundo Gil *apud* Gerhardt (2007, p.43), uma pesquisa explicativa pode ser a continuação de outra descritiva, já que a identificação de fatores que determinam um fenômeno exige que este esteja suficientemente descrito e detalhado.

Os procedimentos metodológicos envolveram a análise textual e interpretativa do romance *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane, orientada pelos pressupostos da Análise do Discurso francesa sob a perspectiva pecheutiana. A análise foi conduzida a partir de categorias analíticas derivadas da fundamentação teórica e articuladas ao funcionamento discursivo da narrativa, a saber: i) a constituição discursiva da submissão feminina da personagem Rami, ancorada nas formações discursivas da tradição e do patriarcalismo; ii) o silenciamento discursivo como estratégia de apagamento feminino, manifestado pela interdição do lugar de fala e do pertencimento.

A escolha do romance *Niketche* como corpus de estudo justificou-se pela riqueza com que Paulina Chiziane retrata, de forma crítica e sensível, as contradições sociais da cultura moçambicana pós-colonial. A obra propiciou refletir sobre as marcas da colonização, ainda visíveis nos papéis sociais de homens e mulheres, e sobre como esses papéis são ressignificados pelas protagonistas ao longo da narrativa. Assim, a pesquisa visou não apenas analisar a representação da mulher negra, mas também evidenciar como a literatura pode ser um instrumento de denúncia, conscientização e transformação social.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Diferentemente da visão formalista e de outras correntes teóricas que consideravam a língua um sistema fechado e neutro, para a perspectiva pecheutiana,

a linguagem é vista como prática social, histórica e ideológica. Assim, em linhas gerais, para Pêcheux, o discurso é a história na língua. Tem-se, então, a tríade língua–sujeito–história na constituição do discurso.

Dessa forma, por se tratar de uma materialidade linguística e histórica, o discurso é o observatório das relações entre língua e ideologia. É um material simbólico, uma janela para o estudo do funcionamento dos mecanismos de produção de sentidos, um espaço de confronto entre o simbólico e a ideologia (Brasil, 2011). Ou seja, para Pêcheux, falamos e escrevemos a partir de algo ou de alguém; tudo faz parte dos sentidos construídos historicamente durante a vida, compondo o que pode ser chamado de memória social e ideológica, manifestada através da linguagem.

Assim, os discursos são um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definem, em uma dada época e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa (Foucault, 1960, p.43 *apud* Azevedo, 2013). Os discursos, portanto, não se limitam a falas e textos, mas constituem um sistema estruturado por ideias e normas que definem o que pode ou não ser dito em determinado momento e lugar.

É nesse contexto que surge o conceito de formações discursivas, que se apresenta como um conjunto de enunciados que não se reduzem a objetos linguísticos, tais como proposições, atos de fala ou frases, mas estão submetidos a uma mesma regularidade e dispersão na forma de uma ideologia, ciência ou teoria (Azevedo, 2013).

Já de acordo com a perspectiva Pêcheuxtiana, o conceito de Formação Discursiva, gestado no ventre do marxismo althusseriano, aparece como “aquilo que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) a partir de uma posição dada na conjuntura social” (Pêcheux, 1975, p.188 *apud* Azevedo, 2013). De acordo com Azevedo (2013), é possível interpretar esse conceito por meio dos exemplos de gêneros textuais, a partir de uma dupla leitura, em termos de gênero ou em termos de posição.

Assim, Pêcheux, ao sublinhar aquilo que “pode e deve ser dito” e ao se situar no espaço da luta de classes, trazendo como exemplos de gêneros os que privilegiam uma luta ideológica explícita, opta pela segunda interpretação. A questão dos gêneros, mesmo indicada, não é discutida. Ele acredita que os discursos são produzidos de acordo com a posição social daquele que fala, revelando uma sociedade dividida pelas

lutas de classes, tendo em vista que o que é dito faz parte do lugar ideológico ocupado pelo sujeito falante.

Desse modo, observou-se que os discursos são motivados pelo sistema ideológico. Mas o que vem a ser ideologia? Segundo Fiorin (2011), as relações que, no nível da superfície, apresentam-se como relações entre indivíduos são, no nível da essência, relações entre classes sociais, uma que se apropria do valor produzido pelo trabalho não pago e outra que vende sua força de trabalho e é espoliada.

A personagem Rami, protagonista do romance *Niketche*, da autora Paulina Chiziane, é transformada por discursos ligados à formação discursiva que vão estabelecer regras para o casamento, a prática da poligamia no contexto moçambicano e a figura da mulher sendo submissa e não tendo participação alguma dentro da sociedade e da família.

Assim, pelo viés da Análise do Discurso, compreende-se que o sujeito é constituído e atravessado por discursos que o modificam em suas ideias e seu comportamento. A partir disso, Rami é vista como aquela que apenas deveria seguir a tradição e os costumes de um povo que acredita que a figura feminina não tem capacidade para tomar decisões que cabem apenas aos patriarcas das famílias.

De acordo com Pêcheux (1988), o sujeito do discurso não lhe pertence, ele se constitui pelo esquecimento daquilo que o determina, pela significação do fenômeno da interpelação do indivíduo em sujeito do seu próprio discurso. Ou seja, tudo o que falamos é fruto de algo já dito e pensado antes, porque o sujeito é influenciado por ideologias e valores como forma de delimitar suas ações.

O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ao controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele (Orlandi, 2000, p.32).

Isso acontece com Rami, que no início do romance acredita fazer tudo por conta própria, sem a intervenção de ninguém, e que fez tudo de acordo com o que mandava a tradição, como ter a necessidade de ser a esposa perfeita, cumprindo com aquilo que acredita ser apenas sua obrigação, já que o marido Tony é a autoridade máxima e que ser fiel é seu dever como esposa, uma vez que é ele quem mantém a casa financeiramente.

Dessa maneira, a figura feminina ocupa uma posição-sujeito de submissão, na qual sua postura é completamente modificada através do discurso patriarcal ocupado

pela figura masculina, no qual suas ações e comportamentos são naturalizados por essa sociedade dominada pelos preceitos da tradição.

A partir disso, fica claro que o sujeito sempre é alguém atravessado por discursos que não são seus, ele apenas está reproduzindo as mesmas ideias. No romance criado por Paulina Chiziane, notou-se que a protagonista Rami age, fala e pensa de acordo com os costumes construídos historicamente ao longo do tempo e internalizados e aceitos pela sociedade em sua cultura.

Diante disso, Rami, logo no início da narrativa, se viu como a esposa fiel que deveria manter a família unida, fazendo com que ela se reconhecesse em um determinado lugar social como alguém que acredita nas normas e nos valores impostos, agindo como se fosse por sua própria conta e que ainda se questionava sobre o que há de errado com ela, já que, para a personagem, sempre cumprira com suas obrigações, como no trecho a seguir:

Vou ao espelho tentar descobrir o que há de errado em mim. Vejo olheiras negras no meu rosto, meu Deus, grandes olheiras! Tendo andado a chorar muito por estes dias, choro até demais. Olho bem para a minha imagem. Com esta máscara de tristeza, pareço um fantasma, essa aí não sou eu (Chiziane, 2001, p.15).

No trecho acima, o espelho funciona como objeto simbólico que demonstra que o sujeito começa a fazer análises de si mesmo, realizando uma autoavaliação sobre os valores e as expectativas que não são apenas individuais, mas coletivas. Essa tristeza expressa pela personagem e o fantasma demonstram que ela não se reconhece mais nesse lugar em que se encontra. No trecho em que ela diz “essa aí não sou”, há uma quebra entre a imagem que ela vê de si mesma e a identidade que acredita ter. Ou seja, houve uma ruptura com essa identidade que lhe foi imposta, o que mostra um conflito interno causado pelos discursos patriarcais responsáveis por moldar seu comportamento, fazendo com que Rami não questionasse o lugar de submissão que lhe fora denominado.

O espelho, nesse caso, confronta o sujeito atual, que não possui nenhuma perspectiva de mudança, com aquele que emerge da sua consciência a partir da opressão vivida.

A identidade faz parte da formação discursiva ligada ao seu papel de mulher, com preceitos ligados à honra da mulher que deve ser forte e que é aceita perante a sociedade.

Esse sofrimento não é individual, mas coletivo, pois ele é resultado dos discursos que a dominam e a fazem se sentir inadequada quando não consegue corresponder às expectativas da sociedade. O trecho, então, destaca que o sujeito é atravessado por ideologias e discursos que o levam a pensar que foi criado para ser aquilo que o sistema opressor diz, levando o sujeito a não se reconhecer mais em si mesmo. “A insistência da alteridade na identidade discursiva coloca em causa o fechamento desta identidade, e com ela, a própria noção de maquinaria discursiva estrutural... e talvez também a de formação discursiva” (Pêcheux, 1983, p. 315 *apud* Indursky, 2000, p. 10).

Ou seja, a identidade discursiva do sujeito é sempre interpelada pela presença do outro. Mesmo quando o sujeito tenta mostrar autonomia e domínio sobre sua fala, o comportamento sempre carrega marcas de outros discursos.

A construção do sujeito feminino através da submissão imposta pelo sistema patriarcal é entendida por meio da personagem Rami como sendo interpelada por esses discursos que estabelecem regras para o casamento. Nesse sentido, o papel da mulher é definido por suas obrigações de esposa fiel que deve manter a união da família, independentemente da infidelidade de seu marido, o que contribui para a naturalização da obediência e do silenciamento feminino. Isso equivale a dizer que certos sentidos que são constituídos a partir de uma determinada interpelação ou identificação, a partir de um certo momento, podem ser questionados e um sentido pode tornar-se outro (Indursky, 2000).

2.1 Contexto sociocultural do romance: o patriarcalismo

Dentro do contexto sociocultural, a narrativa de Chiziane é marcada pelo patriarcalismo como sendo um sistema social e cultural que divide as relações de poder entre homens e mulheres, no qual a figura masculina é detentora de toda a autoridade que lhe corresponde por aspectos familiares, políticos e econômicos, de acordo com a escala da hierarquia, provocando a desigualdade que foi aceita historicamente ao longo do tempo.

Na perspectiva de Santos (2017), no contato com a obra de Chiziane, o leitor se deparou com uma quantidade significativa de monólogos interiores utilizados pela romancista para dar voz à sua protagonista, que, por várias vezes, extravasa suas emoções, inquietudes e anseios, lançando-se sempre a uma reflexão após algum incidente relevante. Em um desses encontros consigo mesma, Rami revela a sua

lucidez em relação à dominação masculina ao discutir, novamente, por meio de metáforas, as posições que o homem ocupa em seu espaço social.

O homem é aquele por quem todos os sinos dobram. É aquele por quem todas as vozes se levantam, quando a morte o leva: era tão bom, que falta vai fazer, meu Deus! Homem é causa da dor das viúvas. Porque é um ser concreto. Perfeito. Altíssimo. Aquele que se procura e nunca se encontra. Todo homem é um sucesso. Todo homem é um sol. É uma estrela que fala pelo silêncio e vive eternamente. Todo ele foi construído com geometria de santidade. É feito de retas (Chiziane, 2001, p.308)

No trecho acima destacado, o homem é visto de forma irônica como um ser sagrado perante a sociedade. O papel masculino é descrito como indispensável, e a sua presença dá sentido à vida das mulheres, por ser perfeito.

A partir dos trechos em que se diz que o homem é um sol, um sucesso, uma estrela e construído com geometria de santidade, fica evidente a presença do patriarcalismo atribuindo-lhe completa autoridade e valor moral. Por outro lado, apagam-se e escondem-se seus erros, sem que ele seja responsabilizado por seus atos de violência e injustiças, ao dizer que o homem é a causa da dor das viúvas, enaltecendo ainda mais sua figura. Por ser considerado um ser superior, o trecho reforça ainda mais a tradição que o patriarcalismo impôs, contribuindo de modo ainda mais acentuado para a desigualdade de gênero e a submissão da mulher diante dessa figura que fora idealizada.

Assim, de forma ficcional, a obra traz realidades sociais presentes nas tradições e na cultura moçambicana, mostrando a figura masculina como peça central e fundamental para manter a vida familiar e comunitária.

Por meio da ficção, a obra evidencia as maneiras encontradas pelo sistema patriarcal que determina como deve ser o comportamento feminino, principalmente com relação ao casamento e à vida conjugal. A princípio, Rami esteve sujeita a ficar no papel de esposa obediente e submissa, cuja responsabilidade era apenas a de manter o lar unido, sem questionar as decisões do marido Tony, aceitando suas outras mulheres por causa da autoridade que lhe compete e que lhe foi dada.

Na concepção de Pinheiro (2024, p.5), a opressão e a desvalorização advêm das atribuições feitas perante a condição humana do sexo feminino, cristalizadas em discursos de gênero que enaltecem a superioridade, impunidade e obediência ao homem.

Devem servir o vosso marido de joelhos, como a lei manda. Nunca servi-lo na panela, mas sempre em pratos. Ele não pode tocar a loiça nem entrar na cozinha. Quando servirem galinha não se esqueçam das regras. Aos homens se servem os melhores nacos: as coxas, o peito, a moela. Quando servirem carne de vaca, são para ele os bifes, os ossos gordos com tutano. É preciso investir nele, tanto no amor como na comida. O seu prato deve ser o mais cheio e o mais completo, para ganhar mais forças e produzir filhos de boa saúde, pois sem ele a família não existe (Chiziane, 2001, p.110).

O fragmento acima refere-se às regras que a mulher deve cumprir ao servir o marido e, de forma simbólica, mostra que, para isso, deveria estar de joelhos. Essas determinações quanto à comida se devem à hierarquia dentro da família, cuja figura masculina sempre recebe o melhor, enquanto a mulher é responsável pelo trabalho doméstico e pelo zelo da casa.

Quando a sogra afirma que o marido não deve tocar na louça, evidencia-se a desigualdade de gênero e que o único papel do homem é usufruir dos serviços feitos pela esposa. Do mesmo modo, ao dizer que devem “investir nele para ganhar filhos mais fortes e saudáveis”, ou seja, a personagem reduz o papel da mulher apenas à justificativa de que sua função é dar continuidade à família, preservando os laços, porque, segundo ela, uma família não poderia existir sem um marido. Nesse caso, a figura masculina é vista como fonte de força e vitalidade, enquanto o papel da mulher se reduz a gestar os filhos e cuidar dos mesmos. Durante a trajetória de Rami, esse discurso, a princípio, serviu para silenciar o sujeito que reprimia os sentimentos e não reconhecia sua autonomia como tendo um papel importante na reprodução social, o que refletiu de modo significativo em seu comportamento.

Nessa perspectiva, semelhante à narrativa, os padrões patriarcais demarcam a diferença entre as posições ocupadas pelo homem e pela mulher na sociedade, tal assimetria parte desde a construção da concepção de gênero, definida por Scott como “um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; é uma forma primeira de significar as relações de poder (Scott, 1990, p. 86 *apud* Pinheiro, 2024).

Diante disso, os autores afirmam que o sistema patriarcal é o que define qual lugar os dois sexos devem ocupar, quais obrigações e deveres devem cumprir. Isso acontece pela forma como o gênero é compreendido, sobre aquilo que devem fazer e ser, tratando-se da maneira como a sociedade é dividida, prevalecendo a autoridade masculina e os privilégios recebidos, enquanto a mulher é menosprezada e resumida à parte inferior da família.

3 O SILENCIAMENTO DISCURSIVO COMO ESTRATÉGIA DE APAGAMENTO FEMININO DA PERSONAGEM RAMI

Na obra analisada, notamos que os discursos sobre o casamento, a poligamia e a posição que a mulher ocupa se manifestam na fala e nas atitudes da personagem narradora Rami, ao normalizar suas dores como parte do seu papel de esposa e ao aceitar as ações do marido. Por meio da personagem, foi possível perceber em suas atitudes o quanto a tradição da cultura se faz presente em suas ações, moldando suas percepções e decisões.

Assim, quando a personagem fala, não diz nada por vontade própria, ela apenas renova os sentidos que já circulavam em meio à sociedade, dentro das ideologias históricas que organizavam sua compreensão de mundo. A partir disso, ocorre o que se pode chamar de silenciamento discursivo, que é uma estratégia na qual vozes ou pontos de vista são omitidos ou desvalorizados dentro do discurso, criando um não-dito, o que reforça as ideias das ideologias ou das estruturas de poder, impedindo que os sujeitos se expressem livremente.

Amai vos umas às outras tal como o vosso marido vos ama a vós Tio do Tony com uma pose pastoral, deem graças ao Senhor que iluminou a vossa estrada, caso contrário seriam mães solteiras como tantas que andam por este mundo a fora. Homens são raros. Ter um marido é sorte nos dias que correm. Este meu sobrinho é uma pérola no meio do deserto (Chiziane, 2001, p. 136-137).

No trecho destacado, é demonstrado, por meio da fala do tio de Tony, o silenciamento discursivo imposto dentro desse sistema patriarcal, que se utiliza de um discurso religioso para mostrar que a mulher deve ser submissa, que deve apenas aceitar e que nunca pode contestar, sendo comparado até como algo divino, devendo agradecer a Deus por ter um homem com tantas qualidades.

Esse discurso dificulta qualquer tentativa de contestar as desigualdades entre a figura feminina e a masculina, sendo o homem muito elogiado por ser alguém muito valioso na fala do tio e, desse modo, acaba desvalorizando a mulher ao não reconhecer os seus direitos. No mesmo trecho, o personagem afirma que, sem o marido, elas seriam mães solteiras, usando isso como método de controle para pressionar as mulheres a manterem o estatuto de casadas.

Aqui foi possível observar como se tentou silenciar a voz de Rami algumas vezes no decorrer da narrativa, pois seus gestos e suas opiniões foram desconsiderados pelo discurso patriarcal, demonstrando, com isso, como a tradição da poligamia atuava como força discursiva que conduzia a forma como os sujeitos viam o mundo e de que maneira deveriam se comportar.

A personagem Rami, então, ao tentar compreender o seu papel dentro da sociedade, foi modificando suas percepções acerca de seu papel como esposa, das atitudes do marido Tony e de qual era sua postura na preservação da família. Todos esses aspectos fazem parte dos ensinamentos transmitidos de geração para geração, da ancestralidade, o que a mantinha, a princípio, estagnada e aprisionada em suas inquietações.

Dessa forma, considerou-se que esses aspectos foram historicamente silenciados. As dores femininas, os conflitos de desigualdade, a condição da mulher, a busca pela identidade, tudo isso ainda não encontrava espaço de enunciação legítima dentro do contexto social que a rodeava. Porém, quando Rami tomou a decisão de confrontar as outras mulheres, conhecendo cada uma e suas histórias, criaram-se laços de afetividade e, a partir disso, novos sentidos passaram a surgir, o que permitiu que a mesma quebrasse o silêncio imposto pela tradição.

É possível notar na obra como o silenciamento discursivo atua como estratégia de apagamento e também como motivo para a resistência. No começo da narrativa, todas as ações são percebidas como fruto dos discursos patriarcais que dominam e organizam a sociedade, ditando as regras de comportamento dos membros da família, principalmente da figura feminina, que deve aceitar as infidelidades do marido para preservar o matrimônio.

A imposição do silenciamento privilegia a figura masculina, pois o silêncio se concretiza como lugar discursivo que lhe submete às humilhações, que a exclui e a condiciona à invisibilidade. Como no trecho a seguir, quando Rami sofre um apagamento discursivo por não se reconhecer em lugar nenhum.

Preciso de um espaço para repousar o meu ser. Preciso de um pedaço de terra. Mas onde está minha terra? Na terra do meu marido? Não, não sou de lá. Ele diz que não sou de lá. Ele diz que não sou de lá e se os espíritos da sua família não se quiserem lá, pode expulsar-me de lá. O meu cordão umbilical foi enterrado na terra onde nasci, mas a tradição também diz que não sou de lá. Na terra de meu marido sou estrangeira. Na terra de meus pais sou passageira. Não sou de lugar nenhum (Chiziane, 2021, p.80).

Nesse fragmento, Rami expressa um sentimento de não pertencimento, no qual não existe lugar nenhum para ela. Trata-se de um discurso ideológico, que é influenciado pelas ideias e pelos posicionamentos de seu marido, pois esses discursos tradicionais e patriarcais a colocam em uma posição inferior e instável. Aqui, o silenciamento discursivo aparece na voz da personagem Rami, que é prejudicada ao não lhe permitirem ocupar seu espaço de enunciação legítimo, quando seus direitos são negados. Nesse caso, o silenciamento discursivo age como estratégia de apagamento da figura feminina ao ser negado o seu pertencimento à terra. A terra, nesse sentido, é usada de forma simbólica para se referir não somente a um espaço físico, mas também para simbolizar a identidade, a ancestralidade e a legitimidade social.

Ao ser excluída da terra de seu marido e de seus pais, Rami sofre um apagamento discursivo, visto que lhe é refutado o direito às duas terras, pois essa imposição provém dos discursos de proibição que definem onde a mulher pode ou não pertencer, sendo atitudes naturalizadas pela tradição.

Ao se comparar com uma “estrangeira” e uma “passageira”, demonstra-se que seu silenciamento é fundamentado por formações discursivas que se apresentam como verdades incontestáveis e que, ao absorver esses discursos para si, a personagem reforça a ideia de que não há espaço para ela em lugar nenhum, não tendo direito à voz, e, assim, sua existência é apagada.

Sob esse viés, de acordo com Pinheiro (2024), a opressão e a desvalorização advêm das atribuições feitas perante a condição humana do sexo feminino, cristalizadas em discursos de gênero que enaltecem a superioridade, impunidade e obediência ao homem. Dessa forma, ela aparece sem forças para nadar contra concepções socioculturalmente instituídas, aspecto percebido a partir do fragmento abaixo.

Eu aquela que tem o espelho como companhia no quarto frio. Que sonha o que não há. Que tenta segurar o tempo e o vento. Só tenho o passado para sorrir e o presente para chorar. Não sirvo para nada. As pessoas olham para mim como uma mulher falhada. Que futuro me espero? O marido torna-se turista dentro da própria casa (Chiziane, 2021, p.59).

No trecho em destaque acima, percebe-se que a narradora, Rami, se lamenta ao olhar para o “quarto frio”, a falta de companhia, tendo apenas o espelho para

desabafar, referindo-se a um espaço no qual não existe mais conversa com o outro, simbolizando a solidão que a cerca.

Diante disso, quando a narradora diz “sonhar o que não há” e “tenta segurar o tempo e o vento”, mostra-se o desejo de voltar no tempo e viver os dias felizes que foram o início de sua vida conjugal e familiar, porém seu comportamento, seus pensamentos e sua conduta são regidos e orientados pelas normas sociais que a impedem de agir livremente.

Esse trecho demonstra o desejo da personagem de alcançar uma realidade que se mostra distante dentro das condições sociais e afetivas regidas pelo patriarcalismo, no qual a mulher é sempre induzida a aceitar e a se adaptar às tradições dessa cultura. Percebe-se, ainda, que, ao tentar segurar o tempo e o vento, seu esforço se torna inútil, pois as decisões masculinas controlam a ordem da sociedade e, desse modo, ela se vê impotente e sem forças para qualquer agir ou para questionar qualquer coisa, pois o medo de ser julgada é maior.

Ela sente que não serve para nada ou que falhou em algum momento, evidenciando que a mesma se culpa pelo comportamento do marido, o que faz parte de um discurso social que desvaloriza a mulher e que, de acordo com as regras, não atende à postura de mulher silenciosa e obediente. Ao final, ela diz que o marido se tornou turista dentro da própria casa, revelando a sua ausência e o abandono sofrido, em que ele aparece circulando por alguns minutos no ambiente doméstico e ela permanece presa a ele.

Nesse momento, o silenciamento discursivo aparece como maneira de apagamento, pois a figura feminina é proibida de expressar suas emoções, como desejos e revoltas, tanto por parte do marido quanto pelas expectativas sociais. O silêncio apaga sua identidade, pois a mesma internaliza a inutilidade e a fraqueza impostas a ela pela tradição, que a faz pensar que não possui nenhuma capacidade de se impor, cuja única função é aceitar.

O silenciamento causado pelos discursos de apagamento sobre a posição que ocupam os sujeitos dentro da sociedade faz parte dos mecanismos de dominação impostos pelos colonizadores, porém isso foi se modificando no decorrer da narrativa, à medida que Rami conhece cada uma das outras mulheres de seu marido Tony.

Ao conhecer e conviver com cada uma das mulheres, o silêncio começa a dar lugar à força, e percebe-se que essa ausência de fala era coletiva e afetava cada uma, de modo que não se sentiam capazes de questionar essa estrutura dominadora.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, foi possível compreender e analisar os discursos em relação ao contexto social e às posições ocupadas pelo sujeito, constatando que o sentido não nasce do indivíduo, mas das interações com o meio, pois este é atravessado pelas relações históricas e ideológicas que moldam seu comportamento.

Deste modo, sob a perspectiva pecheutiana, notamos, na obra analisada, que o sujeito não é absolutamente dono do que diz, já que suas falas fazem parte de discursos que já existem. A partir desta visão, foi possível analisar a personagem narradora Rami do enredo de *Niketche*, da escritora Paulina Chiziane. A construção dela se dá por meio de formações discursivas patriarcais que naturalizam a poligamia e a submissão feminina, e que, inicialmente, são aceitas pelas mulheres da narrativa como algo natural e como sendo sua obrigação.

Nesse sentido, ficou evidente a forma de silenciamento discursivo que impede que as mulheres tenham direito à voz e à decisão, o que fortalece as relações de poder dentro da sociedade representada. Todos os discursos culturais, tradicionais e religiosos se mostram como aparelhos de controle e dominação, promovendo a desigualdade de gênero e desvalorizando o sofrimento da figura feminina.

O sujeito é fortemente interpelado por discursos que mantêm o homem como peça central dentro da tradição poligâmica, marcada pela submissão e pela crença de que a figura feminina precisa manter o casamento a qualquer custo, independentemente da conduta do marido. A posição da sujeita se torna ainda mais desafiadora devido aos discursos de seus próprios familiares, que contribuem para o seu silenciamento e para o apagamento da voz e não permitem questionamentos.

Portanto, a obra de Paulina Chiziane se manifesta como um instrumento literário de denúncia social, problematizando o autoritarismo no contexto patriarcal.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Sara Dionizia Rodrigues de. Formação discursiva e discurso em Michel Foucault. **Revista Filogênese, Marília**, v. 6, n. 2, p. 148–162, 2013. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/saraazevedo.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2025.

BATISTA, W. M. et al. **Na dança das convenções**: uma leitura do romance *Niketche*: uma história de poligamia, de Paulina Chiziane. 2020. Disponível em:

<https://revista.abrasd.com.br/index.php/rbsd/article/download/726/362>. Acesso em: 18 jun. 2025.

BRASIL, Luciana Leão. **Michel Pêcheux e a teoria da análise de discurso:** desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. Vol.15,n.01, p.171-182, jan/junh 2011. Disponível em ><
<https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/lep/article/view/32465/17293>. acesso em : 20 jun. 2025.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche:** um caso de poligamia. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 1.ed(rev. e atualizado).-São Paulo: Ática, 2011. Principios; 137. Disponível em ><<https://doceru.com/doc/ssc5n88> . acesso 18 jun 2025.

GERHARDT, Tatiana Engel; et al. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre; Editora UFRGS,2009. Disponível em>< <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/52806> .Acesso 18 jun. 2025.

GIL, Antônio Carlos, 1946 **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. e d. - São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em >< [Anexo C1 como elaborar projeto de pesquisa - antonio carlos gil.pdf](#) . Acesso em: 18 jun.2025.

INDURSKY, Freda. **Formação discursiva: ela ainda merece que lutemos por ele por ela?** UNICAMP, 2000. Disponível em ><
<https://sites.unicentro.br/wp/label/files/2017/07/FD-FREDA-IMPRIMIR.pdf> . Acesso em: 17 jun.2025.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso:** princípios e procedimentos. Disponível em ><
<https://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/ORLANDI-Eni-P-Analise-Do-DiscursosPrincipios-e-Procedimentos.pdf> . Acesso 17 jun.2025

SANTOS, James Rios de Oliveira. **A mulher sob o jugo do homem:** aspectos da opressão patriarcal no romance Niketche: uma história de poligamia, de Paulina Chiziane. Disponível em: <https://www.falasbreves.ufpa.br/index.php/revista-falasbreves/article/download/85/73>. Acesso em: 18 jun. 2025.

PINHEIRO, Sabrina dos Santos; et al. **Uma busca incessante pela liberdade:** vozes femininas que ecoam em Niketche, de Paulina Chiziane. Congresso Nacional de Educação. IFPB, 2024. Disponível em><
https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2024/TRABALHO_COMPLETO_E_V200_MD1_ID2844_TB783_14102024141625.pdf . acesso 10 ago 2015.

DIÁLOGOS ENTRE O CONTO “A IGREJA DO DIABO” DE MACHADO DE ASSIS E O CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO ATUAL

Samira Diorama da Fonseca (UFT)¹
Tatiane da Conceição Marques(UFMA)²
Natanael Vieira(UEMA)³
Paulo Victor Costa Bezerra (UEMA)⁴

RESUMO

O presente artigo visa analisar o conto *A Igreja do Diabo*, de Machado de Assis, estabelecendo um diálogo entre a representação literária da moralidade e da contradição humana, e o cenário político-religioso brasileiro contemporâneo. O objetivo principal é compreender de que maneira a narrativa machadiana, ao expor a inversão de valores das instituições religiosas, contribui para a reflexão crítica sobre práticas contraditórias em Igrejas no Brasil. A metodologia adotada foi a qualitativa, pois se trata de uma temática complexa, que foi fundamentada por meio de análise bibliográfica e interpretativa do conto machadiano. Há também a referenciais teóricos da filosofia, da sociologia e dos estudos religiosos, para além disso é importante salientar que, a pesquisa dialoga com textos bíblicos e com acontecimentos do contexto político-religioso brasileiro contemporâneo, a fim de estabelecer relações comparativas entre a ficção e a realidade social do Brasil. O embasamento teórico apoia-se, principalmente, em Machado de Assis, enquanto eixo central da análise literária; Michel Foucault, nas discussões sobre moral e poder; Friedrich Nietzsche, a partir do conceito de espírito livre e da crítica às estruturas morais; além de autores que estudam a figura do Diabo na literatura ocidental, como Martins, Magalhães e Brandão. Também são mobilizados estudos históricos e religiosos sobre os pecados capitais e análises críticas acerca do neopentecostalismo. Desta forma, o texto *A Igreja do Diabo*, se mantém atual ao revelar a permanente contradição do ser humano e a fragilidade ética das instituições religiosas brasileiras.

Palavras-chave: Igreja do Diabo. Moral. Política. Religião. Poder.

1 INTRODUÇÃO

No limiar da história do cristianismo, observa-se que um dos personagens mais enigmáticos que existe na Literatura é o Diabo. Muito temido pelos cristãos ele representa, não apenas o inimigo de Deus, mas tudo o que está aliado a negatividade, ao que há de mais perverso no mundo.

Nota-se, porém, que os escritores a exemplo de: Dante Alighieri, Goethe e Milton, não deixaram a figura do Diabo apenas na Bíblia, eles a propagaram em seus livros, alguns se tornaram clássicos da literatura universal. Dentre os nomes da Literatura Brasileira que utilizou o Diabo como personagem está o de Machado de Assis com o conto, “A igreja do Diabo”.

¹ Mestra em Letras (UFT) – samirafonseca179@gmail.com

² Mestra em Letras (UFMA) – tatimarques20121@gmail.com

³ Mestrando em Letras (UEMA) – profnatanaelvieira@gmail.com

⁴ Graduado em Letras (UEMA) – paulovcbezerra@gmail.com

No presente artigo analisa-se o texto sob uma perspectiva moralista, sobretudo, a que é pregada pelas igrejas neopentecostais e seus líderes. Ele baseia-se no estudo sobre a moralidade do ser humano, que é abordado em Michael Foucault e Nietzsche, mostrando que, quanto mais organizado é uma instituição, mais o ser humano se afasta do cumprimento de suas regras. Machado de Assis põe a prova esse viés quando tenta criar um inferno com regras, nos padrões de uma organização empresarial, o que será o fracasso da Igreja.

Quando o conto é visto sob outra ótica, observa-se a contradição entre o que é pregado e o que é praticado nas igrejas em nome de Deus. A desobediência predomina quando há a necessidade de se pôr em prática os ensinamentos propagados em púlpito. São escândalos envolvendo líderes religiosos que buscam dominar a sociedade e poder financeiro, como foi possível constatar ao longo desta análise.

2 A FIGURA DO DIABO NA LITERATURA AO LONGO DOS SÉCULOS: breves apontamentos

A figura do Diabo está presente no imaginário da maioria das pessoas, ele é apresentado principalmente na cultura cristã, sobretudo, nas leituras bíblicas, sendo considerado um dos maiores, ou o maior inimigo do ser humano, a maior representação do mal e de tudo o que existe de ruim na Terra. A personagem é bastante temida e no imaginário do ser humano ele ganha mil e uma formas e transfigurações, desde animais rastejantes, passando por ogros com chifres, caldas e asas, ou ainda a figura humana capaz de se disfarçar de anjos de luz, como está escrito na própria Bíblia.

A literatura, como já vimos, por meio de sua criação e representação, tem mostrado, ao longo da história, uma riqueza em exemplos de figuras do Diabo e, mais abundantemente, de figuras do Diabo horripilante e maléfico, em oposição ao Deus do bem, este relacionado à virtude pelo discurso teológico oficial das igrejas cristãs, mas também figuras de um Diabo mais bondoso, cômico e integrado à divindade (Magalhães; Brandão, 2021, p.284).

Mas, certamente foi a Igreja Católica que mais conseguiu divulgar o nome do Diabo pelo mundo, pregando o cristianismo tanto na Idade Média, quanto na contrarreforma, por meio da propagação das Sagradas Escrituras. É exatamente no livro de Jó que ele surge pela vez primeira, quando vai até a presença de Deus a fim

de pedir permissão para destruir a vida do servo de Deus, Jó. A narrativa diz que todos os bens materiais, ele perde, bem como sua família e até a sua saúde, mas em momento algum Jó proferiu alguma palavra contra Deus.

Diante dessa primeira passagem sobre a presença física do Diabo na Bíblia, outros escritores começaram a explorar o nome dessa figura enigmática como a personificação do mal, das mazelas do ser humano, e atribuiu a ele as desgraças existentes na terra, entre os grandes escritores da literatura ocidental estão os nomes de Goethe, Allan Poe, José Saramago, entre outros, como é possível se observar na citação abaixo:

Só a título de exemplo, escritores como: Dante Alighieri, que com A Divina Comédia desenha à sua maneira o Diabo; Milton, em O Paraíso Perdido, o pinta de outra forma. Diferente será também o desenho do Diabo em Fausto, de Goethe; ou Litâneas de Satanás, de Baudelaire; o mesmo se dará na obra de Shakespeare; de Thomas Mann; Paul Valéry; Walter Scott; Allan Poe; Gil Vicente; Fernando Pessoa; Saramago; Christopher Marlowe; Clive Staples Lewis. Bem como em Eça de Queiroz; Guimarães Rosa; Machado de Assis; Álvares de Azevedo; Ariano Suassuna; Franklin Joaquim Cascaes (Martins, 2020, p.439).

Estes são alguns dos escritores que utilizaram o nome dessa personagem, ou para causar temor, ou para mostrar a eterna briga entre o bem e o mal, existente desde o início dos tempos. O fato é que, o Diabo mesmo temido, não deixa de surgir nas páginas literárias. Machado de Assis foi um dos escritores que construiu narrativas sobre ele, no conto A Igreja do Diabo, que se tornou atemporal.

3 O VELHO MANUSCRITO DA CRIAÇÃO DA IGREJA DO DIABO

Publicado no livro *Histórias sem datas*, no ano de 1884, o conto A Igreja do Diabo, do escritor Machado de Assis, chama a atenção do leitor desde o título. O conto está dividido em 4 pequenos capítulos, os quais são: De uma ideia mirífica; Entre Deus e o Diabo; A boa nova aos homens; e Franjas e franjas. Eles contam a história de que um dia o Diabo teve a ideia de criar a sua própria igreja e assim, combater as outras religiões, destruindo-as de uma vez por todas.

O texto é narrado em terceira pessoa, e ao longo do enredo faz referências a personagens históricas, literárias e religiosas. Observa-se ainda que, as personagens principais do texto são Deus e o Diabo, este último ardilosamente, busca vencer Deus dando aos seres humanos a liberdade religiosa necessária para a prática de todo tipo de mal.

Como todo texto da escola literária Realista, *A Igreja do Diabo*, tem uma visão pessimista do ser humano, que não consegue de forma alguma deixar de se corromper, quer seja para o bem, ou para o mal. Enfim, o foco do texto está na moral psicológica do homem. O Machado de Assis não falava de entidades supremas, mas sim, da essência dos dois maiores nomes existentes no universo religioso e suas forças morais opostas, o bem e o mal, dentro do íntimo do ser humano.

4 A IGREJA DO DIABO: Religião e moralidade

Logo no início da narrativa o Diabo decide fundar uma igreja a fim de organizar seu reino na Terra, para ele, mesmo com as finanças indo bem, sentia que deveria organizar o seu reinado para destruir a organização celestial que havia na Igreja de Cristo.

A nova religião seria livre de quaisquer amarras imposta pela Igreja (entende-se igreja no sentido de religiões cristãs). A moral não seria cobrada dos fiéis da Igreja do Diabo e os pecados capitais seriam necessários para o progresso dela.

O Romantismo transformará Satã no símbolo do espírito livre, da vida alegre, não contra uma lei moral, mas segundo uma lei natural, contrária à aversão por este mundo pregada pela Igreja. Satanás significa liberdade, progresso, ciência, vida. Tornar-se-á moda a identificação com o Demônio, assim como procurar refletir no semblante o olhar, o riso, a zombaria impressa nas feições tradicionais do Diabo. (...) O Diabo passa a representar a rebelião contra a fé e a moral tradicional, representando a revolta do homem, mas com a aceitação do sofrimento porque este é uma fonte purificadora do espírito, uma nobreza moral, da qual só pode surgir o bem da humanidade. E o demoníaco tornasse o símbolo do Renascimento: demoníaco como paixão, como terror do desconhecido, como descoberta do lado irracional existente no homem: a explosão da imaginação contra obstáculos excessivos da consciência e das leis (Nogueira, 2000, p. 104-105).

O leitor que se debruça sobre esse conto logo percebe que era exatamente essa a proposta da Igreja do Diabo. Depois de comunicar a Deus que fundaria a sua instituição satânica, o Diabo desce a Terra e ele mesmo pôs-se a propagar a novidade aos homens “com uma voz de reboavas nas entranhas do século. Ele prometia aos seus discípulos e fiéis as delícias da terra, todas as glórias, os deleites mais íntimos” (Assis, 1884, p.7). Primeiramente o Diabo tratou de convencer as pessoas de que ele não era a personificação do mal, como há séculos se pregava, pois permitia que seus seguidores fizessem tudo o que tinham vontade de realizar, e que a religião de Deus havia proibido, a exemplo do adultério; sendo que na sua Igreja o Diabo só admitia

amar o próximo “quando se tratasse de amar as damas alheias, porque essa espécie de amor tinha a particularidade de não ser outra coisa mais do que o amor do indivíduo a si mesmo” (Assis, 1884, p, 11-12). Isto é, o que vem a ser o oposto daquilo que Deus disse no livro do Êxodo, no capítulo 20, versículo 14 “não cometerás adultério” (Bíblia, 2011, p.95).

É interessante observar que ao fundar a sua igreja na terra o Diabo abre brechas para tudo o que o ser humano quer fazer aquilo que sua natureza lhe pede, mas devido a moral é impedido de praticar. O filósofo Michael Foucault fala que moral se trata de “um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos” (Foucault, 1994, p.26). Um desses aparelhos, sem sombra de dúvidas é a igreja.

Todavia, não é apenas o adultério que é lícito na igreja do Diabo, há outras situações que seus seguidores podem fazer abertamente sem temer a repreensão de seu líder ou suas consciências. Veja como Machado de Assis fala sobre os pecados capitais renomeando-os de virtudes naturais e legítimas:

A soberba, a luxúria, a preguiça foram reabilitadas, e assim também a avareza, que declarou não ser mais do que a mãe da economia, com a diferença que a mãe era robusta, e a filha uma esgalgada [...] quanto a inveja, pregou friamente que era a virtude principal, origem de propriedades infinitas; virtude preciosa, que chegava a suprir todas as outras, e ao próprio talento (Assis, 1884, p.8-9).

A gula e a ira não foram esquecidas no texto, Machado de Assis afirma que foi pela ira que a Ilíada ocorreu, e que os grandes versos de Hissope, só são famosos devido a virtude a gula. Desta forma na Igreja do Diabo todas elas poderiam ser praticadas sem hesitação, algo que nunca poderia ser realizado no cristianismo.

Os 7 pecados capitais surgiram ainda no papado de Gregório Magno, para ele, eram os que mais causavam ofensa a Deus, eram o alicerce de outros pecados cometidos pelo ser humano. Diante disso a Igreja disseminou os pecados capitais, impedindo os fiéis de os praticarem, como se atesta no texto abaixo:

Gregório Magno criou a sua própria hierarquia de pecados, classificando-os por ordem decrescente, fixando os pecados que mais ofendiam a Deus. Foi responsável também pela definição do número sete e da hierarquização da gravidade desses vícios. Para Magno, os pecados/vícios seguiam uma linearidade e uma hierarquia específica sobre qual deles era mais nocivo para o amor divino. A lista então é encabeçada pelo orgulho, seguindo-se a inveja, ira, tristeza, avareza, gula e luxúria. Magno também foi o responsável por conceituar a ideia de capital, do latim caput, cabeça; para ele os sete pecados

capitais são como governantes que comandam um exército de outros pecados. Dos sete pecados principais, derivam uma horda de vícios que geram outros vícios, entrelaçados: os pecados seriam como os galhos mais fortes de uma árvore e as transgressões as suas ramificações. A lista dos sete pecados capitais enumera de forma ordenada as principais falhas humanas ou (o que para a Igreja) seriam as maiores ofensas a Deus (Drummond, 2014, p.52).

Conduzir uma Igreja não é algo relativamente fácil, por isso, a necessidade de manter os fiéis debaixo de regras para preservar a moral da instituição, é aquilo que Foucault escreveu: “O indivíduo estabelece uma relação com a regra e se vê na obrigação, ou dever, de colocá-la em prática” (Foucault, 1994, p.27). Foi isso que Gregório Magno fez, e surtiu efeito; até os dias atuais os 7 pecados capitais continuam servindo para impedir que o verdadeiro cristão cometa outras ofensas, embora já não com tanta precisão.

Contudo, no texto machadiano, todos os 7 pecados tornaram-se virtude na Igreja do Diabo, uma vez que, ele permitia tudo isso, “para excitar o entusiasmo, despertar os indiferentes, congregar, em suma, as multidões ao pé de si. E elas vieram” (Assis, 1884, p.8). E não era só isso que o Diabo permitia, havia também a fraude, a venalidade, a mentira mediante a recompensa financeira e a condenação do respeito entre os homens. Ele aboliu os conselhos de Jesus Cristo, pois “para rematar a obra, entendeu o Diabo que lhe cumpria cortar por toda a solidariedade humana. Com efeito, o amor ao próximo era um obstáculo grave à nova instituição” (Assis, 1884, p.11). Devido essa nova organização, a isso a Igreja do Diabo prosperava e ganhava mais seguidores com havia sido planejado pelo Diabo.

5 O FRACASSO DO PROJETO DIABÓLICO E A INVERSÃO DE VALORES

5.1 A queda da Igreja do Diabo

O projeto de organizar a Igreja do Diabo surgiu de um inconformismo sobre a falta de organização do reinado do Diabo na Terra. Ele mesmo foi avisar a Deus de sua ideia, em sua mente havia uma instituição semelhante as igrejas cristãs, em particular a Igreja Católica, como se observa na citação abaixo:

— Vá, pois, uma igreja, concluiu ele. Escritura contra Escritura, breviário contra breviário. Terei a minha missa, com vinho e pão à farta, as minhas prédicas, bulas, novenas e todo demais aparelho eclesiástico. O meu credo será o núcleo universal dos espíritos, a minha igreja uma tenda de Abraão. E depois, enquanto as outras religiões se debatem e se dividem, a minha igreja

será única; não acharei diante de mim, nem Maomé, nem Lutero. Há muitos modos de afirmar; há só um de negar tudo (Assis, 1884, p.1-2).

As coisas pareciam bem, mas o fracasso do projeto se aproximava, isso porque os fiéis da Igreja do Diabo eram homens e mulheres que possuíam moral duvidosa e uma vez desimpedidos, poderiam fazer o que quisessem. Recorda-se aqui do que diz Michael Foucault (2006, p.289-290): “Da Antiguidade ao cristianismo, passou-se de uma moral que era essencialmente uma busca de uma ética pessoal a uma moral como obediência a um sistema de regras”. A religião do Diabo aboliu praticamente todas as regras morais que conduziam o homem para a harmonia, porém, o ele não contava de que esse mesmo homem fosse capaz de promover a destruição de sua tão sonhada Igreja. O Diabo ignorou os ensinamentos bíblicos, onde está escrito: “Assim diz o Senhor: maldito o varão que confia no homem, e põe a carne por braço, e aparta seu coração do Senhor”. (Bíblia, 2011, p.864), ele viu que seus fiéis não eram tão confiáveis como imaginava que fossem. Atenta-se como se deu a descoberta da desobediência do homem sobre a doutrina da Igreja do Diabo.

Um dia, porém, longos anos depois notou o Diabo que muitos dos seus fiéis, às escondidas, praticavam as antigas virtudes. Não as praticavam todas, nem integralmente, mas algumas por partes, e, como digo, às ocultas. Certos glutões recolhiam-se a comer frugalmente três ou quatro vezes por ano, justamente em dias de preceito católico; muitos avaros davam esmolas [...]; vários dilapidadores do erário restituíam-lhe pequenas quantias; os fraudulentos falavam, uma vez ou outra vez, com o coração nas mãos [...] Um dos seus melhores apóstolos era um calabrês [...] Era a fraude em pessoa [...] pois esse homem não só não furtava ao jogo, como ainda dava gratificações aos criados. Tendo angariado a amizade de um cônego, ia todas as semanas confessar-se com ele, numa capela solitária [...] benzia-se duas vezes, ao ajoelhar-se, e ao levantar-se. (Assis, 1884, p.13)

Observa-se que o ser humano em sua fraqueza natural acabava por não seguir, ou melhor, não praticar as doutrinas da Igreja do Diabo, os fiéis acabavam fazendo o oposto, evitando praticar os pecados capitais e sendo fiéis ao cristianismo, como se observou na citação acima.

5.2 Valores invertidos dentro da Igreja do Diabo

Como mostrado no tópico acima, os fiéis da Igreja do Diabo começaram a manifestar comportamentos cristãos, mesmo estando dentro de uma denominação contrária, isso acaba que chamando a atenção do leitor, pois, desde o início do conto, o Diabo liberou seus seguidores para praticar todas as ações mundanas que destroem

uma sociedade, em especial a boa convivência entre as pessoas. Sendo assim, o problema não está nas leis e mandamentos, mas, na natureza humana. Crer-se que a raiz do problema é o espírito livre.

Para falar sobre liberdade do espírito é preciso recorrer ao filósofo Nietzsche, o mesmo fala sobre o assunto dizendo que: “é chamado de espírito livre aquele que pensa de modo diverso do que se esperaria com base em sua procedência, seu meio, sua posição e função, ou com base nas opiniões que predominam em seu tempo. (Nietzsche, 2005, p. 225)”. O espírito humano não está disposto a se enovelar com quaisquer tipos de regras, nem de Deus e nem do Diabo, como se observa no conto do Machado de Assis.

Da mesma forma que no cristianismo existe os desvios de conduta, de moral, na Igreja do Diabo também existe, só que ao inverso. O homem desviou-se dos preceitos existentes na instituição do Diabo para fazer o bem, realizar penitências e caridade, praticar o amor ao próximo na calada da noite, sem deixar-se ser visto, ou seja, tudo o que o Diabo não queria que seus discípulos fizessem.

Caso o Diabo não tivesse fundado uma igreja e continuasse exercendo suas práticas maléficas sem organização, provavelmente que ele teria evitado o desgosto para com a humanidade, porque o espírito livre do homem, “odeia todos os hábitos e regras, tudo o que é duradouro e definitivo, eis por que sempre torna a romper, dolorosamente, a rede em torno de si; embora sofra, em consequência disso (...)” (Nietzsche, 2005, p. 427). O diabo não pensou que o livre arbítrio é muito mais sério do que se pensa. O homem desde o princípio teve a liberdade de fazer o que quisesse, quando uma regra surgiu, que era a de não comer do fruto proibido, logo ele tratou de quebrar, não há normas que consiga segurar o ser humano. No texto machadiano ele afirma que o Diabo “Pasma não lhe deu tempo de refletir, comparar e concluir do espetáculo presente alguma coisa análoga ao passado. Voou ao céu, trêmulo de raiva, ansioso de conhecer a causa secreta de tão singular fenômeno (Assis, 1884, p. 14-15).

É dessa mesma forma que ocorre na Igreja cristã, os homens desviam-se das leis instituídas tanto por Deus quanto por qualquer organização religiosa existentes que possuem doutrinas a serem seguidas.

6 PODER E CORRUPÇÃO: as práticas contraditórias nas instituições religiosas cristãs no Brasil contemporâneo

A corrupção nas instituições religiosas existe e não é de agora. A afirmação pode até ser clichê, mas a verdade é que até Cristo sofreu com esse mal, posto que escolheu 12 discípulos que deveriam ser fiéis ao seu exemplo e ordens, um se rebelou, Judas Iscariotes, movido pela ganância em busca de poder. Sem falar do fato de um outro discípulo o negar três vezes, que foi o caso do apóstolo Pedro.

Quando o estudioso se debruça sobre corrupção tendo como base o Evangelho de Jesus Cristo, logo se encontra as seguintes palavras: “não acumuleis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde os ladrões escavam e furtam[...]. Porque onde está teu tesouro ali estará também teu coração” (Bíblia, 2011 p.1075). Contudo, algumas instituições religiosas acabam que ignorando essas palavras de Cristo quando pregam uma vida de prosperidade e riquezas para os membros da Igreja.

Cabe aqui lembrar que esta prática não é de hoje, já acontecia há tempos de, basta pensar que a Igreja Católica existente no mundo inteiro, também praticava esse tipo de atitude visando a expansão de seu império. Não é possível falar de corrupção sem mencionar a venda das indulgências, causa principal do início do movimento liderado por Martin Lutero, denominado protestantismo, existente até hoje.

6.1 “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”: a política brasileira atual e a religião cristã

A atualmente no Brasil, a busca pelo poder e riqueza tem ganhado destaque nas matérias jornalísticas. A teologia da prosperidade que surgiu com William Kenyon, vem sendo bastante aceita pelos fiéis das religiões protestantes, em especial as neopentecostais. As igrejas se destacam pela estrutura de seus templos em todos os lugares onde têm filiais um exemplo disso é a Igreja Universal do Reino de Deus, fundada por Romildo Ribeiro Soares e Edir Macedo em 1977 no Rio de Janeiro. Veja o que diz Leite (2019):

A Igreja Universal é a denominação neopentecostal com maior número de adeptos, de templos, assim como a mais disseminada pelo Brasil e pelo mundo e com enorme estrutura institucional. A Universal é um marco do início da terceira fase do pentecostalismo, pois é a partir de rupturas que ela inaugura que diversas outras denominações surgem reproduzindo suas

características ou as incorporam, no caso de denominações que já existiam. Tanto a autobiografia de Edir Macedo, como a página da Igreja e o filme Nada a Perder, que conta a história do líder e esteve em cartaz nos cinemas em 2018, exaltam a grandiosidade da Igreja e de seu líder Edir Macedo (Leite, 2019, p.51).

A Igreja de Edir Macedo está presente em 135 países, é uma expansão admirável que chega a quase se assemelhar com a Igreja Católica. Por trás disso tudo há dinheiro e exploração da fé alheia. Dentre tantas ações judiciais que a IURD tem, cita-se aqui uma ocorrida em 2025 em que a Justiça do estado do Rio de Janeiro ordenou a “Igreja Universal do Reino de Deus devolva mais de R\$ 50 mil a uma ex-fiel diagnosticada com transtorno bipolar. Segundo o processo, ela foi incentivada a fazer doações com o argumento de que o dinheiro seria “para Deus”. (Salvador, 2025). Esse foi apenas um dos inúmeros processos judiciais e escândalos envolvendo esta instituição religiosa.

Outra igreja que ficou muito conhecida pela busca do poder foi a Assembleia de Deus Vitória em Cristo. Seu líder é o renomado e polêmico pastor Silas Malafaia, que ganhou notoriedade nas redes sociais e na mídia por apoiar o então presidente Jair Messias Bolsonaro; mas a instituição religiosa é bem mais antiga, é de 1959, era a antiga Assembleia de Deus da Penha, este nome foi modificado em 2010, assim que Silas Malafaia assumiu o cargo de presidente.

Malafaia é um dos maiores líderes da Extrema-Direita no Brasil e usa a sua religião para se envolver em polêmicas com determinadas classes sociais a exemplo das feministas, dos LGBTs, e das religiões de matriz africana.

A Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo e seu líder já foi alvo por várias vezes da Polícia Federal. Em 2017 ele foi levado coercitivamente para depor na sede da Polícia Federal, pela realização da Operação Timóteo:

O pastor Silas Malafaia, da Associação Vitória em Cristo, ligada à Assembleia de Deus, foi indiciado pela Polícia Federal na Operação Timóteo por lavagem de dinheiro. [...] Malafaia é suspeito de apoiar a lavagem do dinheiro do esquema e ter recebido dinheiro do principal escritório de advocacia investigado na operação. A polícia ainda tenta esclarecer se o religioso emprestou contas correntes de uma instituição evangélica sob sua influência com a intenção de ocultar a origem ilícita dos valores (Veja, 2027).

A referida igreja e seu líder foram tema para o documentário, Apocalipse nos trópicos, lançado em 2024, da diretora Petra Costa. O documentário mostra a ascensão do protestantismo no Brasil, sobretudo da igreja ADVC.

O posicionamento de Silas Malafaia sobre poder é o que mais chama a atenção. Veja o que diz Carlos Caldas (2025) sobre o líder religioso:

Malafaia não esconde a perspectiva teológica que orienta suas ações: a “teologia dos sete montes”, uma leitura, no mínimo, criativa e curiosa de Apocalipse 17.9: “Aqui está o sentido, que tem sabedoria: As sete cabeças são sete montes, nos quais a mulher está sentada”. Em uma interpretação alegórica, uma eisegese³, a teologia dos sete montes defende que os cristãos devem exercer domínio em sete áreas na sociedade, a saber: família, educação, religião, governo, mídia (meios de comunicação, imprensa), entretenimento (cultura e arte) e economia (Caldas, 2025).

Todo protestante aprende desde pequeno que o homem é a cabeça, isso é bíblico, em outras palavras, ele é o chefe que governa esposa e filhos, Malafaia não tem muita dificuldade em disseminar esse pensamento teológico aos fiéis de sua igreja. Mas o domínio não se limita a este fato, é preciso ir além, e para isso acontecer ele precisaria se aliar politicamente a um nome, que foi o do então deputado, Jair Bolsonaro, que ganhou as eleições de 2018. Com Bolsonaro na Presidência da República, Silas poderia dominar as outras áreas com sua influência significativa nas decisões do Governo Federal.

Apadrinhado por este líder religioso surge o governo que tinha como slogan “Brasil acima de tudo e Deus acima de todos”, a utilização do nome de Deus na campanha eleitoral deu certo, e o governo de “Deus, pátria e família” surge e domina o Brasil, foi um governo com seus de altos e baixos, e uma crise sanitária mundial, a pandemia da COVID-19 que foi, em parte, ignorada por Bolsonaro, o que resultou em mais de 700 mil pessoas mortas.

A situação das igrejas neopentecostais e o poder aquisitivo gira também em torno de outras denominações protestantes, como por exemplo a igreja Batista da Lagoinha e seu líder religioso, o cantor e pastor André Valadão que fundou um banco só para evangélicos, como se atesta na matéria do site O Globo (2024)

Segundo o próprio site, o Clava Forte oferece contas digitais, cartões, maquininhas, financiamentos, seguros e até marketplace e programas de cashback — tudo voltado ao chamado “mercado cristão”. O banco é administrado por Valadão e sua esposa, a influenciadora Cassiane Montosa Pitelli Valadão, que ocupa o cargo de diretora. A sede fica no mesmo prédio da Igreja Lagoinha, em Belo Horizonte.

A princípio parece uma ideia interessante, uma organização que se preocupa com o dinheiro de seus fiéis. São seguidores que dão seu dízimo sem pestanejar, mais

do que isso, dão ofertas acima do esperado para a obra do Senhor, então, nada melhor do que o seu dinheiro está resguardado em uma instituição só de cristão que compactua dos mesmos objetivos pós morte, que é a salvação eterna.

A verdade é que esse tema é complexo. Um banco financeiro que cuida exclusivamente do dinheiro de cristãos protestantes, e diz que vai cuidar do crescimento do reino de Deus, isso aparentemente destoa com o que Cristo disse: “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. (Bíblia, 2011, p.1101)

Como qualquer outra instituição financeira, gerida por homens que tem a moral a prova, os problemas financeiros do banco da Igreja da Lagoinha começaram a surgir no final do ano de 2025, e estão relacionadas as fraudes do Banco Master e a prisão de Daniel Vocaro, como se atesta pela matéria abaixo:

Igreja Batista da Lagoinha e a fintech Clava Forte Bank, ligadas à liderança do pastor André Valadão, mantêm relações estreitas com o Banco Master, controlado pelo banqueiro Daniel Vorcaro. Tanto a instituição religiosa quanto o banco são citados em investigações que apuram um esquema bilionário de descontos ilegais em benefícios do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). (Gonçalves, 2026).

Problemas financeiros envolvendo líderes religiosos e igrejas neopentecostais é só um pouco dos desvios da conduta moral desses homens que pregam a Palavra de Deus, mas vivem outra vida.

A situação se agrava quando o amor ao próximo é deixado de lado e esses líderes passam a propagar o ódio e a intolerância, como se tem visto em relação as religiões de matrizes africanas e ao homossexualismo. Cabe aqui lembrar as palavras de Jesus Cristo: “Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas; não vim revogar, mas cumprir” (Bíblia, 2011, p.1082), contudo, com suas atitudes humanas e piedosas, Cristo acabou que revogando algumas leis, sim. Basta lembrar da mulher adúltera que estava prestes a ser apedrejada e o Messias apenas com uma frase de efeito desestimulou os apedrejadores. Outra situação é quando ele instituiu um novo mandamento, o “ame o seu próximo com a si mesmo” (Bíblia, 2011, p.1102). O que acaba esfacelando algumas leis que estão no livro de Levítico, que se supõe ter sido escrito por Moises e até hoje é causa de muitas desavenças entre as religiões e grupos sociais.

Observa-se no texto abaixo sobre o preconceito com relação a religiões:

Temos constatado o avanço dos ataques a comunidades tradicionais de terreiro no Brasil e não é muito difícil levantar hipóteses sobre as causas desse fenômeno, já que a última campanha eleitoral foi um desfile de ataques às ditas minorias, entendidas nesse contexto como minorias políticas e, portanto, com pouca ou nenhuma representatividade nas casas legislativas dos estados brasileiros. Sinto que houve o fortalecimento, até mesmo a legitimação de atos de intolerância religiosa, já que a maior autoridade política do país declarou que o Brasil é um país majoritariamente cristão e que quem fosse contra se mudasse. Entendo que as falas do presidente serviram para encorajar pessoas a desrespeitar a fé alheia (Daniel de Oxaguian apud Nogueira, 2020, p.45).

Essa falta de empatia para com as religiões politeístas, acaba que agravando o preconceito racial e consequentemente descumpre a ordem de Cristo que mandou apenas amar ao próximo independente de sua crença.

O problema fica mais delicado quando o tema é o homossexualismo, nesse assunto o radicalismo é explícito nos cultos e no posicionamento dos líderes das igrejas, que tendo por base o livro de Levítico, encontram embasamento religioso para proferir tudo o que eles pensam sobre os homossexuais. O caso engloba também a Igreja Católica, porém, esta que chegou a colocar sodomitas nas fogueiras, hoje tem um posicionamento menos radical para com essas pessoas, talvez seja devido aos inúmeros escândalos envolvendo pedofilia dentro dos muros da instituição. O fato é que, o discurso de ódio proferido em púlpitos contra os homossexuais continua acontecendo, e a alguns anos atrás chegou até o Congresso Nacional, com a polêmica pauta da “Cura Gay”, defendida pelo pastor e deputado federal, Marco Feliciano em 2013.

A base desse ódio, como fora citada acima, está no livro de Levítico capítulo 18, no versículo 22 “Com homem não te deitarás, como se fosse mulher; abominação é” (Bíblia, 2011, p.147). Em nome do que está escrito na Bíblia muitos já tiveram vidas ceifadas ou cometeram suicídio, por se sentirem psicologicamente pressionados pela sociedade dita cristã.

O que tudo isso tem a ver com o texto de Machado de Assis é exatamente a desobediência do que Cristo disse, ao pregar o amor e ao morrer por toda a humanidade. É por esta razão que no conto machadiano, quando o Diabo se sente lesado pelos seus seguidores ele volta até o reino celestial a fim de perguntar como é possível tal fato e Deus responde da seguinte forma: “— Que queres tu, meu pobre Diabo? As capas de algodão têm agora franjas de seda, como as de veludo tiveram franjas de algodão. Que queres tu? É a eterna contradição humana”. (Assis, 1884, p.15). Em outras palavras, são as mudanças de valores e aparências que o ser

humano já se acostumou a realizar ao longo de sua vida, um conflito com seus pensamentos e práticas.

Quando líderes destilam ódio, repulsa ao ser humano por não seguir os parâmetros adotados pelas suas instituições religiosas, automaticamente ele se enquadra na doutrina existente na Igreja do Diabo, uma vez, que está praticando a “virtude” da Ira; e o próprio Diabo disse sobre Amor ao Próximo: “Leve a breca o próximo! Não há próximo!” (Assis, 1884, p. 11). Quando pastores mancomunam para obter bens financeiros, elevando seu patrimônio, eles estão praticando a “virtude” da avareza; afora a fraude que o Diabo orientava a prática em sua igreja. Quando líderes religiosos pregam o evangelho distorcendo-o, para juntar tesouros na terra, automaticamente praticam a “calúnia”, a mesma que o Diabo “induziu a exercê-la mediante retribuição, ou pecuniária, ou de outra espécie; nos casos, porém, em que ela fosse uma expansão imperiosa da força imaginativa, e nada mais” (Assis, 1884, p. 10).

Estes fatos não são únicos e exclusivos das igrejas protestantes neopentecostais, a Igreja Católica Apostólica Romana já praticou isso, os templos que foram erigidos ao longo dos séculos, não eram apenas para sediar a instituição de Deus na Terra, mas para alimentar o ego de Papas que dirigiam a primeira Igreja Cristã. E até hoje há determinadas congregações dentro da Igreja Católica que pregam um discurso de ódio para com os homossexuais e as religiões de matriz africana, bem como as doutrinas espíritas e até religiões protestantes.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos fatos mencionados que foram possíveis constatar pela leitura e análise do conto A Igreja do Diabo, conclui-se que o problema não está fincado nas instituições, mas sim, nas pessoas que lideram e aos seguidores que acabam se corrompendo moralmente.

Na Igreja do Diabo o homem corrupto e perverso, passava a praticar o bem, de acordo com os ensinamentos de Cristo. É desta mesma forma que ocorre com as igrejas cristãs, o homem se traveste de pessoa boa, mas na verdade, vive a realizar crueldades. Machado de Assis mostra como o ser humano consegue dissimular o seu comportamento dentro das instituições religiosas.

Pode-se também detectar que alguns líderes religiosos, com o objetivo de obter poder e riqueza neste mundo, como se atesta nos grandes impérios e pela fundação

de bancos financeiros erigidos em nome de Deus, eles desobedecem às ordens que foram deixadas pelo próprio Jesus Cristo. A prática da homofobia, do preconceito contra espíritas e religiões politeístas, que de certa forma, culmina no racismo e esfacela o ensinamento de amar o próximo.

Por fim, pode-se afirmar que o conto A Igreja do Diabo, escrito em 1884, remete o leitor a pensar sobre seus hábitos diante das ordens impostas por qualquer instituição religiosa. A obediência a hierarquias não é o que a maioria das pessoas gostam de praticar, mas existe a necessidade de se respeitar visando o bom andamento das repartições, quer seja de Deus ou do Diabo.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ VALADÃO LANÇA BANCO VOLTADO AO PÚBLICO CRISTÃO. **Jornal o globo**. Rio de Janeiro. 14 abr 2025. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2025/04/14/andre-valadao-lanca-banco-voltado-ao-publico-cristao.ghtml>. Acesso em: 11 fev 2026.

ASSIS, Machado de. A Igreja do Diabo. In: **Histórias sem datas**. B. L. Garnier.-livreiro-editor. Rio de Janeiro, 1884.

BÍBLIA, Sagrada. **Bíblia**: Antigo e novo testamento. Versão Reina-valera em português. 1ª edição. Rio de Janeiro, 2011.

CALDAS. Carlos. Apocalipse nos trópicos: dos perigos da aliança entre religião e política. **Revista ultimato**. Minas Gerais. 29 ago 2025. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/apocalipse-nos-tropiclos-dos-perigos-da-alianca-entre-religiao-e-politica>. Acesso em: 04 jan 2026.

DRUMMOND, a. As constituintes da moral medieval católica: como os vícios humanos se tornaram os sete pecados capitais. **Revista mundo antigo**. Campos, ano III, v. 3, n. 5, p. 41-62, jul. 2014. Disponível em: < <http://www.nehmaat.uff.br/revista/2014-1/artigo02-2014-1.pdf>>. Acesso em 07 fev 2026.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro. Graal, 1994.

GONÇALVES, Rafaela. Church & Bank: Banco Master, Lagoinha e as conexões sob investigação. **Jornal Correio Braziliense**. Brasília. 29 jan 2026. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2026/01/7343481-church-bank-banco-master-lagoinha-e-as-conexoes-sob-investigacao.html#google_vignette. Acesso em: 08 fev 2026.

LEITE, Luiza Chuva Ferrari. **O plano de poder da Igreja Universal do Reino de Deus**: Estratégias territoriais da expansão neopentecostal no Brasil. Dissertação de mestrado. Salvo, Bahia, 2019. Disponível em:<

https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/31761/1/Dissertacao_Luiza%20Chuva_Vers%C3%A3o%20Final.pdf>. Acesso em 08 de fev 2026.

MAGALHÃES, ACM; BRANDÃO, E. O Diabo na arte e no imaginário ocidental. In: **O demoníaco na literatura**. Campina Grande: EDUEPB, 2021.

MARTINS, Patrícia Leonor. Uma breve história do Diabo na Literatura. **Revista de Literatura e da Múltiplas Linguagens da Arte**. Disponível em: <https://www.editoracientifica.com.br/books/chapter/uma-breve-historia-do-diabo-na-literatura>. Acesso em: 29 jan 2026.

NIETZSCHE, Friedrich. [1878] **Humano, demasiado humano**: um livro para espíritos livres. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020.

SALVADOR, Raony. "Dinheiro para Deus": Justiça manda Igreja Universal devolver R\$ 50 mil à fiel bipolar. **Revista Fórum**. São Paulo. 22 jun 2025. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/brasil/dinheiro-para-deus-justica-manda-igreja-universal-devolver-r-50-mil-a-fiel-bipolar>. Acesso em: 10 fev 2026.

SILAS MALAFAIA É INDICIADO PELA PF POR LAVAGEM DE DINHEIRO. **Revista Veja**. São Paulo. 24 fev 2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/silas-malafaia-e-indiciado-pela-pf-por-lavagem-de-dinheiro>. Acesso em 12 fev 2026.

LETRAMENTO DIGITAL DO PROFESSOR: A INTEGRAÇÃO DAS TDIC'S EM SALA DE AULA

Maria Deltiane Pereira Barbosa (UEMA)⁵
Maria Helena Nascimento Conceição (UEMA)⁶

RESUMO

Este trabalho busca desenvolver uma análise sobre o uso de tecnologia em sala de aula por professores de Língua Portuguesa, através das TDIC's – Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, buscando o Letramento Digital - LD, que passou a fazer parte do ensino aprendizagem e dos métodos educativos. Isso corresponde também a entender os desafios que os professores enfrentam para o uso das TDIC's, tanto para a prática educacional, como para sua vida como um todo. Pensando nisso tudo, o objetivo central da pesquisa é analisar os desafios enfrentados pelos professores na integração das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC's) em suas práticas pedagógicas, visando compreender as dificuldades e as estratégias utilizadas para superar essas barreiras. Tem-se como principal questionamento: Quais os desafios enfrentados pelos professores no uso das TDIC's em suas práticas pedagógicas? Para tal, se fez uso dos métodos bibliográfico, qualitativo e exploratório para produção textual, sem contar na pesquisa de campo, através do levantamento de dados, com questionário aplicado para 9 professores de Língua Portuguesa. Para o suporte teórico contou-se com os conceitos e teorias de diversos autores, dos quais Santana e Fonseca (2017), Santos et. al (2024) e Schuartz e Sarmento (2020). A partir dos dados coletados concluiu-se que os entrevistados sabem exatamente do que se trata as TIC's e compreendem sua importância para a educação, destacando os maiores desafios na infraestrutura e desigualdade, assim também fortalecem a necessidade de uma assistência e de recursos mais tecnológicos a disposição deles para melhor desempenho no uso de tais tecnologias dentro de sala de aula.

Palavras Chaves: TIDC. Professores. Práticas Pedagógicas.

1 INTRODUÇÃO

O uso de tecnologia na educação se tornou muito comum, isso porque a era digital tomou conta do mundo e também da sala de aula, o que fortalece a ideia de necessidade evolutiva por parte dos professores. Com isso, o educador precisa sempre estar em contínua evolução, buscando fazer desse uso uma condição pedagógica, porém, ainda que se fale de metodologias de ensino evolutivas no contexto das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC's), é preciso também citar que existem desafios nessa implantação, cabendo também ao professor saber lidar com eles.

Outra condição que pode ser destacada é a aceitação do aluno na prática pedagógica por parte dos professores, seja em quaisquer níveis escolares, infantil, fundamental, médio, técnico e superior, pois como dito, se torna uma perspectiva considerada até inevitável nas novas visões do ensinar em sala de aula.

⁵ Graduanda em Letras. Email: bdeltiane@gmail.com

⁶ Especialista em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa. Email: helenalins0711@gmail.com

Da mesma forma que o professor se torna central nesse processo de uso da tecnologia, os alunos também têm seu papel fundamental, como apontam Santana e Fonseca (2017, p. 7): “Não será difícil encontrar nas salas de aula alunos que superem o professor no quesito habilidade digital. Na verdade, grande parte dos alunos dominam as ferramentas por já terem nascido nessa sociedade tecnológica”. O entendimento disso parte da visão de que o professor precisa saber lidar com a era digital no sentido de ser algo comum na vida dos alunos, sendo que como citam os autores, eles já nasceram e estão envolvidos nessa sociedade tecnológica.

Assim, a pesquisa se justifica pelo anseio de buscar compreender como essas dificuldades influenciam na qualidade de ensino e na competência do professor, sem contar em como se pode desassociar a educação atual com o uso de tecnologia, existindo certa dependência atualmente.

Os objetivos da pesquisa são analisar os desafios enfrentados pelos professores na integração das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação em suas práticas pedagógicas, visando compreender as dificuldades e as estratégias utilizadas para superar essas barreiras, verificar os principais obstáculos técnicos, pedagógicos e culturais que dificultam o uso de tecnologia por professores em diferentes contextos educacionais; conhecer o nível de formação e preparo dos professores para a utilização das ferramentas tecnológicas em sala de aula e as oportunidades de capacitação disponíveis e identificar estratégias e práticas pedagógicas que promovam a utilização eficaz das TDIC's, considerando as demandas e limitações do ambiente escolar.

Tem-se como principal questionamento: Quais os desafios enfrentados pelos professores no uso das TDIC's em suas práticas pedagógicas? Com isso tudo, o trabalho se justifica pela necessidade de mais entendimento quanto ao uso de tecnologia em sala de aula, levando em conta principalmente o papel do professor de Língua Portuguesa e suas dificuldades na aplicação dessa tecnologia, considerando também o Letramento Digital que é exigido para os novos conceitos de metodologia educativa.

2.USO DA TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO COMO FERRAMENTA EDUCACIONAL E APERFEIÇOAMENTO DO LETRAMENTO DIGITAL

O uso da tecnologia em sala de aula é ligado aos resultados educacionais, ainda mais quando o professor se propõe a usá-la a seu favor, sendo assim, ela afeta

tanto de forma negativa como positiva os alunos, sem contar que a estrutura e ambiente escolar mudou na mesma proporção que a educação em geral.

Deste modo, “[...] conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade, chamamos de “tecnologia” (Kenski, 2012, p. 24). Nem sempre ligadas a processos digitais, mas sim a condições evolutivas e processuais que reforcem a ideia de construção de equipamentos ou ideias inovadoras e descobertas.

Entende-se também a necessidade de uma formação continuada para os professores, tanto por parte deles mesmos, como das instituições de ensino, isso porque a melhor forma de aplicar novos métodos de ensino com uso da tecnologia e fortalecer a ideia de realidade que é preciso, ou seja, contextualizar a teoria com a prática.

Com isso, Santos *et al.* (2024, p. 4) completam: “O desenvolvimento de competências digitais requer, portanto, um investimento institucional em formações continuadas que incluam aspectos técnicos e pedagógicos”. Usar tecnologia na prática em sala de aula consiste então na formação dos professores e de o fazer da melhor maneira possível, passando pela ideologia de que a era digital é inevitável e cabe ao professor fazer uso desse recurso de forma educativa, além disso, na busca do Letramento Digital, o qual exerce também esse papel de capacitação citada.

Desde sempre existiu tecnologia, porém, antigamente, era uma etapa de evolução, pois se fala de tecnologia não apenas digital, mas também de processos de construção ou inovação, como móveis, ferramentas, objetos, etc., materiais que envolvem e facilitam a vida do ser humano. Exemplos são a criação da roda em 3.500 a.C, da pólvora pelos chineses na idade média, dos fogos de artifícios no século XVII, e em 1712 é criado o motor a vapor, todos esses acontecimentos históricos fazem parte das inovações tecnológicas e se percebe que não tem envolvimento direto com a tecnologia digital, pois até então a internet ainda não havia sido descoberta ou mesmo evoluída para o que se tem hoje em dia (Santos *et al.* 2019).

Considerando tudo isso, se fala então do uso de tecnologia em sala de aula, pois os conteúdos pedagógicos agora se baseiam na melhor forma de aplicá-los, sendo inevitável não se pensar na demanda da era digital. Uma maneira de exemplificar isso é o uso do celular, segundo Castro e Amaral (2023), o uso de tecnologia pelos alunos, através de celular e computadores como método de aprendizagem, aumentou 42% nos últimos anos, sendo isso mais recorrente no

ensino privado, demonstrando também a desigualdade, porém isso também expõe a evolução do uso de tecnologia na era digital, como dito, algo que pode ser considerado inevitável atualmente.

As tecnologias digitais elevam mais ainda a evolução tecnológica, pois agora não se fala apenas dos processos, mas dos equipamentos e manuseio direto de plataformas e da própria internet, voltadas especificamente para a educação e sua melhoria. “A era digital inaugurou o uso de plataformas digitais que aceleram o dia a dia. Elas favorecem positivamente na disseminação do conhecimento, fazendo-o chegar aos mais distantes recantos do mundo conectado” (Santana e Fonseca, 2017, p. 8). Como o uso de sites de pesquisas, manuseio de aplicativos (Drive e Google) e equipamentos para estudos (notebook, Tablet, celular), instrumentos e materiais de ensino (Data Show, lousas digitais), servem de exemplo.

Assim, “as TDIC’s são artefatos que instigam a cooperação e parceria na produção do conhecimento e podem contribuir para processos educativos que superem os limites entre o físico e o virtual” (Schuartz e Sarmento, 2020, p. 431). Tais tecnologias dizem respeito a manejar instrumentos que facilitem a educação e seu processo, principalmente na instrução e aprendizagem, sendo componentes fundamentais para os professores e alunos. Com isso, também se identifica desafios nessa aplicação, sendo destacados alguns:

O desafio que se impõe hoje aos professores é reconhecer que os novos meios de comunicação e linguagens presentes na sociedade devem fazer parte da sala de aula, não como dispositivos tecnológicos que imprimem certa modernização ao ensino, mas sim conhecer a potencialidade e a contribuição que as TDIC podem trazer ao ensino como recurso e apoio pedagógico às aulas presenciais e ambientes de aprendizagem no ensino a distância (Schuartz e Sarmento, 2020, p. 431).

Usar a tecnologia deve ser visto como potencialização do ensino, ou seja, uma maneira de melhorar a educação, pois como dito, isso ajuda no processo de aprendizagem e auxilia os alunos na investigação e na adesão de conhecimentos, por isso também se fala da era de informação e comunicação.

A proibição do celular nas escolas trouxe novos conflitos e embates sobre o tema, não só porque se trata de uma adequação a nova visão educativa, mas porque também se tem que seria responsabilidade dos envolvidos, professor, diretor, pais, etc., ter o controle sobre os alunos e seu acesso a internet, que é a principal função do celular na escola, porém, muitos são os desafios para esse uso, pois em quase

todos os casos, os estudantes não usam a tecnologia para fins educativos, principalmente no ambiente escolar.

A Lei nº 15.100/2025, que restringe o uso de celulares nas escolas, já está em vigor. Cabe a cada uma das redes de ensino e escolas, públicas e privadas, definirem suas próprias estratégias de implementação até o início do ano letivo. A legislação surge em resposta ao crescente debate sobre o uso desses aparelhos nas escolas, que gera grande preocupação a especialistas e à população em geral, devido aos impactos negativos no aprendizado, na concentração e na saúde mental dos jovens (GOV, 2025, s/p).

Porém, rodeada de algumas controvérsias e barreiras, a Lei 15.100/25, traduz novas preocupações com a tecnologia nas escolas, isso porque ela expõe situações em que o acesso a internet passou a interferir diretamente no ensino aprendizagem, sendo preciso estabelecer restrições quanto ao tema.

Costa (2014, p. 19) completa: “Um dos problemas mais sérios para a implementação das TDIC’s é a capacitação de professores, que é um problema da educação brasileira como um todo”. Assim como se destacou com a Lei de proibição de uso de celulares nas escolas, se destaca o quanto a falta de manejo ou mesmo habilidade do professor em lidar com o desafio ajudou para essa efetivação legal da restrição, visto que com base nessa perspectiva, só se enxerga o lado negativo do uso da tecnologia em sala de aula, porém, não se pode negar o quanto ela também ajuda no ensino aprendizagem.

Enfim, se estabelece outro grande desafio, que é a falta de infraestrutura para usar e conciliar educação com tecnologia, pois ainda que o professor seja capacitado, aberto a novas ideias, facilitador, entre outras condições positivas, ele também é prejudicado quando não lhe é ofertado os meios facilitadores para desenvolver seu ensino de forma proveitosa com o uso da tecnologia.

Assim, a coleta de dados deste estudo foi realizada em agosto de 2025, através de entrevistas com professores da rede pública da cidade de Itapecuru Mirim– MA, de várias escolas municipais. O método de coleta de dados foi presencial e também a distância, tanto em forma de entrevista estando com o professor, como também online, através da rede social e aplicativo WhatsApp, sendo enviado o arquivo em Word e o professor os devolvendo respondido. Os professores não estão identificados, assim serão chamados na pesquisa como Entrevistado 1, 2, 3, 4 e assim sucessivamente. Os dados coletados foram analisados em forma de tabelas, para

melhor compreensão e separação de dados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tabela 1 – Sabe o que são TIC'S?

RESPOSTAS	QUANTIDADE
Sim	9
Não	0
Pouco	0
Demais	0

Fonte: Tabela autoral (2025)

Apesar de se destacar desafios quanto ao uso de Tecnologia em sala de aula, é possível destacar que entre os entrevistados, 100% sabem do que se trata as TIC's, o que ajuda também no desenrolar da pesquisa, visto que assim os dados coletados se tornam mais verídicos e reais, se tratando de fato da realidade em que os professores vivem quanto ao uso de tecnologia.

Tabela 2 – Quais os tipos de tecnologias que costuma usar na aula?

ENTREVISTADO	RESPOSTAS
1	Notebook, Data show e lousa digital
3	PC, internet e redes sociais.
5	Eu diversifico, depende muito da proposta de aula do dia. Especificamente relacionado a equipamentos: datashow, notebook, celular, som, etc. Além disso, utilizo diversas ferramentas digitais, como jogos (wordwall, kahoot,
	COQUINHOS – Jogos Educativos), simuladores em 3d, como o Mozaik 3D, etc
7	Computador, tecnologias assistivas, retroprojektor e o próprio celular do aluno
9	Voltado para a informática, uso de aparelhos eletrônicos, com como notebook, data show e áudio visual

Fonte: Tabela autoral (2025)

Mediante a análise, destaca-se que a tecnologia mais usada em sala de aula, diz respeito a equipamentos, como bem frisado pelos professores, uso de notebook, TV, áudio visual, retroprojeto, etc. Ainda que se reforce também o objetivo central que são aulas mais participativas, com uso da exposição, no qual a tecnologia facilita.

É importante citar que, ao usar tecnologia em sala de aula, ainda mais nos níveis em destaque, fundamental menor e médio, em que os alunos têm idade entre 11 e 18 anos, os mesmos já trazem de casa familiaridade com a tecnologia, muitas vezes mais que os próprios professores. O desafio então, nessa perspectiva, é fazer com que essa tecnologia seja usada de forma educativa.

Tabela 3 – Qual atividade que desenvolve no trabalho que mais necessita de uso de tecnologia?

ENTREVISTADO	RESPOSTAS
2	Jogos interativos
4	Programas como Word, leitores de PDF e Slides.
5	Gêneros multimodais, atividades de revisão de conteúdos em geral, e atividades interativas com alunos atípicos.
6	O uso de vídeos e conteúdos audiovisuais durante as aulas e a comunicação com alunos e responsáveis via aplicativo de WhatsApp
7	Quase todas as minhas atividades envolvem tecnologia, mesmo que direta ou indiretamente, aulas expositivas em slides, atividades adaptadas e tecnologias assistivas,
	ferramentas de IA e jogos específicos com os assuntos trabalhados
8	Apresentação de slides e Gamificação, plataformas digitais, canva

Fonte: Tabela autoral (2025)

Aqui se destacam as atividades mais frequentes nas quais os professores usam tecnologia. Observa-se um contexto voltado para a preparação das aulas, de forma que o professor usa a tecnologia para pesquisar, formatar, editar, ramificar e outros condições que diz respeito diretamente com produção da aula, fazendo uso de APP, como Canva, plataformas digitais, redes sociais, sites de pesquisa, programas como pacote Office, e dos recursos técnicos e materiais que fazem com que os resultados sejam visualizados e acessado por eles e pelos alunos, tais como notebook, TV, retroprojektor etc.

Há discussões sobre o uso de redes sociais e plataformas digitais na sala de aula, como frisado também na lei de restrição do uso do celular na escola. Sobre isso, “as redes sociais, por sua vez, oferecem ambientes colaborativos que transcendem as fronteiras físicas da sala de aula. Plataformas como Facebook, Twitter e Instagram podem ser utilizadas para promover discussões” (Dos Anjos et al., 2024, p. 17). Além disso, se fala também de compartilhamento de recursos, fomentando grupos para aprendizagem e construção mais crítica, incentivando também a pesquisa.

É válido dizer que há um consenso sobre os benefícios da tecnologia na educação de forma geral, pois como frisado, cabe ao professor saber como usá-la, assim como também conscientizar os alunos os benefícios, como Dos Anjos et al. (2024, p. 17) reforçam: “Ao incorporar o celular e as redes sociais na prática pedagógica, os educadores têm a oportunidade de contribuir para o desenvolvimento de competências digitais essenciais”. O professor incentiva, motiva, constrói e instrui os alunos sobre a responsabilidade do uso das tecnologias, sendo então mais uma das inúmeras atribuições que são dadas a eles.

Tabela 4 – Como acredita que a tecnologia ajuda no ensino aprendizagem?

ENTREVISTADO	RESPOSTAS
1	Ela facilita o aprendizado, tornando as aulas mais dinâmicas e contribuindo para o engajamento dos alunos
2	Sendo mediadora, usada com o propósito de somar e com as devidas orientações, tornando a aquisição de conhecimento mais prática e criativa.
5	Torna muitos conteúdos mais acessíveis aos alunos, visto que por meio de certas tecnologias, é possível sair do tradicional e elaborar aulas mais atrativas. Isso não significa, porém, que toda aula precisa ser assim, mas sair da rotina é preciso.
6	De forma que torna o aprendizado mais dinâmico e interessante, além de facilitar a informação comunicação e interação entre aluno e professor
7	Ela prende a atenção dos alunos, traz autonomia, potencializa até mesmo o processo de alfabetização e letramento.
9	Ela ajuda na pesquisa, na produção e na praticidade de aprender a fazer ou sobre determinado assunto

Fonte: Tabela autoral (2025)

Destacou-se inúmeros desafios quanto ao uso da tecnologia em sala de aula, tais como falta de estrutura, recursos materiais e equipamentos, formação deficiente dos professores, falta de capacitação dos professores e conseqüentemente má uso das TDIC's, o que pode resultar em uma receptividade negativa por parte dos alunos.

Silvério e Ferreira (2022) destacam que apesar de ser um tema crítico, a entrada da tecnologia na educação também exerce o poder de mudança, de construção que possibilita a busca pela riqueza, seja ela material, financeira ou intelectual, pois também detém o poder do conhecimento no tempo atual.

Outro ponto de destaque em análise é a praticidade de fazer uso de todos esses recursos, trazendo resultados positivos para o ensino aprendizagem e para o aluno. “Essa utilização pode favorecer a autonomia do educando, sendo o papel do professor orientar sobre o uso correto das tecnologias, para que o aluno seja capaz

de avaliar a relevância das informações desenvolvendo, assim, o senso crítico” (Furlan e Menegazzo, 2017, p. 10). O que se pode destacar em loco, é o fato de todos concordarem sobre o uso da tecnologia trazer benefícios, mas também enfatizarem que isso dependendo professor saber usar, assim como explana os autores, pois o educador precisa entender contextos e realidades dos alunos, para que essa aplicação seja benéfica para o ensino aprendizagem.

Ainda se enfatiza que “a tecnologia tem o poder abrir caminhos, pois, o uso da mesma, permite abranger uma nova linguagem, onde o processo educacional se potencializa gerando um efeito de desenvolvimento, antes não ofertado” (Silvério e Ferreira, 2022, p. 275). É importante entender que a tecnologia em sala de aula, não deve ser benéfica apenas para o professor, que enfrenta seus desafios tecnológicos, mas também para os alunos e principalmente para o ensino aprendizagem, que deve ser o foco dessa narrativa educativa em busca da evolução dos métodos educacionais.

Tabela 5 – Qual o nível de dificuldade com uso da tecnologia?

RESPOSTAS	QUANTIDADE
Muita dificuldade	0
Pouca ou nenhuma dificuldade	9
Dá para se virar	0
Nem consigo usar	0
Prefiro nem usar	0

Fonte: Tabela autoral (2025)

Se todos os professores entrevistados têm conhecimento do que são as TIC's, seria realmente esperado também que eles não tivessem dificuldades com o uso das tecnologias. Todavia, ao analisarmos a unanimidade da resposta questiona-se o demasiado uso das tecnologias em sala de aula como recursos pedagógicos, talvez por falta de recursos à disposição dos professores ou pela falta de disposição deste de usá-los.

Tabela 6 – Tem alguma formação específica para TIC's? Se sim, qual?

ENTREVISTADO	RESPOSTAS
1	Sim, O uso das tecnologias digitais na sala de aula.
2	Sim, O uso das tecnologias digitais na sala de aula.
3	Não
5	Formação continuada disponíveis de on-line
6	Não
7	Especialização em Tecnologia na Educação
8	Através de capacitações online, e sempre me atualizando com as tecnologias e me familiarizando
9	Não, porém, assisto muitas aulas online e sempre busco me aperfeiçoar

Fonte: Tabela autoral (2025).

As formações continuadas são um dos grandes recursos ofertados pelas instituições de ensino para treinar e capacitar os professores, porém, é importante que os professores também busquem por outras capacitações, como enfatizando nos dados, através de especializações, aulas online e cursos.

É preciso ter consciência que as formações são essenciais aos professores, pois usar a tecnologia em sala de aula se tornou inevitável e quem vai de encontro a isso acaba sendo prejudicado no seu ensino. Com isso, as próprias instituições precisam entender essa nova realidade, ofertando formações mais abrangentes, com programas de capacitação, preparando os educadores para a nova condição digital, informatizada e tecnológica (Dos Anjo et al., 2024).

Tabela 7 – Qual sua maior dificuldade com o uso da tecnologia sendo professor(a)?

ENTREVISTADO	RESPOSTAS
2	Suporta, falta de estrutura, materiais e equipamentos, comprei meus próprios materiais para ter uma aula melhor.
3	Falta de recursos em rede
5	Apenas quando a escola não disponibiliza equipamentos e internet. Não é o caso dos ambientes em que trabalho, mas é por isso que eu tenho o meu próprio material (Datashow, computador, sempre tenho internet no celular, etc).
6	A maior dificuldade é na maioria das vezes o suporte que a escola não oferece ao docente, como por exemplo : ausência de computadores, internet, projetores.
7	Estar sempre se reinventando, usando a tecnologia didaticamente de forma atrativa e inovadora. Pois quando o professor não faz utilização desse recurso, ela se vira contra o professor, aula menos atrativas, alunos desinteressados, usando celulares em sala de forma corriqueira, consequentemente rendimento na aprendizagem baixíssimo
9	Acessibilidade por parte dos alunos, muitos não têm acesso a tecnologia

Fonte: Tabela autoral (2025)

Dentre as dificuldades enfatizadas, se destacam a falta de infraestrutura das escolas, de recursos, dos desafios que é sempre estar em busca de inovações, se reinventar em sala de aula e desigualdade entre os alunos, que para alguns é possível ter acesso a meios tecnológicos, já para outros é difícil e em alguns casos impossível.

Sobre esse desafio estrutural e também de desigualdade social, Dos Anjos et al. (2024, p. 28) afirmam: “Se os alunos não têm acesso consistente à internet ou se a escola não possui dispositivos suficientes, os professores podem enfrentar dificuldades em implementar efetivamente as tecnologias como metodologia ativa”. É uma questão não apenas do professor, mas institucional e política, o que fortalece também a necessidade do educador em buscar metodologias que abrangem essa

realidade para lidar com todos os alunos sem prejudicar o ensino aprendizagem. Com isso, se tem que a educação e tecnologia passam por diversas limitações, em destaque as políticas públicas educacionais efetivas, infraestrutura, capacitação de educadores e desigualdade econômica.

Silvério e Ferreira (2022, p. 278) ainda destacam: “A escola precisa adequar sua estrutura educacional, à realidade tecnológica, tendo em vista que atualmente não há outra forma de transmitir, receber e compartilhar o conhecimento”. Fortalecendo o destaque de falta de infraestrutura, se tem que a escola precisa oferecer ao professor meios para que ele possa ter acesso às tecnologias, seus recursos, suas facilidades e então concretizar seus benefícios.

Em todo esse contexto, se tem que apesar da infraestrutura, não se pode pensar nela de forma fechada, se destaca também o fato humano, pois até as políticas públicas passam por essa questão. Além também dos fatores sociais e econômicos, que como frisado, dizem mais respeito aos alunos, que fazem parte do ensino aprendizagem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os professores entrevistados sabem do que se trata as TIC's, sendo os recursos mais usados datashow, notebook, celular, som e impressora, além de sites e APP como Canva, redes sociais (WhatsApp, Instagram, Twitter, Facebook e e-mail), e Office (Word, Power Point e Excel).

Todos esses recursos são usados em sua maioria na preparação das aulas e atividades lúdicas, buscando a participação mais ativa dos alunos. Dentre os benefícios que a tecnologia pode trazer para o ensino aprendizagem, se destacam o aumento da crítica e autonomia, acessibilidade, dinamicidade e interesse por parte dos alunos, responsabilidade informativa e aprendizado com a pesquisa, sem contar que também aguça a curiosidade.

Todos os professores enfatizam que não tem dificuldade com uso da tecnologia e ainda que concordem com a formação falha nas licenciaturas com tecnologia, eles também reforçam que buscaram por capacitação, através de especializações, cursos, aulas online e Pós-graduação, sempre lembrando que tudo isso reforça a ideia de responsabilidade do professor, o que também foi destacado pelos entrevistados, pois todos entendem que o professor precisa ir em busca de capacitação voltada para as TIC's e também que a educação melhorou com uso da tecnologia, assim como

consideram a formação dos professores indispensável.

Os desafios de mais destaque enfatizados pelos entrevistados na pesquisa dizem respeito a falta de infraestrutura das escolas, de recursos e equipamentos inexistentes, o que traz também uma preocupante realidade, a desigualdade social e econômica dos alunos, para é difícil ter acesso a internet ou aparelhos eletrônicos e em alguns casos impossível, dando ao professor a missão de lidar com isso e buscar métodos de ensino aprendizagem que condizem com essa realidade.

Concluiu-se que os entrevistados sabem exatamente do que se trata as TIC's e compreender sua importância para a educação, destacando os maiores desafios na infraestrutura e desigualdade, porém também fortalecem a necessidade de formação, tanto que todos afirmam buscar por essa capacitação contínua.

Os professores enfrentam muitos desafios no seu dia a dia em sala de aula, não apenas por conta do uso da tecnologia, mas esse uso também expõe outros problemas que pode haver, ou dificuldades para seu manuseio, e quando se fala de Letramento Digital, isso fica ainda mais evidente, pois se fala de habilidades que alguns não tem, mas ao final, para que suas aulas sejam mais elaboradas, integrativas e interativas, é preciso buscar capacitação para que a tecnologia não seja uma vilã, mas sim uma aliada para o ensino aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Sonia Maria dos et al. **Tecnologia na educação: uma jornada pela evolução histórica, desafios atuais e perspectivas futuras**. Iguatu, CE: Quipá Editora, 2024.

CASTRO, Marcela Moraes de. AMARAL, Daniela Patti do. Educação pública em tempo de pandemia: o ensino remoto como efeito da política de oportunismo de ocasião do estado do Rio de Janeiro. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 39, e80838, 2023.

COSTA, Marconny Patrício da. **Os desafios dos docentes frente as novas tecnologias de informação e comunicação**. Universidade Estadual da Paraíba. Guarabira – PB, 2014.

FURLAN, Marcos Vinicius Garcia. MENEGAZZO, Maria Fátima. A importância das tecnologias de informação e comunicação no ambiente escolar. **Revista Eletrônica Científica Inovação e Tecnologia**, Medianeira, v. 8, n. 16, 2017.

GOV.br. Ministério da Educação. **Restrição ao uso do celular nas escolas já está valendo**. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2025/fevereiro/restricao-ao-uso-do-celular-nas-escolas-ja-esta-valendo>. Acesso em 13/08/2025.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Editora Papirus. 2012. 141p.

SANTANA, Maria Áurea Sousa de. FONSECA, Francisca Mirna Santos. **O desafio do educador frente à utilização das novas tecnologias**. CONEDU, 2017.

SANTOS, Bruno Rodrigues dos. *et al.* **A evolução da tecnologia: vivendo uma nova era**. XI EPCC – Encontro Internacional de Produção Científica. 29 e 30 de outubro de 2019.

SANTOS, Joselito *et al.* **DESAFIOS PEDAGÓGICOS DA PRÁTICA DOCENTE NA ERA DIGITAL**. CONEDU, 2024.

SCHUARTZ, Antonio Sandro. SARMENTO, Helder Boska de Moraes. Tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) e processo de ensino. **R. Katál.**, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 429-438, set./dez. 2020.

SILVÉRIO, Marcela Silva Martins. FERREIRA, Mônica de Moraes Santos e. OS DESAFIOS DO USO DAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO. **REEDUC UEG**. v. 8. n. 1. jan/abr 2022.

O USO CANVA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO MÉDIO

Arão Ricardo Alves Nascimento⁷
Leandro de Assis Nascimento dos Santos⁸

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral investigar como o uso do Canva como ferramenta pedagógica contribui para o desenvolvimento de habilidades de produção textual no Ensino Médio. O problema de pesquisa que norteia este estudo é: de que maneira o uso do Canva como ferramenta pedagógica contribui para o desenvolvimento de habilidades de produção textual? Os objetivos específicos incluem: a) discutir como o uso do Canva contribui para o desenvolvimento de habilidades críticas e criativas durante a produção textual; e b) avaliar o impacto do uso do Canva na motivação e engajamento dos alunos durante o processo de produção textual. A fundamentação teórica está ancorada nos conceitos de gêneros discursivos de Bakhtin (2003), que ressaltam a importância das práticas comunicativas contextualizadas, e nos estudos sobre multiletramentos de Rojo (2012), que destacam o papel das tecnologias digitais na formação de habilidades multimodais. Além disso, a metodologia quanti-qualitativa adotada segue as diretrizes propostas por Gerhardt e Silveira (2009), com o uso de instrumentos como questionários e observação direta. Para a coleta de dados, foram aplicados questionários e realizada uma atividade prática com 20 estudantes da 2ª série do Ensino Médio do Centro Educa Mais Ayrton Senna, no laboratório de informática. Durante a atividade, os estudantes criaram flyers temáticos utilizando o Canva, o que permitiu explorar a integração de elementos textuais e visuais. Os resultados indicaram que o uso do Canva favoreceu o engajamento dos alunos, promoveu a organização de ideias e ampliou a criatividade. Apesar de algumas limitações, como o primeiro contato de alguns alunos com a ferramenta, o impacto geral foi positivo, reforçando a importância de incorporar tecnologias da informação e comunicação (TICs) no ambiente educacional. Este estudo conclui que o Canva é uma ferramenta eficaz para tornar o ensino dinâmico e inclusivo, contribuindo para práticas pedagógicas inovadoras.

Palavras-chave: TICs. Ensino de Língua Portuguesa. Canva. Produção Textual.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A motivação para a realização deste estudo decorre de experiências pessoais em sala de aula, em contato constante com tecnologias que transformam o ambiente educacional. Observamos que recursos como imagens, músicas e jogos tornam as aulas mais atrativas e envolventes, potencializando o aprendizado. Este interesse pela tecnologia, aliado à percepção de seu impacto positivo no ensino, despertou o desejo de investigar como ferramentas tecnológicas podem ser integradas às práticas pedagógicas para promover benefícios significativos no desenvolvimento de habilidades estudantis.

Assim, o interesse desta pesquisa está ancorado na realidade contemporânea, em que a tecnologia permeia todos os aspectos da vida. Crianças e jovens estão cada vez mais imersos em um contexto digital, o que torna imprescindível a implementação

⁷ Graduado em Letras Língua Portuguesa – UEMA. E-mail: rihnascimento18@gmail.com

⁸ Mestre em Letras – UFMA. E-mail: leandro.assis.santos@hotmail.com

de ferramentas tecnológicas no ensino. Utilizar recursos que fazem parte do cotidiano dos alunos, como o Canva, contribui não apenas para uma maior familiaridade com o conteúdo, mas também para o desenvolvimento de competências essenciais para o mundo atual.

O problema de pesquisa que norteia este trabalho é: de que maneira o uso do Canva como ferramenta pedagógica contribui para o desenvolvimento de habilidades de produção textual? A partir desse questionamento, este estudo tem como objetivo geral investigar como o uso do Canva como ferramenta pedagógica propicia o desenvolvimento de habilidades de produção de texto no Ensino Médio.

Especificamente, buscou-se: a) discutir como o uso do Canva contribui para o desenvolvimento de habilidades críticas e criativas durante a produção textual; e b) avaliar o impacto do uso do Canva na motivação e engajamento dos alunos durante o processo de produção textual.

Quanto os processos metodológicos, esta investigação é de natureza quantitativa e qualitativa. Essas abordagens não se preocupam com representatividade numérica, bem como com o aprofundamento da compreensão qualitativa, alinhando-se ao que Gerhardt e Silveira (2009) destacam: "opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria". Assim, torna-se essencial compreender as percepções dos alunos durante a realização da atividade, considerando suas experiências e significados atribuídos à ferramenta.

Segundo Gil (2002), "nesse tipo de pesquisa, destaca-se a importância de o pesquisador estar diretamente envolvido no processo, tendo uma experiência pessoal com a situação estudada" (p. 53). Diante disso, na realização desta pesquisa e para a coleta de dados, foi feita uma aplicação de questionário com 20 (vinte) alunos da rede pública de ensino de uma escola de nível médio, que contribuiu para uma experiência prática e envolvente.

A pesquisa de campo caracteriza-se pela investigação que, além da pesquisa bibliográfica, inclui a coleta de dados diretamente com os participantes, utilizando diferentes metodologias, como a pesquisa ex-post-facto, a pesquisa-ação e a pesquisa participante (Fonseca, 2002, apud Gerhardt e Silveira, 2009).

A coleta de dados foi realizada por meio de dois métodos complementares: a aplicação de um questionário no final da atividade e a observação direta durante a execução da tarefa.

Durante a execução da tarefa, foram avaliados o domínio técnico dos alunos sobre o Canva, bem como sua capacidade de integrar elementos multimodais, como imagens, textos e design na construção dos flyers. Também foi observada a promoção de coesão e coerência textual, identificando como os alunos articularam os elementos visuais e textuais para atender aos objetivos da atividade.

A pesquisa foi realizada no Centro Educa Mais Ayrton Senna, uma escola de nível médio em tempo integral, localizada na Rua Raimundo Honório, nº 04, Caminho Grande, na cidade de Itapecuru Mirim, MA. Para a coleta de dados, tomou-se por base a aplicação de um questionário com 20 alunos da segunda série do Ensino Médio. O objetivo principal foi trabalhar a produção textual de forma criativa e interativa por meio da criação de um flyer utilizando a ferramenta digital Canva.

O primeiro encontro teve como objetivo conhecer o perfil da turma e apresentar a proposta da atividade, que seria realizada em dois encontros. Nesse primeiro momento, além da apresentação da proposta, foi ministrada uma aula sobre gêneros textuais e introduzida a ferramenta Canva. Foi realizada uma breve explicação sobre o manuseio da ferramenta, incluindo como selecionar modelos, editá-los, inserir mídias e aplicar formatações básicas.

O segundo encontro foi dedicado à produção dos estudantes, na qual eles utilizaram seus conhecimentos sobre produção textual e sobre a ferramenta Canva para criar um flyer. Considerando a proximidade com as festas de fim de ano, a proposta foi a criação de um flyer com temática natalina. A atividade buscou integrar elementos textuais e visuais, mantendo coerência e coesão, enquanto os alunos exploravam os recursos da ferramenta digital.

Ao final da tarefa, foi aplicado um questionário via *Google Forms*, com o objetivo de compreender possíveis dificuldades enfrentadas pelos alunos, suas percepções sobre a produção textual utilizando o Canva, o impacto desse uso em sala de aula, e como avaliavam seu interesse e motivação diante da tarefa mediada pelo recurso tecnológico.

2 CAMINHOS PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Evidentemente, a sociedade se transforma ao longo dos anos e com isso surge a necessidade de que novas práticas educacionais também emergjam para atender às demandas sociais. Um claro questionamento a se fazer é como a escola pode inserir essas práticas e adequar seu ensino para tal. Entre as reflexões de Roxane Rojo (2012), destacam-se indagações sobre se existe lugar na escola para o pluralismo cultural, especialmente considerando que, há algum tempo, nossas escolas já convivem com diferentes culturas e aspectos sociais, incluindo o plurilinguismo, que se configura em práticas semióticas de escrita e tecnológicas.

Nesse contexto, Rojo (2012) destaca que, com o advento de novas ferramentas de acesso à comunicação, informação e agência social, surgiram também novos letramentos, de caráter multimodal ou multissemiótico. Para abranger esses aspectos – a multiculturalidade das sociedades globalizadas e a multimodalidade dos textos –, o conceito de multiletramentos foi proposto:

Já há quinze anos com outras e novas ferramentas de acesso à comunicação e à informação e de agência social, que acarretavam novos letramentos, de caráter multimodal ou multissemiótico. Para abranger esses dois 'multi' – a multiculturalidade característica das sociedades globalizadas e a multimodalidade dos textos por meio dos quais esta se comunica e informa, o grupo cunhou um termo ou conceito novo: multiletramentos. (Rojo, 2012)

Dessa forma, entender o conceito de multiletramentos torna-se algo central justamente como meio de repensar as práticas educacionais de modo que elas possam valorizar a diversidade cultural e assim como a pluralidade de formas de comunicação presentes em nosso cenário contemporâneo. As diversas manifestações culturais presentes nas salas de aula brasileiras não são uma novidade, embora frequentemente passem despercebidas ou sejam propositadamente ignoradas. Nesse contexto, García-Canclini (2008 [1989]) argumenta que as dicotomias entre cultura erudita e popular, central e marginal, ou canônica e de massa, já não são sustentáveis na contemporaneidade. Para o autor, vivemos em um cenário cultural caracterizado pela hibridização, em que "os híbridos, as mestiçagens, as misturas reinam soberanas, e cada vez mais" (García-Canclini, 2008, apud Rojo, 2012, p. 6).

Trabalhar com multiletramentos pode ou não envolver (normalmente envolverá) o uso de novas tecnologias de comunicação e de informação ("novos letramentos"), mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros,

mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque _crítico, pluralista, ético e democrático. (Rojo, 2012)

Ou seja, trabalhar os multiletramentos na sala de aula aponta para um ensino-aprendizagem voltado às diferentes formas de linguagem e comunicação que existem hoje, especialmente às novas tecnologias emergentes e que são tão presentes na vida dos alunos. Diante disso, tratando de multiletramentos, não temos apenas a leitura e a escrita convencional vinculadas ao papel, mas também aos diversos gêneros digitais presentes em nossa sociedade, como música, vídeos, redes sociais, imagens, memes bem como outras tecnologias.

O ensino, então, precisa considerar o que já faz parte do cotidiano do aluno, como músicas populares, mídias digitais e suas referências culturais (locais, massivas e populares). Nesse contexto, Roxane Rojo (2012) destaca que os letramentos críticos requerem análises, critérios, conceitos e o uso de uma metalinguagem, culminando em produções transformadas e redesenhadas, que demandam protagonismo dos alunos. Assim, o objetivo é ajudar o aluno a desenvolver um pensamento crítico sobre essas mídias e linguagens, promovendo um ambiente de aprendizado plural, que aceite as diferenças, respeite valores morais e seja inclusivo para todos.

Considerando o contexto contemporâneo, em que “os letramentos se apresentam cada vez mais multimidiáticos” (Lemke, 2010), Santana e Silva afirmam que “é necessário que reflitamos acerca de uma pedagogia dos multiletramentos – que engloba, sobretudo, os letramentos digitais – e suas possibilidades a partir de um trabalho com o livro didático” (2020, p. 22). Focados, então, em compreender o uso desse recurso material em detrimento dos avanços tecnológicos e como eles poderiam impulsioná-lo.

Os autores afirmam que o livro didático ainda hoje influencia muito fortemente as práticas pedagógicas da sala de aula, mesmo vivendo em uma época marcada pela cultura digital. Santana e Silva (2020) destacam então que são necessárias reflexões sobre o trabalho que os professores, principalmente de língua portuguesa, podem realizar a partir do uso dessa mídia didática, levando em consideração o contexto das linguagens multissemióticas, hipertextuais e multimodais.

A inserção das tecnologias digitais na sala de aula oferece grandes possibilidades e desafios para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social dos professores e dos alunos, independentemente de seu nível de escolarização, além de contribuir para a melhoria das condições de acesso à

informação e às inovações na prática do professor. (Bonfim, Araújo e Santos, 2020, p. 37)

Nesse sentido, a escola precisa considerar os avanços tecnológicos, em especial as TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação), e encará-las de forma natural e consciente, pois “o seu uso não pode ser visto como um mero recurso da atualidade, sem contextualização e planejamento.” (Bonfim, Araújo e Santo, 2020)

Oliveira e Moura (2015), destacam que as TICs podem ser compreendidas como “um conjunto de recursos tecnológicos integrados, que proporcionam, por meio de funções de software e telecomunicações, a automação e comunicação dos processos de negócios, da pesquisa científica e do ensino e aprendizagem.” Segundo os autores, “o principal responsável pela popularização e crescimento da utilização das TIC em diversos campos foi a internet”.

Dentro do ambiente educacional, as reflexões sobre as tecnologias digitais nesse contexto abrangem sempre os desafios e as possibilidades que todo esse aparato tecnológico poderá potencializar no fazer pedagógico. Oliveira e Moura (2015) evidenciam que:

As possibilidades tecnológicas apareceram como uma alternativa da era moderna, facilitando a educação com a inserção de computadores nas escolas, possibilitando e aprimorando o uso da tecnologia pelos alunos, o acesso a informações e a realização de múltiplas tarefas em todas as dimensões da vida humana, além de qualificar os professores por meio da criação de redes e comunidades virtuais. (Oliveira e Moura, 2015, p. 78).

Pode-se então dizer que a tecnologia tem um poder transformador, e sua inserção na educação possibilita uma democratização do conhecimento, ampliando as possibilidades e capacidades promovidas tanto aos alunos, quanto aos professores. Essa perspectiva mostra-se importante, pois reforça principalmente o impacto positivo das TICs no ambiente educacional, alinhando-as a objetivos como preparar os estudantes e a qualificação docente por meio de redes virtuais.

2.1 Os gêneros discursivos na era multimodal

Os gêneros discursivos desempenham um papel central na comunicação, pois são fundamentais para que o indivíduo se adeque aos diferentes contextos, intenções e públicos. Como afirma Marcuschi (2008, apud Farias, 2013), “para comunicar-se, o indivíduo recorre aos gêneros, como uma forma de se adequar a determinado

contexto". Além disso, ele acrescenta que "os textos e discursos circulam através dos gêneros". Ou seja, pode-se tomar os gêneros como sendo uma moldura, que organiza os conteúdos e facilita as interações sociais. Essa visão é reforçada pela ideia de que a escolha do gênero discursivo é uma decisão estratégica, pois, ao escolher qual gênero utilizar, o indivíduo estará analisando qual gênero melhor atende aos seus objetivos comunicativos.

De acordo com Bakhtin (2003), os gêneros discursivos não podem ser definidos como entidades fixas. Ele afirma que "os gêneros discursivos, ao refletirem as condições sociais, históricas e institucionais do contexto e do tempo em que estão inseridos, acabam por sofrer mudanças e evoluções; novos gêneros surgem junto às convenções sociais". Ou seja, os gêneros discursivos são produtos culturais, que se transformam conforme o contexto social em que são inseridos. Para Bakhtin (2003), os gêneros podem ser definidos a partir de três aspectos principais: "o assunto ou o tema que é abordado no discurso; a forma ou estrutura do gênero, que pode ser mais rígida em casos como documentos oficiais; e ainda as escolhas individuais de linguagem, como vocabulário e gramática, chamadas de estilo" (Dias et al., 2011).

Sob essa perspectiva, os multiletramentos, segundo Santos (2018, p. 57), estão associados por um lado "à multiplicidade cultural e linguística das sociedades pós-modernas e, por outro, à multiplicidade e integração de variados modos de constituição do significado, por meio da utilização de diferentes semioses".

Ferraz (2019), afirma que "Múltiplas semioses sempre coexistiram, mas assumi-las como objeto de estudo é algo muito novo." Tal afirmação reflete a ideia das transformações pelas quais o ensino passou e foi mediado principalmente pelo surgimento de novas tecnologias de informação e comunicação, e as salas de aula abrem-se a trabalhos que envolvam textos escritos, mas também com diferentes linguagens, como imagens, vídeos, hipertextos e outras formas de expressão chamadas de gêneros multimodais.

De acordo com Ferraz (2019),

Para a Teoria da Multimodalidade, o texto multimodal é aquele cujo significado se realiza por mais de um código semiótico, Kress & van Leeuwen (1996). Ainda segundo os autores, um conjunto de modos semióticos está envolvido em toda produção ou leitura dos textos; cada modalidade tem suas potencialidades de representação e de comunicação, produzidas culturalmente; tanto os produtores quanto os leitores têm poder sobre esses textos; o interesse do produtor implica a convergência de um complexo de

fatores; histórias sociais e culturais, contextos sociais atuais, inclusive perspectivas do produtor do signo sobre o contexto comunicativo.

Como já evidenciado, a globalização e o desenvolvimento de novas tecnologias interferem de diversas maneiras na vida humana. O surgimento de smartphones, das inteligências artificiais e das diversas plataformas digitais enriquece o contexto contemporâneo, tornando-o cada vez mais conectado, principalmente levando em conta as várias ferramentas de interação social, como as redes sociais, salas de bate-papo virtuais e fóruns online, aplicativos de vídeochamadas, que potencializam as relações pessoais e até mesmo internacionais. Plataformas como *Omegle*, *Discord* ou *Skype* que permitem encontrar pessoas e estabelecer conversas até mesmo com estrangeiros, tornam-se cada vez mais frequentes no cenário atual.

A esse respeito, “o conhecimento ganha plasticidade e o contato com a escrita torna-se cada vez mais necessário, seja para a constituição (ou transmutação) de gêneros do discurso, seja para o desenvolvimento de novas práticas de uso social da leitura e escrita.” (Santos, 2018, p. 56)

A escrita passa a ser um dos principais meios de comunicação, principalmente em plataformas online ou redes sociais. A partir dessa digitalização, faz-se necessário que os indivíduos desenvolvam cada vez mais suas habilidades de leitura e produção de texto, pois o contato virtual abrange desde mensagens instantâneas até a formulação de e-mails ou mesmo publicações em redes sociais.

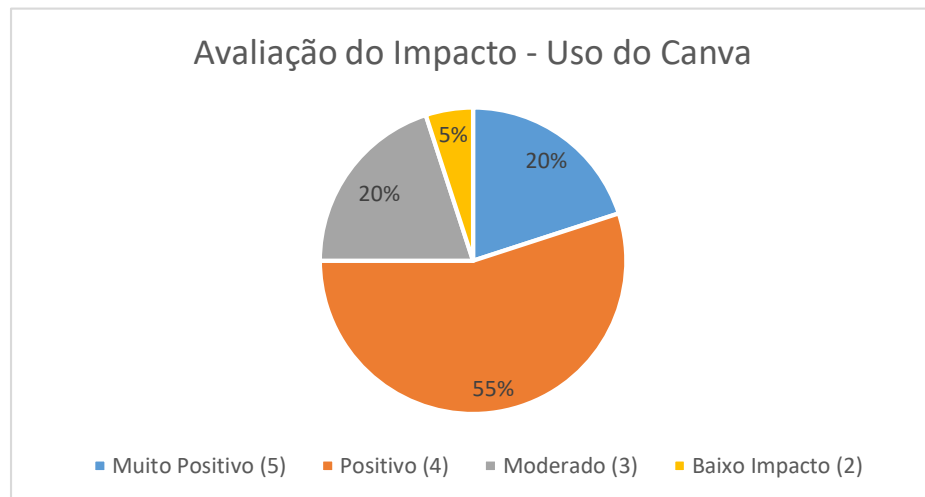
3 RESULTADOS

Inicialmente, investigou-se se os alunos já possuíam contato prévio com a ferramenta. Conforme a resposta de 20 estudantes que participaram da pesquisa, 65% indicaram que já haviam utilizado o Canva em outras ocasiões, enquanto 35% não tinham experiência prévia com a ferramenta. Esse dado evidencia como, no contexto atual, os jovens estão cada vez mais familiarizados com ferramentas digitais. Incorporar esses recursos ao ensino pode contribuir significativamente, uma vez que se trata de tecnologias já habituais em seu cotidiano.

Um dos principais objetivos do questionário foi investigar se o uso do Canva nas produções textuais promoveria maior engajamento dos alunos na realização das tarefas e se a interface visual da ferramenta funcionaria como um atrativo adicional. Para isso, questionou-se a percepção dos estudantes sobre o impacto do Canva em sua motivação para produzir textos.

A escala utilizada variou de 1 a 5, sendo: **1 – Nenhum impacto** e **5 – Impacto muito positivo**.

Gráfico 1 - Avaliação de Impacto sobre uso do Canva



Fonte: Autores, 2025.

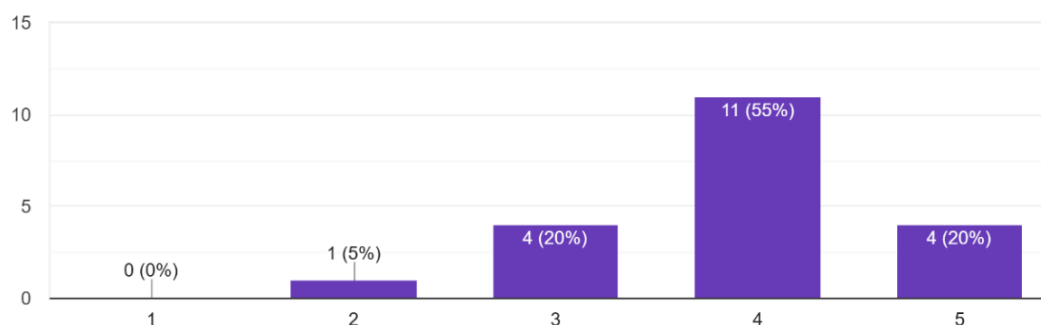
Esses dados revelam que a maioria dos alunos perceberam o Canva como uma ferramenta relevante e motivadora durante o processo de produção.

Gráfico 2 - Percepção dos alunos sobre o impacto do Canva na motivação para produção textual

(Fonte: Dados obtidos por meio de questionário aplicado no Google Forms).

De 1 a 5, qual foi o impacto do Canva na sua motivação para produzir o texto? (Escala: 1 - Nenhum impacto; 5 - Impacto muito positivo)

20 respostas



Fonte: Autores, 2025.

Além da motivação, questionamos também se o uso da ferramenta proporcionou um ambiente de produção textual mais interessante e atrativo. Para esse aspecto, os estudantes indicaram que sim, o Canva contribuiu para tornar a atividade mais envolvente, com 95% das respostas evidenciando isso. Em contrapartida, apenas 5% avaliaram como indiferente. Esses resultados reforçam o pensamento de Oliveira. et al., (2020) que afirmam que:

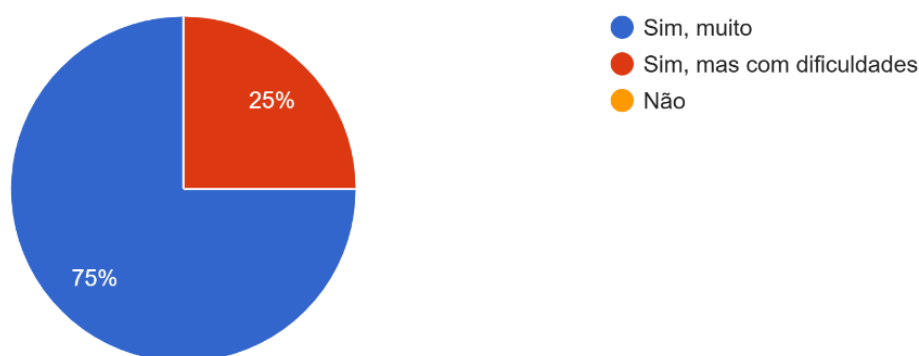
Trazer os gêneros emergentes como meios didáticos nas aulas de Língua Portuguesa possibilitará experiências diferenciadas e atrativas, pois o professor poderá mediar práticas pedagógicas em que o processo de escrita, por exemplo, será coletivo, pelo qual os alunos compartilham suas ideias, interagem com as ideias de outros colegas, além de reverem sua escrita com criticidade, entrar em contato com uma gama de informações presentes na internet e transformá-las em conhecimento. (Oliveira. et al., 2020, p. 153)

Incorporar os gêneros emergentes nas aulas de Língua Portuguesa como meios didáticos inovadores, permitindo que os alunos participem de processos de escrita coletiva, nos quais possam compartilhar ideias, interagir criticamente com as produções dos colegas e revisar seus próprios textos.

Para este aspecto tomou-se por base de investigação três perguntas aplicadas a eles. A primeira questionou: *“o uso do Canva contribuiu para melhorar suas criatividade na escrita?”*, na qual os resultados mostraram que 100% dos alunos responderam de forma afirmativa, revelando que através do meio tecnológico puderam-se expandir as possibilidades de escrita dos estudantes, visto que os mesmos dispunham de variados recursos dentro da interface do site, possibilitando que expressassem suas ideias de maneira criativa e visual. O questionamento seguinte buscou analisar se os estudantes consideraram o uso do Canva como um suporte para a organização de suas ideias durante a produção de texto. A seguir, a figura dois demonstra os dados percentuais respondidos pelos alunos:

Gráfico 3 - Percepção dos alunos sobre o auxílio do Canva para organização de ideias na produção textual
(Fonte: Dados obtidos por meio de questionário aplicado no Google Forms)

Você acredita que o Canva ajudou a organizar suas ideias na produção do texto?
20 respostas



Fonte: Autores, 2025.

O gráfico revela que a maioria dos estudantes considerou a ferramenta eficaz, identificando-a como um excelente suporte na organização de suas ideias e produções textuais. Por outro lado, 25% dos alunos responderam que “sim, mas com dificuldade”, o que indica que, embora reconheçam o valor da ferramenta, ainda enfrentaram obstáculos durante a utilização. Isso pode ser atribuído ao fato de que, como mencionado anteriormente, alguns estudantes estavam acessando o recurso pela primeira vez, o que configura seu primeiro contato com a plataforma. De forma que é compreensível que as dificuldades enfrentadas possam refletir no processo de adaptação para com à ferramenta.

Além do mais, ainda buscou-se identificar algumas habilidades que puderam ser trabalhadas durante a realização da tarefa. Diante disso, para esta pergunta, os alunos poderiam marcar mais de um item, evidenciando quais das alternativas expostas acreditavam ter trabalhado de forma efetiva dentro do Canva.

A seguir algumas das produções feitas pelos estudantes durante a atividade:

Figura 1 - Flyer de Natal com fundo de neve, árvore de Natal e bolinha de enfeite, apresentando uma mensagem sobre o Natal e uma felicitação.



Fonte: Produções dos alunos, 2025

Neste flyer é possível perceber uma riqueza de detalhes e aplicação dos elementos que remetem ao Natal, mas sem prejudicar ao ponto de tornar-se uma poluição visual. Os elementos estão bem distribuídos, mantendo a hierarquia do design. A escolha das cores mais vibrantes para elementos do primeiro plano, como a frase e o enfeite com "Feliz Natal", está bem contrastada com os elementos secundários do fundo, que apresentam cores mais frias e tons mais escuros. Por fim, a estética do modelo transmite uma sensação ao mesmo tempo alegre e acolhedora, sutil e festiva, refletindo o cuidado que os alunos tiveram em elaborar esse modelo.

Figura 2 - Flyer com fundo vermelho e enfeites dourados de Natal, personalizado com os nomes das alunas.

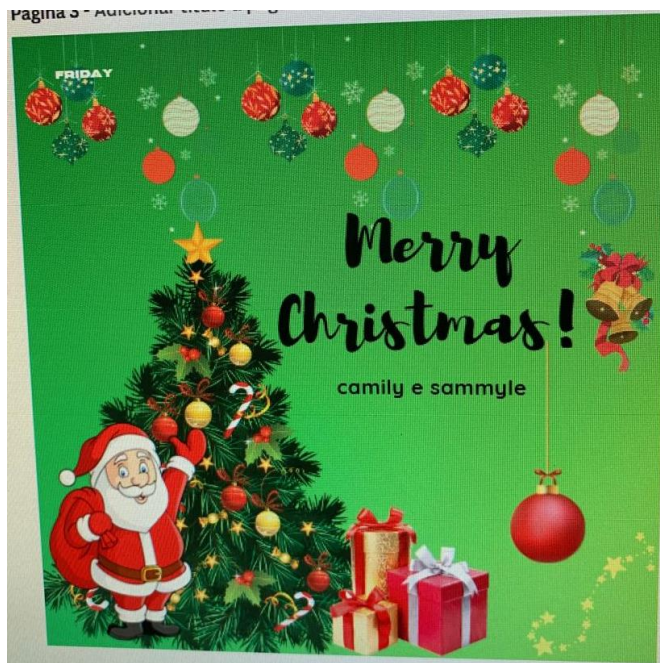


Fonte: Produções dos alunos, 2025

Este modelo se diferencia do anterior ao optar por cores quentes, criando uma composição visual atrativa. A escolha do dourado sobreposto ao vermelho se destaca como uma escolha eficaz, causando um impacto visual agradável. Os elementos natalinos são minimalistas, mas conseguem transmitir um tom alegre e chamativo, e o tema desse modelo é apresentado de forma direta e envolvente.

O pouco uso da linguagem verbal no design contribui para a simplicidade, mas não compromete a clareza da mensagem. Apesar de conter menos texto em comparação ao modelo anterior, o objetivo é alcançado de forma clara. As alunas personalizaram o flyer ao incluir um destinatário (as duas amigas), e os elementos.

Figura 3 - "Merry Christmas" - Flyer de Natal com fundo verde e decorações natalinas.



Fonte: Produções dos alunos, 2025

A escolha estética do terceiro modelo é bastante similar à do segundo, com um fundo em uma cor chamativa e elementos natalinos distribuídos ao redor. Destacam-se os enfeites concentrados na parte superior, além das demais figuras gráficas que representam o contexto natalino de maneira direta e clara. A escolha das fontes também merece menção, combinando uma fonte mais padrão para os nomes das autoras com uma fonte estilizada para o título ("Merry Christmas!"), o que resulta em uma composição visual interessante.

Cada uma das produções demonstra que os alunos compreenderam a essência do conteúdo e, por meio dos recursos fornecidos, conseguiram colocar em prática suas ideias. Essas produções refletem suas habilidades de personalização e adequação, integrando elementos textuais às figuras digitais de forma criativa e coerente.

O trabalho em equipe, marcado pelo compartilhamento de diferentes perspectivas, possibilitou a criação de resultados satisfatórios, que se destacam por fugir ao modelo tradicional de produção textual. Esse processo incentivou a

participação ativa dos alunos como agentes de sua própria aprendizagem, promovendo a colaboração e o aproveitamento pleno de suas ideias.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa revelou que o uso da plataforma digital promoveu significativos benefícios para o aprendizado dos alunos, como o aumento do engajamento e da motivação, a melhoria na organização de ideias e o estímulo à criatividade dos estudantes. Os alunos demonstraram maior interesse na atividade proposta, e a inserção de elementos multimodais, como texto e imagens, contribuiu para uma prática pedagógica mais dinâmica e atrativa, potencializando o processo de aprendizagem.

De maneira geral, os alunos demonstraram habilidade em combinar elementos visuais e textuais, criando flyers com estrutura clara, estética agradável e mensagens coerentes. Esse processo evidencia o potencial do Canva para integrar diferentes formas de linguagem de maneira significativa.

Além disso, a maioria dos participantes relatou sentir-se mais envolvida com a tarefa devido à interface interativa e aos recursos dinâmicos da ferramenta. Esse engajamento reforça a importância de utilizar tecnologias digitais que dialoguem com o cotidiano dos estudantes, tornando o aprendizado mais significativo.

Embora tenham sido observadas algumas dificuldades, como a falta de familiaridade inicial com a ferramenta por parte de alguns alunos, esses desafios não comprometeram o impacto positivo da atividade. Com um planejamento mais aprofundado e maior suporte técnico, o uso do Canva pode ser ainda mais eficaz no contexto educacional.

Por fim, esse trabalho reforça como o uso das TICs no ambiente educacional pode potencializar as práticas pedagógicas, tornando-as inovadoras, dinâmicas e inclusivas. O Canva, entre outros recursos digitais, não só promove interação e autonomia dos alunos, mas também desenvolve novas habilidades essenciais para o contexto contemporâneo, como o pensamento crítico e a comunicação em diferentes formatos e linguagens.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **A estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BONFIM, Ana Márcia Prado Lima; ARAÚJO, Érica Santos; SANTOS, Sirlaine Pereira Nascimento dos. Prática docente mediada pelas tecnologias digitais: desafios e possibilidades no ambiente escolar. In: ANECLETO, Úrsula Cunha; OLIVEIRA, Maiele dos Santos; FERRAZ, Débora Araújo da Silva; NETTO, João Francisco da Silva (org.). **Tecnologias digitais e (multi)letramentos: inflexões teórico-metodológicas para a formação do professor**. Itabuna, BA: Mondrongo, 2020. p. 37-51.

DIAS, Eliana et al. Gêneros textuais e(ou) gêneros discursivos: uma questão de nomenclatura?. **Interacções**, n. 19, p. 142-155, 2011. Disponível em: <http://www.eses.pt/interaccoes>. Acesso em: 21 de dezembro de 2024.

FARIAS, Sandra Aparecida Lima Silveira. **O conceito de gênero textual e gênero discursivo**. Capítulos e subcapítulos retirados da dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, UFBA, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/24475/1/Sandra%20Aparecida%20Lima%20Silveira%20Farias.pdf>. Acesso em 21 de dezembro de 2024.

FERRAZ, Janaína de Aquino. **Gêneros multimodais: novos caminhos discursivos**, In: VIII Encontro Nacional de Linguagem Verbal e Não Verbal, São Paulo, 2008.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs.). **Métodos de pesquisa**. Coord. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS; Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

Gil, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002.

LEMKE, Jay L. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 49, n. 2, p. 455-479, jul./dez. 2010.

OLIVEIRA, Cláudio de; MOURA, Samuel Pedrosa; SOUSA, Edinaldo Ribeiro. TIC's na educação: a utilização das tecnologias da informação e comunicação na aprendizagem do aluno. **Pedagogia em Ação**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 75-95, 2015.

OLIVEIRA, Milena de Andrade; ANECLETO, Úrsula Cunha; OLIVEIRA, Maiele dos Santos; CARNEIRO, Ademir dos Santos. **As TIC como meios para o desenvolvimento de práticas docentes em língua portuguesa nos anos finais do ensino fundamental**. In: ANECLETO, Úrsula Cunha; OLIVEIRA, Maiele dos Santos;

FERRAZ, Débora Araújo da Silva; NETTO, João Francisco da Silva (org.). **Tecnologias digitais e (multi)letramentos: inflexões teórico-metodológicas para a formação do professor**. Itabuna, BA: Mondrongo, 2020. p. 147-164.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Multiletramentos na escola** / Roxane Rojo, Eduardo Moura (orgs.). São Paulo: Parábola Editorial, 2012. 264p.

SANTANA, Neidson Dionísio Freitas de; SILVA, Obdália Santana Ferraz. Multiletramentos em livro didático de língua portuguesa: outros modos de ler e de escrever na cultura digital. In: ANECLETO, Úrsula Cunha et al. (org.). **Tecnologias digitais e (multi)letramentos**: inflexões teórico-metodológicas para a formação do professor. Itabuna, BA: Mondrongo, 2020. p. 20-36.

SANTOS, Fernanda Maria Almeida dos. Multiletramentos e ensino de língua portuguesa na educação básica: uma proposta didática para o trabalho com (hiper)gêneros multimodais. **Signo**, v. 43, n. 76, 2018. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo>. ISSN on-line: 1982-2014. DOI: 10.17058/signo.v43i76.10671. Recebido em: 1 set. 2017. Aceito em: 12 mar. 2018.

LETRAMENTO LITERÁRIO: navegando pela literatura maranhense na escola

Jorge Eduardo Lopes Mendes¹

Ketlin Stefani Martins Dadona²

Rayra Gomes Abreu³

Rodrigo Evangelista Pereira⁴

Tania Lima dos Santos⁵

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo relatar as atividades desenvolvidas pela equipe da quarta edição do projeto de extensão “Letramento Literário: a literatura maranhense na escola”. A iniciativa busca incentivar a divulgação, o acesso e a valorização da produção literária maranhense, com ênfase nas obras de autores da região de Itapecuru Mirim. Apesar de o estado do Maranhão possuir uma rica tradição literária, marcada pela diversidade de gêneros, estilos e temáticas, grande parte dessa produção ainda é pouco conhecida e explorada pela sociedade, sobretudo entre os estudantes da educação básica. Nesse contexto, o projeto propõe aproximar os alunos das escolas públicas da literatura produzida em seu próprio contexto cultural, promovendo atividades que estimulem a leitura, a reflexão crítica e o reconhecimento da importância dos escritores locais. Dessa forma, as ações desenvolvidas buscam ampliar o contato dos estudantes com a literatura maranhense, contribuindo para o fortalecimento da identidade cultural, para a valorização da produção literária regional e para a formação de leitores mais conscientes e críticos. O letramento literário adotado no projeto fundamenta-se na teoria de Rildo Cosson, que organiza o processo em quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação. Espera-se, com essas ações, promover o letramento literário entre os jovens e fortalecer os laços entre a comunidade escolar e a cultura literária local.

Palavras-chave: letramento literário; literatura maranhense; formação de leitores.

1 INTRODUÇÃO

O projeto de extensão “Letramento Literário: a literatura maranhense na escola” em sua quarta edição, preocupa-se em valorizar e difundir as obras de autores itapecuruenses no ambiente escolar. Embora os escritores conterrâneos sejam premiados na comunidade acadêmica e apresentem produções de qualidade, demonstrando uma exímia contribuição para a literatura local, seus trabalhos ainda são pouco acessados pela população, principalmente entre os jovens estudantes. Acredita-se que a aproximação dos alunos com as obras locais fortaleça o senso de

¹ Acadêmico em Letras e voluntário de Extensão / PIBEX pela Universidade Estadual do Maranhão, campus de Itapecuru Mirim.

² Acadêmica em Letras e bolsista de Extensão / PIBEX pela Universidade Estadual do Maranhão, campus de Itapecuru Mirim.

³ Acadêmica em Letras e voluntária de Extensão / PIBEX pela Universidade Estadual do Maranhão, campus de Itapecuru Mirim.

⁴ Acadêmico em Letras e bolsista de Extensão / PIBEX pela Universidade Estadual do Maranhão, campus de Itapecuru Mirim.

⁵ Doutora em Letras, professora Adjunta da Universidade Estadual do Maranhão, Campus de Itapecuru Mirim.

pertencimento e contribua para estimular a criatividade e o desenvolvimento intelectual, além de promover a valorização da cultura local.

Segundo o autor Cosson (2006), o uso de textos literários no processo de letramento permite que o indivíduo se aproprie verdadeiramente da escrita, não se limitando à educação formal, mas configurando-se como elemento crucial para as práticas sociais de leitura na sociedade de forma ampla. Para ele, o letramento literário deve ser compreendido como uma prática social sob responsabilidade da instituição escolar, e o principal desafio é realizar esse processo sem que a obra perca sua essência durante o ensino. Nesse sentido, Souza (2015, p.15) destaca que “o processo de letramento se inicia antes mesmo de começar o processo de escolarização do sujeito, ou seja, é anterior a sua entrada para a escola”.

O letramento literário não se limita à escola, pois manifesta-se de modos variados, conforme as particularidades de cada indivíduo e as exigências do meio social ao qual está inserido. O desenvolvimento dessa prática ocorre por meio do contato com textos literários, que servem como ferramentas essenciais tanto para o aprimoramento do hábito de leitura quanto para o exercício crítico da escrita.

O principal objetivo do letramento literário no contexto escolar é formar um leitor que aprecie significações estéticas, capaz de se inserir em uma comunidade que faça suas próprias escolhas literárias, que saiba manipular seus instrumentos culturais e possa construir com eles um sentido para si e para o mundo em que vive (Corrêa; Magalhães, 2022, p.17).

Segue-se a sequência básica de letramento literário desenvolvida por Rildo Cosson (2006), apresentada na obra *Letramento Literário: Teoria e Prática*, que constitui quatro etapas primordiais: *motivação, introdução, leitura e interpretação*. De acordo com o autor, os alunos devem ser capazes de analisar textos literários a partir de seus próprios interesses e do contexto social que estão inseridos em sua comunidade. Nessa perspectiva, sustenta-se que a seleção de obras literárias no ambiente escolar não deve negligenciar as tradições locais. Afinal, é por intermédio desse repertório textual que o estudante consegue situar-se culturalmente e legitimar seu papel como integrante ativo da sociedade.

Nessa concepção, as atividades desenvolvidas pelo projeto de extensão visam expandir a visibilidade da literatura produzida em Itapecuru Mirim. Dessa forma, procura-se consolidar a identidade cultural local por meio do reconhecimento da

produção dos seus escritores, além de estimular a atualização do panorama literário e promover o surgimento de novos expoentes.

2 METODOLOGIA

A quarta edição do projeto (2025-2026), realizada na cidade de Itapecuru Mirim, está sendo desenvolvida na UEB Osvaldo Dias Vasconcelos, com a participação de duas turmas do 8º ano do turno vespertino. Mais do que uma simples aplicação de conteúdos, a proposta busca criar um espaço de troca real entre a equipe extensionista e a escola pública, tendo como eixo central o projeto “Letramento Literário: a literatura maranhense na escola”. Baseia-se na metodologia participativa que, segundo a autora Bedim (2012) diz que, “[...]envolvidos no projeto estão interligados em dispositivos de consulta, diagnósticos, ensino, pesquisa, capacitação, comunicação, efetivamente elaborados para alcançar objetivos em comum”.

A pesquisa participativa é mais complexa, transcende o simples diagnóstico de identificação de problemas; envolve a participação dos atores, que propõem resoluções desses problemas coletivamente. Essa prática permite sobrepujar o reducionismo causado pelo monopólio dos especialistas, a partir de um trabalho intenso de grupos, seminários, capacitação e investigação para fundamentar ações e avaliações (Bedim, 2012, p. 5).

O trabalho visa fomentar o interesse dos alunos pela riqueza da literatura produzida no Maranhão, dedicando um olhar especial à produção literária de Itapecuru Mirim. Ao levar autores locais para dentro da sala de aula, o projeto busca fortalecer o sentimento de pertencimento e identidade dos alunos, demonstrando que a literatura é uma voz viva que pulsa na própria cidade onde vivem.

Na prática, o trabalho sustenta-se na interação dialógica e na construção do conhecimento. Sob essa perspectiva, Freire (1996, p. 30) defende a importância de “estabelecer uma intimidade entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos”. Assim, os estudantes deixem de ser apenas espectadores para se tornarem protagonistas do processo de aprendizagem, validando a construção social do conhecimento a partir de suas próprias vivências.

As práticas de leitura são planejadas para despertar a curiosidade, sensibilidade e a consciência social, transformando a teoria em um elo com a vivência prática. Dessa forma, a sala de aula torna-se um lugar de encontro e escuta, no qual

a literatura maranhense e itapecuruense atua como ponte para que os alunos descubram novos sentidos em suas próprias realidades.

O processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio. Daí sua importância na escola, ou melhor, sua importância em qualquer processo de letramento, seja aquele oferecido pela escola, seja aquele que se encontra difuso na sociedade (Cosson, 2006, p.14).

A seleção das obras que fundamentam este estudo concentra-se nas produções de autores locais que fazem parte do acervo da Academia Itapecuruense de Ciências, Letras e Artes (AICLA). O trabalho segue a sequência básica de letramento literário proposta por Rildo Cosson (2006), composta por quatro etapas: *motivação, introdução, leitura e interpretação*.

A motivação constitui a primeira etapa e é essencial para preparar o aluno para o texto, despertando sua curiosidade e imaginação. Segundo Cosson (2006), “[...], as mais bem-sucedidas práticas de motivação são aquelas que estabelecem laços estreitos com o texto que se vai ler a seguir”.

Em seguida, ocorre a etapa da introdução, momento em que se apresenta o autor e sua biografia de forma breve e objetiva, além de informações relevantes sobre a obra selecionada. A terceira etapa consiste na leitura do texto literário, acompanhada pela equipe extensionista, a fim de orientar os alunos para que se tenha uma direção adequada. Nesse sentido Cosson (2006) adverte que a leitura “tem objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista. E não se pode confundir, contundo, acompanhamento com policiamento”.

Por fim, a última etapa do letramento literário é a interpretação do texto após a leitura. Nesse momento, os alunos expõem aquilo que internalizaram durante a leitura, apresentando suas compreensões sobre os fatos narrados, possíveis identificações com personagens ou situações vivenciadas, além de compartilhar interpretações com os colegas. Essa troca permite que descubram e expressem suas individualidades. Conforme afirma Cosson (2006, p.67), “A interpretação é feita com o que somos no momento da leitura. Por isso, por mais pessoal e íntimo que esse momento interno possa parecer a cada leitor, ele continua sendo um ato social”.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Letramento literário: breves considerações teóricas

O termo *letramento* surge do campo da alfabetização e possui uma origem relativamente recente, datada por volta da década de '1980. Soares (2004), explica que a etimologia da palavra vem do inglês *literacy*, que por sua vez, deriva do latim *littera*, cujo significado é letra. "Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita" (Soares, 2004, p. 6).

O letramento literário não se inicia de forma tardia na escola; ele se manifesta nos primeiros momentos da vida do indivíduo, por meio das canções de ninar e das brincadeiras às quais o bebê tem acesso muito cedo. Como ferramenta pedagógica, o letramento literário, auxilia significativamente no processo de alfabetização. Isso ocorre porque a criança já possui um conhecimento prévio dos sons que, posteriormente se transformarão em sílabas, palavras e frases.

Os termos *alfabetização* e *letramento* distinguem-se no contexto técnico. A alfabetização caracteriza-se como um ensino sistemático voltado para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Já o letramento literário insere-se em um processo contínuo de formação do leitor. Por isso, quanto mais cedo se estabelece o contato com os livros, maiores são as chances de que a relação com a literatura seja estreita e duradoura.

O letramento é uma continuação à alfabetização, pois acontece quando o aluno alfabetizado consegue estabelecer relações, construções significativas e interações com o ambiente à sua volta. O aluno não usa apenas de habilidades técnicas de leitura e escrita, mas a utiliza conceitualmente, utilizando de raciocínio e conhecimentos prévios de mundo, podendo assim explorar outros tipos de conhecimento. (Soares; Ferreira, 2019, p. 3).

Mesmo que o letramento esteja presente na vida cotidiana do indivíduo, o hábito de leitura ainda é escasso. Na maior parte do dia, o ato de ler ocorre em tarefas simples, como a leitura de instruções, post nas redes sociais ou rótulos de embalagens. Para transformar essa realidade, é necessário estimular o desenvolvimento do hábito da leitura, por meio de práticas que tornem a leitura mais presente e significativa, passando a ser vista sob uma perspectiva positiva. Como afirma Vieira (2014, p. 121) "[...] o engano reside no fato de associar a leitura literária

ao prazer. Ninguém nasce gostando ou não de ler. É preciso despertar nos sujeitos a habilidade de leitura, uns irão gostar, outros entender que é necessário, e assim, o farão.”

A escola constitui um ambiente fundamental para desenvolvimento desse hábito, uma vez que todas as áreas de conhecimento utilizam a leitura em suas atividades. Entretanto, considerando que grande parte dos textos acadêmicos apresentam caráter mais técnico e didático do que de fruição, torna-se necessário ampliar a presença de textos literários no ambiente escolar. Com incentivo e identificação, a literatura pode torna-se um elemento imprescindível para o desenvolvimento do indivíduo como cidadão em uma sociedade democrática.

Enquanto por leitura de literatura entende-se um ato cognitivo de decifrar o código linguístico de um texto dito literário – podendo ter com isso objetivos diversos, tais como encontrar informações sobre quaisquer conteúdos no texto, aprender sobre determinado assunto ou até mesmo passar o tempo que se tem de ócio –, entendemos por leitura literária um tipo específico de leitura que se faz de um texto dito literário, com objetivo de fruí-lo esteticamente. Por fruição estética entendemos a experiência de leitura e interação com a obra literária que nos permite apreciá-la cognitivamente e emocionalmente, uma forma de interação do leitor com a obra que desperta sensações, sentimentos, emoções (Corrêa; Magalhães, 2022, p. 3).

O letramento literário é essencial para a formar pessoas capazes de interpretar o mundo ao seu redor. Segundo Brasão et al (2023), essa competência leitora está ligada ao exercício da cidadania e à consolidação de valores. Além de favorecer a construção de sentidos a partir das leituras, conecta os textos literários às vivências do leitor. O autor (p.52) ainda argumenta que o letramento literário acaba, “gerando uma tomada de consciência sobre seu papel ativo nas experiências de mundo e na construção de sentidos que são imprescindíveis para a formação do leitor autônomo.

3.2 Breve panorama da literatura maranhense

O percurso da literatura no Maranhão revela uma trajetória que une o conhecimento intelectual à necessidade de afirmação de uma cultura própria. Essa trajetória se consolidou no século XIX, período em que São Luís se firmou como um importante centro cultural, recebendo o título de “Atenas Brasileira”. Naquele momento, a produção literária maranhense, liderada por nomes como Gonçalves Dias, não apenas contribuiu para a formação do Romantismo no Brasil, mas também estabeleceu um padrão de qualidade que colocou o estado em evidência. Tal tradição

serviu de base para que as gerações posteriores, como as de Aluísio Azevedo e, mais tarde, Josué Montello e Ferreira Gullar, continuassem a explorar as diversas realidades do Maranhão por meio de seus livros e poemas.

[...] em território maranhense que teve escritores com grande importância para a formação literária local, como Gonçalves Dias, Sotero dos Reis, Sousândrade, Antonio Lobo, Odorico Mendes, entre outros nomes que compuseram as primeiras gerações de grandes escritores maranhenses, os quais, assim como na produção nacional, tentaram colocar na escrita algo que demonstrasse as características que os identificassem, ou seja, a intenção era formar uma literatura sem nenhuma influência externa, como vinha acontecendo até aquele momento na literatura brasileira. (Miranda Filho, 2022, p. 39).

A literatura maranhense também ganha força no interior. O município de Itapecuru Mirim apresenta-se como um ponto relevante nesse mapa cultural, sendo berço de intelectuais e escritores que contribuíram para a diversidade das letras maranhenses. A figura de *Mariana Luz*, poetisa e educadora itapecuruense, constitui um exemplo significativo dessa força regional. Sua obra reflete a capacidade da literatura de expressar sentimentos e retratar a realidade local, demonstrando que a produção intelectual do interior é parte viva do patrimônio do Maranhão.

Mariana Luz além de romper com todo o modelo social, escreve uma poesia que frustra a expectativa acerca das letras femininas, a saber: deveriam ser perfumadas, singelas e carregadas de delicado sentimentalismo. A escrita luziana, quase sempre, em tom reflexivo e grave, é mergulhada na melancolia. Seus versos oscilam entre a calma, resignada tristeza e torturada angústia, orbitando na esfera da morte e da noite. (Silva; Oliveira, 2022, p. 287).

Analisar a construção dessa trajetória permite compreender a literatura maranhense como um processo dinâmico, que se mantém em constante diálogo com a história e com as particularidades culturais de cada região. Nesse sentido, levar a literatura local para o ambiente escolar, impulsionado por ações de extensão universitária, representa um passo decisivo para preservar e valorizar esse patrimônio cultural.

Pode-se afirmar que a literatura é única no desenvolvimento humano. Através da literatura entra-se em contato com outros mundos, outras opiniões, outras visões. O conhecimento é aumentado a cada livro lido, pois exprime diferentes ambientes e realidades diferentes da que o leitor vive. A literatura traz essa rica experiência a quem tem a oportunidade de estar em contato com textos literários, e é papel da escola difundir esse conhecimento literário aos alunos. (Soares; Ferreira, 2019, p. 5).

Nesse contexto, o projeto possibilita que os estudantes tenham contato direto, no ambiente escolar, com obras de autores como *Arlete Nogueira*, *Mariana Luz*, *Viriato Corrêa* entre outros escritores itapecuruenses. Essa aproximação promove o reconhecimento da própria identidade cultural e incentiva a formação de novos leitores. Quando difundida dessa forma, a produção maranhense deixa de ser apenas um registro histórico passa a constituir uma experiência atual e transformadora, garantindo que a tradição cultural local continue sendo valorizada e renovada pelas novas gerações.

3.3 Projeto Letramento literário: a literatura maranhense na escola

No ano de 2026, dando continuidade ao importante trabalho desenvolvido ao longo das edições anteriores, enfatiza-se a importância de introduzir a literatura itapecuruense nas turmas de escola pública da região, valorizando obras de inestimável valor cultural

As práticas realizadas são embasadas na teoria de Rildo Cosson: que propõe quatro etapas: *motivação*, *introdução*, *leitura* e *interpretação*. Essas etapas orientam a aplicação das atividades e contribuem para dinâmica entre a equipe extensionista e os alunos do oitavo ano. Segundo o autor (2006), “trataremos da necessidade de um método para se trabalhar a literatura na escola, compreendendo que todo processo educativo precisa ser organizado para atingir seus objetivos”.

O objetivo da etapa da *motivação* é fazer com que o estudante identifique o tema central do texto literário selecionado e crie uma conexão inicial com a obra, explorando sua imaginação e levantando hipótese sobre o que poderá acontecer na narrativa. Isso pode ocorrer, por exemplo, a partir da observação de uma imagem apresentada nessa etapa. A *introdução* é necessária para que os estudantes conheçam a obra, o contexto em que foi escrita e o autor que a produziu. A *leitura*, por sua vez, constitui o momento em que o estudante entrar em contato direto com o texto literário, possibilitando o surgimento de identificação e aproximação com a obra, criando paralelos com entre o universo ficcional e a realidade.

O processo encerra-se com a etapa de *interpretação*, fase em que os alunos expõem aquilo que observaram, internalizaram e compreenderam a partir da leitura. Brasão et al (2023, p. 50) garante que, “[...] textos são escritos para serem compreendidos. Sem a interação do leitor, texto e autor não há literatura”. Ou seja, a

literatura somente se concretiza plenamente quando há reflexão e a participação ativa do leitor.

É preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura (Cosson, 2006, p. 68).

A literatura também é capaz de estimular o desenvolvimento da criatividade, pois permite que o leitor explore sua imaginação. Nas obras selecionadas, em alguns casos, há referências a vivências ocorridas em Itapecuru Mirim décadas atrás, o que possibilita estabelecer paralelos com experiências atuais das novas gerações. Entre as obras trabalhadas estão *Cazuza*, de Viriato Correa, as crônicas de Inaldo Lisboa, *Tudo azul no planeta Itapecuru*, e, *Compasso Binário*, da Arlete Nogueira, e o livro de poemas *Recordações*, da Assenção Pessoa, *Murmúrios*, da Mariana Luz.

A seleção dos autores e obras ocorre por meio de um consenso entre os integrantes da equipe extensionista. Realiza-se uma escolha cuidadosa do texto literário a ser trabalhado, além da elaboração de slides com conteúdos que serão utilizados em sala e da preparação de atividade relacionadas à leitura.

Figura 1. Exibição da sequência didática em sala de aula



Fonte: Dadona, 2025.

Em sala de aula, a equipe extensionista apresenta, por meio de slides, uma imagem motivadora para promover a interação e envolvimento dos alunos. Nesse momento, frequentemente surgem reconhecimentos e comentários relacionados a situações conhecidas por eles. Em seguida é realizada a *introdução* da obra e do autor, destacando informações relevantes. A *leitura* do texto literário, momento de encontro entre os alunos e a obra. A leitura é realizada apoio dos slides e também com cópias impressas disponibilizadas aos estudantes.

Por fim, ocorre a etapa de *interpretação*, na qual os alunos têm liberdade para expressar seus pensamentos e compreensões sobre o texto. E para aprofundar a reflexão, é aplicado um pequeno questionário com três perguntas discursivas, incentivando os alunos a desenvolverem seu raciocínio e a refletirem sobre a obra lida.

Além das práticas realizadas presencialmente nas salas de aula, a equipe extensionista também desenvolve atividades digitais, como a gravações de vídeos para a plataforma Youtube, no canal *Littera Mar*. Equipes anteriores iniciaram a criação desses conteúdos, e a atual equipe dá continuidade ao processo de produção e publicação. Os vídeos produzidos são publicados no canal e também compartilhados no grupo de WhatsApp, criado com o objetivo de aproximar a equipe dos alunos. Nesse grupo, pais e responsáveis também estão incluídos, podendo acompanhar os registros das atividades realizadas.

Essas ações seguem os pressupostos de Rildo Cosson (2006), que destaca que tanto a leitura do texto literário quanto as respostas construídas pelos leitores são fundamentais para o processo educativo. Segundo o autor, “as práticas de sala de aula precisam contemplar o processo de letramento literário e não apenas a mera leitura das obras. A literatura é uma prática e um discurso que deve ser compreendido criticamente pelo aluno” (Cosson, 2006, p. 49).

A partir dessas reflexões, percebe-se o quanto são essenciais as estratégias de letramento literário dentro das escolas. Trata-se de um processo que vai além da leitura mecânica, promovendo o desenvolvimento cognitivo, social e cultural de cada aluno, ao mesmo tempo que fortalece a valorização da cultura local e reconhece autores conterrâneos e suas importantes contribuições literárias.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A execução deste projeto extensionista tem se mostrado fundamental para despertar o interesse dos estudantes pela literatura maranhense, estreitando os laços entre a juventude e a escrita produzida em seu próprio estado. Ao apostar em uma metodologia que prioriza a participação ativa, a iniciativa consegue transformar o contato com os livros em uma experiência viva, que valoriza o patrimônio cultural da região e fortalece a identidade de cada aluno envolvido.

Essa aproximação permite que os estudantes percebam que a riqueza das histórias e dos livros de qualidade está muito próxima deles, vinda de autores que compartilham das mesmas raízes. Para a equipe que conduz as atividades, essa ligação proporciona um amadurecimento acadêmico valioso, unindo a teoria da universidade à prática social. Além disso, o projeto expande seus limites para além da escola por disponibilizar o conteúdo também em um canal no YouTube, onde toda a comunidade e interessados de qualquer lugar do Brasil podem acompanhar as ações. Essa iniciativa consolida a proposta como um elo essencial na formação de novos leitores e na difusão da cultura maranhense para uma escala significativamente maior.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA ITAPECURUENSE DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES.** Acervo Literário. Itapecuru-Mirim, 2026. Disponível em: <https://aicla.org.br/aicla/>. Acesso em: 10 mar. 2026.
- BEDIM, J. G. L. Metodologias participativas na extensão universitária: instrumento de transformação social. **Agenda Social** (UENF), v.6, 2012.
- BRASÃO, H. J. P. et al. Letramento literário: o ensino de literatura nos anos finais do ensino fundamental. **Cadernos da Fucamp**, [s. l.], v. 22, n. 58, p. 46-58, 2023.
- CORRÊA, H. T.; MAGALHÃES, R. M. Letramento literário dentro e fora da escola: a recepção de *O olho de vidro do meu avô*, de Bartolomeu Campos de Queirós. **Conjectura: Filosofia e Educação**, Caxias do Sul, v. 27, e022005, 2022.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 1996.
- SILVA, R. A. da; OLIVEIRA, G. de. S. Mariana Luz: entre o preconceito e a invisibilidade. **Organon**, Porto Alegre, v. 37, n. 74. 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/125544>. Acesso em: 10 mar. 2026.

SOARES, L. L.; FERREIRA, B. M. A importância do letramento literário para formação do leitor. **Pesquisar**, Aparecida de Goiânia, n.8, 2019.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MIRANDA FILHO, J. R. C. A origem da literatura maranhense. **Littera Online**, v. 13, n. 26, 2022.

VIEIRA, H. De. F. S. C. Letramento literário: um caminho possível. **ArReDia**, Dourados, v. 1, n.1, 2014.

PROJETO JORNAL ACADÊMICO CULTURA EM LETRAS: um relato de experiência extensionista.

Joaquim Gabriel Barbosa Rodrigues¹

Mateus de Sousa Nunes²

Samuel Guimarães Cruz³

Tania Lima dos Santos⁴

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo relatar, de forma resumida, experiências planejadas e realizadas pela equipe do projeto de extensão do “Jornal Acadêmico Cultura em Letras”, em sua primeira fase. Desenvolvido no Campus de Itapecuru Mirim da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). A iniciativa tem como objetivo promover a difusão de atividades científicas e culturais da comunidade acadêmica do Campus de Itapecuru Mirim, em especial as produzidas por docentes e discentes do Curso de Letras. Fundamentado no princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, o projeto busca estimular a atividade extensionista e incentivar as práticas significativas de leitura e escrita. Além de favorecer a interação entre a universidade e comunidade local, por meio das atividades de difusão, a equipe do projeto acredita que a experiência evidenciou impactos positivos na formação dos discentes, com a ampliação dos espaços de circulação do conhecimento e no fortalecimento da prática extensionista, o relato de experiência apresenta o contexto da criação do Jornal Acadêmico Cultura em Letras sendo o primeiro jornal do Campus Itapecuru Mirim, as bases teóricas que norteiam o projeto e a metodologia adotada para sua execução.

Palavras-chave: jornal acadêmico; extensão universitária; difusão científica.

1 INTRODUÇÃO

A Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) Campus Itapecuru Mirim atua de forma expressiva na promoção de projetos de pesquisa e extensão. Apesar dessas significativas ações, notou-se a ausência de ações institucionalizadas focadas na divulgação e promoção de atividades, produções e conquistas do campus. É nesse cenário que surge o projeto de extensão “Jornal Acadêmico Cultura em Letras” com o propósito de divulgar produções científicas, literárias e culturais do Campus Itapecuru Mirim. A iniciativa busca promover a interação entre a comunidade acadêmica e a comunidade externa por meio da difusão dos conhecimentos produzidos no ambiente acadêmico, ampliando o diálogo entre a instituição e a sociedade. Nesse sentido, o jornal configura-se como um espaço de circulação e valorização de saberes,

¹Acadêmico em Letras e voluntário de Extensão / PIBEX pela Universidade Estadual do Maranhão, campus de Itapecuru Mirim. Email: joaquimgabriel921@gmail.com

²Acadêmico em Letras e bolsista de Extensão / PIBEX pela Universidade Estadual do Maranhão, campus de Itapecuru Mirim. Email: nunesmateus341@gmail.com

³Acadêmico em Letras e bolsista de Extensão / PIBEX pela Universidade Estadual do Maranhão, campus de Itapecuru Mirim. Email: samuelguimaraescruz@gmail.com

⁴Doutora em Letras, professora Adjunta da Universidade Estadual do Maranhão, Campus de Itapecuru Mirim. Email: taniamaranhao1@gmail.com.br

contribuindo para a visibilidade das produções acadêmicas e culturais, despertando o interesse tanto da comunidade acadêmica quanto do público em geral. Além disso, valoriza e fortalece as atividades extensionistas realizadas no campus.

O projeto visa promover a difusão das atividades acadêmicas e culturais desenvolvidas por discentes e docentes, em especial as produzidas pelo curso de Letras, por meio de plataformas digitais como o Blogger e o Instagram, eventualmente, em formato físico, possibilitando maior visibilidade às produções locais e incentivando práticas de leitura e escrita. Dessa forma, a iniciativa busca consolidar-se como um espaço formativo, dialógico e interdisciplinar, contribuindo para a construção de sujeitos críticos e participativos, ultrapassa o caráter meramente informativo, configurando-se como instrumento de interação.

A estruturação do jornal baseia-se em uma compreensão ampla da linguagem e das artes como ferramentas de reflexão e de intervenção social. Nessa perspectiva, compreende-se a linguagem como uma prática social, uma vez que ela se constitui e se manifesta em contextos históricos e culturais. Conforme Bakhtin (2006), a linguagem está intrinsecamente ligada às interações sociais que a produzem e a transformam. Nesse sentido, Bakhtin [Volochínov] (2012 [1929], p. 128) afirma que “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta”, evidenciando que os processos comunicativos estão diretamente relacionados às dinâmicas sociais e às formas de interação entre os sujeitos.

A função primordial do Jornal Acadêmico Cultura em Letras é difundir informações e possibilitar a democratização do conhecimento. Segundo o professor José Marques de Melo (2002) o jornalismo:

É sim uma forma de conhecimento, de acordo com o conceito de Robert Park. Trata-se de uma categoria comunicacional fundamental para a educação coletiva, na medida em que faz a mediação constante entre os indivíduos que constituem uma sociedade e os acontecimentos cotidianos (Melo, 2002, p.156).

O jornal, nesse contexto, configura-se como uma relevante ferramenta de comunicação, pois, ao abordar conteúdos variados, como notícias, produções literárias e manifestações artístico-culturais, amplia o acesso à informação e à produção de conhecimento.

2 METODOLOGIA

2.1 Caracterização da ação extensionista

O presente trabalho está vinculado ao projeto de extensão Jornal Acadêmico Cultura em Letras, desenvolvido no âmbito do Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Campus de Itapecuru Mirim. O projeto tem como objetivo criar um espaço de produção, circulação e divulgação de conhecimentos acadêmicos e artístico-literários produzidos por docentes e discentes, contribuindo para o fortalecimento das práticas de leitura, escrita e reflexão crítica no ambiente universitário.

2.2 Procedimentos metodológicos

A proposta metodológica estrutura-se em uma perspectiva participativa e colaborativa, articulando ensino e extensão. Essa concepção dialoga com o pensamento de Paulo Freire, ao reconhecer que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão” (FREIRE, 2018, p. 96). Nesse sentido, o projeto constitui-se como espaço de construção coletiva do conhecimento, no qual docentes e discentes atuam de forma dialógica e compartilhada.

A organização das atividades deu-se em etapas interdependentes. Inicialmente, realizou-se a constituição da equipe executora, composta por docentes orientadores e discentes, com definição de funções específicas, como editores de seção, revisores textuais, responsáveis pela diagramação, edição de imagens e comunicação digital. Essa dinâmica de trabalho colaborativo aproxima-se da perspectiva histórico-cultural de Lev Vygotsky, segundo a qual “o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento” (VYGOTSKY, 2007, p. 103). Assim, a participação ativa dos estudantes no processo editorial contribui para o desenvolvimento de competências acadêmicas e profissionais por meio da interação social.

A captação dos materiais ocorreu por chamadas internas à comunidade acadêmica, contemplando diferentes gêneros discursivos, como artigos científicos, produções artístico-literárias (poesia, contos, pinturas e desenhos), entrevistas, textos de opinião e divulgação de eventos e projetos. Tal diversidade fundamenta-se na

concepção de gêneros discursivos proposta por Mikhail Bakhtin, para quem “cada esfera da atividade humana elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2011, p. 262). Dessa forma, o jornal configura-se como espaço de circulação de múltiplas formas de enunciação vinculadas às práticas acadêmicas e culturais.

Os textos submetidos passaram por processo de análise e seleção, considerando critérios como relevância temática, adequação ao propósito do projeto, consistência argumentativa e qualidade linguístico-discursiva. Após a seleção, os materiais foram encaminhados para revisão textual e normalização conforme as diretrizes acadêmicas vigentes. Esse procedimento relaciona-se à concepção de letramento como prática social defendida por Brian Street, que afirma que “o letramento é uma prática social e não simplesmente um conjunto de habilidades técnicas” (STREET, 2014, p. 18). Assim, a produção e a edição textual são compreendidas como práticas sociais situadas no contexto acadêmico.

Posteriormente, realizou-se a organização editorial e a diagramação dos conteúdos, distribuídos nas seções previamente definidas. O jornal foi estruturado prioritariamente em formato digital, por meio de site ou blog institucional, com periodicidade trimestral, assegurando tempo adequado para submissão, avaliação, revisão e publicação das matérias- e das redes sociais, em especial de seu Instagram, que mantém fluxo contínuo.

A avaliação do projeto deu-se de forma qualitativa, mediante acompanhamento contínuo das atividades e análise das produções publicadas, considerando aspectos como participação discente, diversidade de gêneros textuais, engajamento da comunidade acadêmica e contribuição para o aprimoramento das práticas de leitura, escrita e edição. Desse modo, a metodologia adotada configura-se como prática formativa, dialógica e socialmente situada, ancorada em referenciais teóricos que concebem a educação e a linguagem como processos interativos, colaborativos e historicamente constituídos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A execução do projeto teve início em setembro de 2025, com reuniões de planejamento voltadas à definição da linha editorial, da identidade visual e do formato do Jornal Acadêmico Cultura em Letras. Nessa etapa inicial, foram distribuídas as funções da equipe, contemplando atividades de edição, revisão textual, diagramação

e divulgação, o que contribuiu para a organização sistemática do fluxo de produção do jornal.

Figura 1 – Primeira reunião do projeto Jornal Acadêmico Cultura em Letras.



Fonte: Cruz, 2025

O Jornal Acadêmico Cultura em Letras configura-se como uma ação extensionista voltada à difusão de atividades científicas e culturais produzidas pela comunidade acadêmica do Campus Itapecuru Mirim, especialmente por discentes e docentes do curso de Letras. Ao longo do desenvolvimento do projeto, observou-se impacto positivo na comunicação institucional, evidenciado pela ampliação dos espaços de circulação das produções acadêmico culturais do campus.

A estratégia de divulgação concentrou-se em plataformas digitais, com destaque para o blog oficial do jornal, disponível em: <https://jornalacademicoculturaemletras.blogspot.com/>, e para o perfil na rede social Instagram (<https://www.instagram.com/jornalletrasuema.ita>). Tivemos uma pequena reformulação, não estava prevista a utilização do Instagram, mas tornou-se bastante viável por conta da praticidade de postar notícias que necessitam ser publicadas com mais urgência, deste modo, acabamos fazendo uma prévia do jornal acadêmico no Instagram. Nesses ambientes, foram publicados conteúdos diversificados, incluindo artigos científicos, entrevistas, produções literárias, materiais informativos para

calouros e divulgação de projetos de pesquisa e extensão. Essa diversidade temática evidencia o caráter multidimensional do jornal como veículo de comunicação acadêmica.

Em novembro de 2025, ocorreu a 8ª edição da FLIM (Festa Literária de Itapecuru Mirim). Neste evento, a equipe apresentou seu trabalho científico relacionado ao projeto, por meio de banner acadêmico e comunicação oral, com o intuito de ampliar o alcance de público para o blog e o Instagram do jornal, além de ressaltar a importância de um jornal acadêmico no âmbito universitário.

Figura 2 – Equipe do projeto Jornal Acadêmico Cultura em Letras.



Fonte: Cruz, 2025

As seções do jornal têm sido criadas pela equipe que compõe o corpo editorial, com a colaboração de alunos e servidores, e têm como objetivo principal servir como veículo de informação e comunicação institucional, além de promover a participação democrática, permitindo que assuntos de relevância acadêmica, científica e social sejam amplamente divulgados.

Até o momento, foram criadas e alimentadas as seguintes seções: a primeira edição do jornal acadêmico tem como tópicos (1) “FLIM consolida-se como um espaço de valorização da leitura e da cultura em Itapecuru Mirim” dando destaque a 8ª edição da FLIM (Festa Literária de Itapecuru Mirim) que tem se consolidado, ao longo de suas edições, como um dos mais importantes eventos culturais do município, desempenhando papel fundamental na promoção da leitura, da literatura e da

identidade cultural local; (2) “Letras da UEMA na 8ª Festa Literária de Itapecuru Mirim” Os alunos do curso de Letras da UEMA, marcaram presença na edição de 2025 da Festa Literária, com apresentações de trabalho que reforçaram a integração entre a universidade, a escola e a comunidade; (3) “Curso de Letras da UEMA de Itapecuru se destaca com alta participação e premiação de Projeto na Semana Acadêmica 2025” Discentes, docentes e técnico-administrativo do Curso de Letras do Campus da UEMA em Itapecuru Mirim tiveram uma participação de destaque na Semana Acadêmica da UEMA de 2025; (4) “UEMA de Itapecuru Mirim une letramento e cultura quilombola em projetos inovadores na educação infantil” O Curso de Letras da UEMA de Itapecuru Mirim está impactando a educação infantil local, unindo letramento e a rica cultura quilombola por meio de projetos de extensão inovadores; (5) “Produções Artísticas” A Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) Campus Itapecuru Mirim consolida-se como um ambiente de produção de conhecimento científico. Contudo, discentes do Curso de Letras têm expandido essas fronteiras, revelando talentos artísticos que superam as exigências curriculares; (6) “Aconteceu No Campus” é um tópico destinado à divulgação de eventos universitários, como congressos, feiras, encontros e eventos culturais.

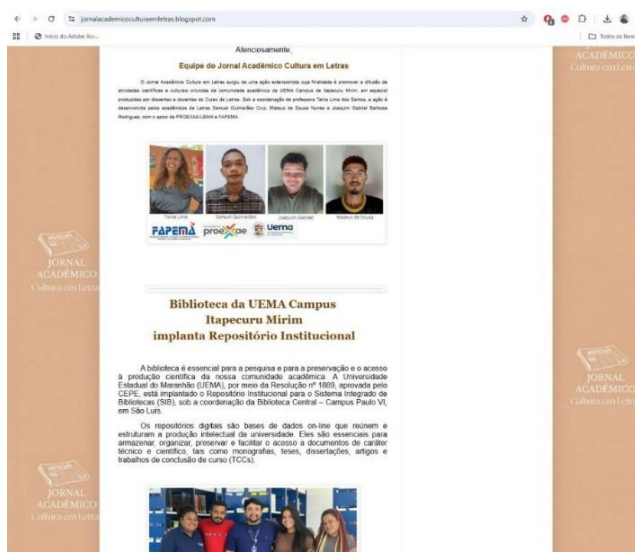
Figura 3. Blog do Jornal Acadêmico Cultura em Letras primeira edição



Fonte: Cruz, 2025

A segunda edição do jornal acadêmico tem como tópicos (1) “Biblioteca da UEMA Campus Itapecuru Mirim implanta Repositório Institucional”. A biblioteca é essencial para a pesquisa e para a preservação e o acesso à produção científica da nossa comunidade acadêmica. A Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), por meio da Resolução nº 1889, aprovada pelo CEPE, está implantado o Repositório Institucional para o Sistema Integrado de Bibliotecas (SIB), sob a coordenação da Biblioteca Central – Campus Paulo VI, em São Luís; (2) “Calouros iniciam jornada na UEMA do Campus de Itapecuru com apoio acadêmico e psicológico” Com o retorno das aulas marcado para o dia 09 de março de 2026, a Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) iniciará oficialmente o primeiro semestre letivo no Campus Itapecuru Mirim, recebendo suas novas turmas de calouros em diversos cursos; (3) “Projeto do curso de Letras orienta sobre o uso da Inteligência Artificial Generativa na Universidade” A integração da Inteligência Artificial (IA) no ambiente universitário vem se tornando uma realidade constante. O uso de ferramentas de Inteligência Artificial está transformando drasticamente a maneira como lemos, pesquisamos e, sobretudo, como escrevemos; (4) “Entre a poesia e a crítica: a trajetória literária de Antonio Allton” Poeta, professor, ensaísta e pesquisador na área de Teoria e Crítica Literária, com foco na poesia brasileira contemporânea, é docente do Curso de Letras da UEMA/Campus Itapecuru Mirim e membro da Academia Ludovicense de Letras; (5) “Aconteceu No Campus” Tópico destinado à divulgação de eventos universitários, como congressos, feiras, encontros e eventos culturais.

Figura 4. Blog do Jornal Acadêmico Cultura em Letras segunda edição



Fonte: Cruz, 2025

Uma fase muito importante tem sido a difusão das matérias do Jornal, momento em que sua natureza extensionista ganha relevo. Além do público interno, formado pela equipe do projeto, membros do corpo discente e docente do Curso de Letras e outros cursos do campus, o Jornal alcança um público externo diversificado, entre egressos do Curso, acadêmicos de outras universidades, funcionários públicos, integrantes da Academia Itapecuruense de Letras e acadêmicos de Letras, familiares de alunos, e outros.

Nesse sentido, verifica-se que o projeto vem se consolidando como um canal de interlocução entre a universidade e a comunidade externa. O uso de mídias digitais mostrou-se estratégico para ampliar o alcance das produções e facilitar o acesso público ao conhecimento acadêmico. Assim, a iniciativa reafirma o papel social da extensão universitária ao contribuir para a democratização da informação, o fortalecimento da cultura científica e a valorização das produções do curso de Letras.

Figura 5. Instagram do Jornal Acadêmico Cultura em Letras



Fonte: Cruz, 2025

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto “Jornal Acadêmico Cultura em Letras” consolida-se como um importante instrumento de inclusão social, difusão cultural e democratização do conhecimento produzido no ambiente acadêmico. Ao transformar o espaço universitário em um canal de diálogo com a sociedade, a iniciativa promove a circulação de produções científicas, literárias e culturais desenvolvidas na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) Campus Itapecuru Mirim, contribuindo para ampliar o acesso da comunidade externa às atividades realizadas pela universidade. Nesse sentido, o projeto reafirma o papel da extensão universitária como ponte entre o saber acadêmico e a realidade social.

A experiência possibilitou aos discentes participantes do projeto o desenvolvimento de competências acadêmicas, comunicativas e sociais, e novas experiências e a aplicação prática dos conhecimentos ao mesmo tempo em que promoveu a aproximação entre universidade e comunidade.

Para o público-alvo, o projeto favoreceu o conhecimento e o acesso ao que acontece no Campus Itapecuru Mirim, como a realização de eventos, projetos, os artistas e escritores, desencadeando o interesse de conhecer mais e participar das atividades oferecidas pelo Campus.

Dessa maneira, a equipe do Jornal Acadêmico Cultura em Letras acredita que o projeto vem desempenhando um papel significativo na ampliação da visibilidade e valorização das ações desenvolvidas no Campus Itapecuru Mirim. Ao promover a circulação de saberes e experiências, a iniciativa contribui para o fortalecimento do compromisso social da universidade, reafirmando a importância da extensão universitária como espaço de construção coletiva do conhecimento, diálogo com a comunidade e promoção da cultura.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M. [VOLOCHINOV]. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2012 [1929].
- MELO, José Marques. **Estudos de Jornalismo comparado**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1972.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. Ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 12. Ed. São Paulo: Cortez, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 65. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

STREET, Brian V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

UMA EXPERIÊNCIA DE MEDIAÇÃO DE LEITURA E ESCRITA CRIATIVA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA BARRIGUDA

Izadan de Jesus Pinheiro de Souza¹

Luana Victoria Martins Gama²

Ana Paula Silva Barroso³

Tania Lima dos Santos⁴

RESUMO

O Projeto “Mediação de Leitura e Escrita Criativa na Comunidade Quilombola Barriguda”, vinculado ao Bolsa Acolher da UEMA, tem como propósito central estimular a compreensão leitora e a produção criativa de textos entre crianças da primeira infância, residentes em comunidades quilombolas de Itapecuru Mirim. A iniciativa tem como objetivo aproximar os estudantes da literatura infanto-juvenil brasileira, especialmente de autores locais, promovendo o contato com narrativas que refletem a diversidade cultural e social da região. Por meio de atividades lúdicas, como jogos narrativos com o “Dado Criativo”, contação de histórias e criação de enredos a partir de imagens, o projeto incentiva a imaginação, a oralidade e a escrita, fortalecendo a identidade cultural e ampliando o repertório linguístico das crianças. Além disso, valoriza a integração entre ensino, pesquisa e extensão, aproximando a universidade da comunidade e oferecendo experiências educativas que muitas vezes não chegam às escolas dos povoados. O objetivo geral é promover o desenvolvimento da leitura e da escrita criativa aliado à valorização identitária e social, enquanto os objetivos específicos incluem o estudo de textos técnicos e científicos, o uso de obras literárias regionais como inspiração, a confecção de recursos pedagógicos e o acompanhamento do desempenho dos alunos em práticas lúdicas. A metodologia adotada é qualitativa, participativa e exploratória, fundamentada em práticas interativas que favorecem a expressão oral e escrita. Os resultados parciais já evidenciam avanços significativos, como o fortalecimento da oralidade, da criatividade e da valorização da cultura local. Dessa forma, o projeto contribui para ampliar oportunidades educacionais, enriquecendo vivências culturais, e consolidar-se como espaço de inclusão social e troca de saberes, impactando positivamente o desenvolvimento acadêmico e também social das crianças quilombolas e de seus arredores.

Palavras-chave: mediação; escrita criativa; leitura.

1 INTRODUÇÃO

Na formação do ser humano, a leitura e a escrita são fundamentais em sua construção, porém, esse processo de aprendizagem é voltado apenas para a elaboração de textos formais, não envolvendo outra forma o que tornasse esse ensinamento mais prazeroso e divertido como: dimensões estéticas, afetivas e criativas ao ensinar a ler e escrever. A mediação de leitura e escrita criativa fazem parte de práticas pedagógicas importantes no ensino da língua e literatura. A

¹ Acadêmico em Letras e bolsista de Extensão / PIBEX pela Universidade Estadual do Maranhão, campus de Itapecuru Mirim.

² Acadêmico em Letras e voluntária de Extensão / PIBEX pela Universidade Estadual do Maranhão, campus de Itapecuru Mirim.

³ Acadêmico em Letras e voluntária de Extensão / PIBEX pela Universidade Estadual do Maranhão, campus de Itapecuru Mirim.

⁴ Doutora em Letras, professora Adjunta da Universidade Estadual do Maranhão, Campus de Itapecuru Mirim.

mediação de leitura vai além de mostrar livros e passar atividades de interpretação textual, mas sim de um processo contínuo quem envolve profissionais do ramo da educacional para trabalhar e trazer textos ao conhecimento dos alunos. A leitura é um diálogo de vários conhecimentos entre o indivíduo e o mundo, sendo construído sentidos plurais e consciência crítica, nessa linha de aprendizagem, a mediação de leitura não é aprender a ler, mas conhecer culturas, ter autonomia e absorver a capacidade de interpretar realidade. Ao abordar o letramento literário que quando esta lendo, não é só compreender palavras, mas levar o leitor ao mundo da linguagem literária, imaginação e reflexão, assim o mediador leva o discente ao contato crítico, estético e transformador.

A escrita criativa tem o poder de possibilita o aluno de se torna o autor de sua própria experiência com a linguagem, através das leituras mediadas, ele vai instigar a reescrever histórias, reinventar finais, criar vozes narrativas igual a se criar uma fanfic, e refletir sobre sua identidade por meio da escrita. Adquirindo esse conhecimento, ela vai estimular o seu desenvolvimento da empatia, imaginação e da competências fundamentais para viver em um mundo que precisa sujeitos críticos, criativos e comunicativos. Além desses benefícios, indo contribui para o aumento e fortalecimento do protagonismo juvenil, pois o ato de escrever criativamente é também um ato de afirmação de voz e de resistência simbólica.

O projeto “Mediação de Leitura e Escrita Criativa numa Comunidade Quilombola” está em andamento desde novembro de 2025 e vem promovendo encontros mensais que unem leitura, oralidade e escrita criativa. A iniciativa acontece na UEB Quilombola Maria do Rosário e busca estimular a imaginação das crianças por meio de narrativas locais, jogos pedagógicos e atividades lúdicas. A proposta valoriza a cultura regional e fortalece a identidade das crianças quilombolas, ao mesmo tempo em que aproxima a universidade da comunidade. A ação extensionista integra ensino, pesquisa e prática, permitindo experiências reais que contribuam para o desenvolvimento educacional e social da região.

2 METODOLOGIA

A metodologia adotada neste projeto se fundamenta em práticas pedagógicas lúdicas e interativas, voltadas para crianças em idade pré-escolar da UEB Quilombola Maria do Rosário. O trabalho se organiza em três eixos complementares: a contação de histórias, os jogos narrativos e a produção de narrativas a partir de imagens. A

mediação inicial ocorre por meio da leitura de obras que valorizam a diversidade cultural e o cotidiano das crianças, utilizando recursos sensoriais como fantoches e palinetes para estimular vínculos afetivos com os textos. Em seguida, as crianças são convidadas a criar histórias próprias, seja individualmente ou em grupo, utilizando o “Dado Criativo”, que sorteia elementos narrativos como personagens, cenários e conflitos, servindo de guia para a construção de enredos originais.

Além disso, a metodologia contempla a interpretação de imagens como ponto de partida para narrativas, incentivando a leitura crítica e a expressão criativa em diferentes gêneros literários, como contos, lendas e poesias narrativas. As produções são socializadas em momentos coletivos mensais, fortalecendo o vínculo entre escola e comunidade, e valorizando autores locais como Assenção Pessoa, além de lendas e fábulas regionais. Trata-se de um método qualitativo, de caráter participativo e exploratório, que busca promover o desenvolvimento da leitura e da escrita por meio da imaginação, da interação social e da valorização da identidade cultural das crianças.

3 REFLEXÕES DE AUTORES SOBRE LEITURA E ESCRITA

Atualmente, muitas crianças não têm acesso à literatura e não participam de atividades ou ações que envolvam a leitura. A participação delas nessas ações é muito importante, pois sabemos que a maneira como nos relacionamos com as crianças e com os livros pode ser determinante na formação delas enquanto aprendem a leitura. O mediador é a ponte entre o livro e a criança, pelo seu olhar, o mediador faz um convite ao vínculo fundamental para a construção de uma relação afetiva com a literatura.

Nesse contexto, Souza (2009,p. 187), destaca que a leitura vai além da alfabetização.

O ensino e a promoção da leitura, compreendida como algo mais que a alfabetização, têm mobilizado atenção e esforços de diversas forças sociais, entre educadores, agentes sociais, lideranças políticas. Assume-se francamente que a capacidade de ler e a prática da leitura teriam implicações importantes na participação social dos indivíduos, contribuindo decididamente para sua maior produtividade, intervenção política e social, organização da vida prática etc.

Importante salientar que a leitura como método fundamental na formação do indivíduo é necessário para o fortalecimento da sociedade, a leitura faz parte do processo de alfabetização e o autor com seu conhecimento mostra que ler não é

apenas codificar palavras, mas sim, obter a interpretação do mundo, consciência social, política. A leitura não deve ser somente responsabilidade dos educadores, mas também de instituições culturais, comunidades e outras lideranças, pelo fato de ser essencial à cidadania, praticando a leitura, qualquer ser humano compreender melhor a realidade ao seu redor, questionando justiça, se posicionar criticamente, a leitura promove inclusão e transformação social.

Destaco que segundo (Fonseca, 2012, p.29),

Quando um professor lê um conto para seus alunos, eles não aprendem apenas os conteúdos das histórias e suas características, mas também como as pessoas utilizam a leitura, os comportamentos leitores e a compartilhar práticas sociais de leitura. Muitas vezes os professores pensam que as crianças só aprendem a ler se realizarem atividades que envolvam as letras. Com certeza, há momentos em que devemos propor atividades de leitura que permitam às crianças refletir sobre o sistema de escrita, mas só isso não é suficiente! Temos de promover a entrada dos diversos textos na escola para que as crianças aprendam as competências necessárias para a leitura na vida cotidiana.

Estudos apontam que a criança que pratica a leitura e tem contato com a literatura desde os anos iniciais vai se desenvolver melhor em vários sentidos, entres eles, irá aprender melhor e falar palavras corretas. Através da leitura, a criança vão obter imaginação, criatividade, compreender a escrita e a oralidade, levando a adquirir cultura, conhecimentos e valores. A leitura na formação dos alunos vai além de entender o que foi transmitido a eles, seja o nome das letras ou palavras que lhes foram ditas. O professor quando leva uma obra literária para ler aos seus alunos, seja um conto da literatura infantojuvenil, além de contar uma história e trabalhar um conteúdo literário, sobretudo, está ensinando a ler, fazendo da leitura uma prática social com interação e construção que ultrapassa os limites da sala de aula, aprendendo o enredo, personagens, características, indo mais a fundo, tendo emoções, atitudes e o comportamento no processo de ler, tendo uma experiência viva.

Vários educadores acreditam quem ensinar uma criança a ler, deve seguir apenas as atividades de alfabetização que se trata de letras, símbolos e palavras, mesmo sendo essencial, precisamos entender que a escrita não pode ser o único objetivo. Todos têm que saber que a leitura é algo cultural e simbólica, que é construída de diferentes abordagens a textos e situações real, dessa forma, limitando o ensinamento dos alunos somente aos códigos escritos, assim, não levando em consideração que leitura é entender o mundo, refletir sobre nós e compreender

contextos.

A escrita, quando presente na vida de uma pessoa, é como se fosse uma parte do próprio indivíduo, ou seja, ela se torna tão necessária quanto qualquer outra atividade cotidiana que não possa deixar de ser realizada. As produções escritas variam, incluindo desde bilhetes informais, listas de compras até os textos mais elaborados, com exigências estéticas de formatação.

Barbeiro (2000, p. 66-67) afirma que a escrita não deve ser vista apenas como um produto final, mas como um processo de construção.

[...] texto (o produto) não nasce sem processo. A perspectiva sobre ensino aprendizagem da escrita deslocou-se do produto para o que acontece nesse processo. Nele, o sujeito é chamado a tomar decisões, não se limita a montar as peças, segundo um algoritmo pré-definido. As decisões que toma não são lineares e podem incidir sobre aspectos diversificados na hierarquia textual, desde o desenho (ou tipo) das letras, a ortografia, a construção frásica, até a organização em grandes unidades (capítulos ou partes por exemplo).

Quando se escreve um texto, os conhecimentos sobre a linguagem escrita de como se vai escrever são importantes. Para escrever, precisa ter um entendimento sobre a linguagem e suas funções, a produção textual envolve a ativação de conhecimento sobre os componentes de situação comunicativa, seleção, organização e desenvolvimento de ideias e balanceamento entre informações explícitas e implícitas.

A escrita é de extrema importância que além de ser pessoal, é coletiva. Dessa forma, qualquer conteúdo escrito está disponível para o julgo da leitura, escrever um texto precisa de uma série de conhecimento sobre o que o indivíduo está escrevendo, destaca-se, que o hábito da leitura nos anos iniciais no mundo escolar é adquirido por interações sociais e outros fatores, nesse processo a memória, tanto que o linguista (Koch, 2002, p. 40) afirma que “a memória deixa de ser vista como um auxiliar do conhecimento, passando a ser considerada parte integrante dele, ou mesmo como a forma de todo o conhecimento: O conhecimento nada mais é que estruturas estabilizadas na memória de longo prazo, que são utilizadas para o reconhecimento, a compreensão de situações – e de textos –, a ação e a interação social”.

Afirma que a escrita não é apenas um conteúdo a ser aprendido, mas também um instrumento cultural e psicológico que ajuda no desenvolvimento do pensamento e do conhecimento.

Oliveira (1995, p.13) afirma que a escrita não é apenas um conteúdo a ser aprendido, mas também um instrumento cultural e psicológico que ajuda no desenvolvimento do pensamento e do conhecimento.

A escrita, além de ser, em si, um objeto de conhecimento, é um sistema simbólico que tem um papel mediador na relação entre sujeito e objeto do conhecimento, é um artefato cultural que funciona como suporte para certas ações psicológicas, isto é, Como instrumento que possibilita a ampliação da capacidade humana de registro, transmissão e recuperação de ideias, conceitos, informações.

O processo de aprender a escrita precisa passar por etapas importantes para o trabalho pedagógico ser bem executado aos alunos, tanto que a execução pedagógicas vai se desenvolver no sistema das atividades escritas, as crianças não vão ser alfabetizadas apenas vivendo em um lugar letrado, mas sim, a aprendizagem da escrita por um processo de ensino criativo na pré-escola. Vigotski, tem uma visão que não é somente pela linguagem falada que o indivíduo aprende a se comunicar e relacionar com o mundo, mas também com o aprendizado da linguagem escrita é um dos principais fatores no desenvolvimento humano, sendo que esse processo acontece na escola, que os professores devem utilizar processos para fazer os alunos pensarem. E a escrita criativa tem vários modos de ensinamentos para que os alunos escrevam, desenvolvam pensamento crítico, por meio da compreensão de textos literários como uma forma de refletir e desenvolver o pensamento produtivo/criativo. A escola é o espaço principal de ensinar e não como lugar de transmissão de conhecimentos, mas como um processo contínuo na formação do aluno, criando nele funções e hábitos que não existiam antes. A escrita criativa, a escola ensina por meio de instrumentos culturalmente desenvolvidos, como a gramática e a literatura.

4 A EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA NA UEB QUILOMBOLA MARIA DO ROSÁRIO

O Projeto teve início em setembro de 2025, tendo sido realizados encontros de alinhamento, levantamento diagnóstico com visista inicial à UEB Quilombola Maria do Rosário e atividades práticas. No mês de novembro ocorreu a primeira ação do projeto de mediação, o bolsista e voluntários entregaram orelhinhas de coelho feitas de papel para as crianças. Esse acessório fazia parte dos elementos da história e por essa razão foi utilizado. O primeiro dia foi marcado com a mediação onde foi lido o

livro *Menina bonita do laço de fita*, escrito por Ana Maria Machado, que aborda de forma delicada e poética a valorização da diversidade e da identidade. A narrativa gira em torno de uma menina negra, descrita como muito bonita e encantadora, que desperta a curiosidade de um coelho branco. Após a leitura, houve a explicação dos fatos narrados, os personagens, além da interação com os alunos sobre o que ocorria na história.

No mês de dezembro ocorreu a segunda atividade na UEB Quilombola Maria do Rosário, envolvendo a mediação da leitura da *Lenda da serpente da Igreja Matriz de Itapecuru Mirim*. A ação foi dividida em etapas, a primeira com a mediação de leitura com o conto A lenda da serpente da igreja matriz, que foi adaptado, uma lenda regional que fala de uma grande cobra adormecida. A atividade foi estruturada em etapas de motivação, introdução, leitura e interpretação, seguida de prática de escrita criativa. As crianças participaram ativamente da expressão oral sobre a lenda, enquanto a equipe registrava frases e ideias no quadro. Durante os encontros, são realizadas práticas de leitura mediada, dramatização e produção de histórias autorais. Um dos recursos utilizados é o “Dado Criativo”, que orienta as crianças a identificar elementos narrativos e sorteia ações que estimulam a criação coletiva.

As atividades envolvem motivação inicial, leitura de lendas locais, interpretação e expressão oral, seguidas da escrita criativa registrada em frases e ideias no quadro. O uso de um dado pedagógico possibilitou que os alunos identificassem partes da história e sorteassem ações relacionadas, promovendo dinamismo e engajamento. Cada face do dado correspondia a um personagem da história, estimulando a criatividade e a interação coletiva.

Durante a aplicação do projeto, despertamos nas crianças a crítica sobre o assunto, expressando por meio da linguagem oral, sua interpretação sobre o conto regional, dessa forma, alcançando o objetivo da participação, interpretação e conhecimento sobre a lenda cultural da cidade natal que reside. Sendo um objetivo essencial para a continuação e no desenvolvimento das crianças na comunidade quilombola Barriguda.

Figura 1. Participação na Festa Literária de Itapecuru Mirim – FLIM
Apresentação de Trabalho sobre o Projeto



Fonte: Os autores

Figura 2. Atividade de Mediação de Leitura e Escrita
Lenda da serpente da Igreja Matriz de Itapecuru Mirim



Fonte: Os autores

Figura 3. Atividade de Mediação de Leitura e Escrita
Menina bonita do laço de fita



Fonte: Os autores

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados parciais deste projeto evidenciam o fortalecimento da oralidade, da criatividade e da valorização da cultura local. As atividades estimularam a imaginação, ampliaram o repertório linguístico que favoreceram a interação entre universidade e comunidade, além de ajudar o projeto como espaço de troca de saberes e de promoção da leitura e escrita criativa. Para as próximas fases, o projeto pretende fortalecer a autonomia das crianças na criação de textos próprios e na interpretação crítica de diferentes gêneros literários. A proposta vai além da reprodução de histórias já conhecidas, estimulando cada participante a elaborar narrativas originais que utilizem elementos culturais da comunidade como inspiração.

O uso ampliado de jogos narrativos e recursos de escrita criativa será fundamental para que os alunos consigam estruturar enredos com maior independência. O ambiente lúdico e participativo favorece tanto o desenvolvimento das competências leitoras quanto a expressão criativa, tornando o aprendizado mais envolvente e significativo.

Mais do que alcançar metas de desempenho escolar, a iniciativa busca promover uma transformação social. A leitura e a escrita passam a ser instrumentos de afirmação identitária, fortalecendo vínculos culturais e contribuindo para a valorização da infância quilombola em sua diversidade e riqueza cultural.

REFERÊNCIAS

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. Ilustrações de Claudius. 9. Ed. São Paulo: Ática, 2011.

OLIVEIRA, Tiago. **A serpente da Igreja Matriz**. 5 ago. 2018. Disponível em: <http://juceysantana.blogspot.com/2018/08/a-serpente-da-igreja-matriz.html?m=1>. Acesso em: 20 fev. 2026.

AGUIAR, Vera Teixeira de. Leitura e Cidadania. In: HENRIQUES, Cláudio C.; SIMÕES, Darcília (orgs.). **Língua e Cidadania: novas perspectivas para o ensino**. Rio de Janeiro: Europa, 2004.

AMABILE, Luís Roberto. Do que estamos falando quando falamos de escrita criativa. **Criação & Crítica**, n. 28, p., dez. 2020. Disponível em: . Acesso em: 10 jun. 2021.

BERNS, Roberta M. **O Desenvolvimento da criança**. São Paulo: Loyola, 2002.

CADEMARTORI, Lúgia. **O que é literatura infantil**. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 2006. Coleção Primeiros Passos.

CARNAZ, Maria Elisabete Alves Rosa. **Da criatividade à escrita criativa**. Coimbra: ESEC, 2013. 119p. Dissertação (Mestrado em Didática da Língua Portuguesa) – Escola Superior de Educação, 2013.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

FRANTZ, M. **O ensino da literatura nas séries iniciais**. 4 ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2005.

INSTITUCIONAL

REITOR

Prof. Dr. Walter Canales Sant'Ana

VICE-REITOR

Prof. Dr. Paulo Henrique Aragão Catunda

DIRETORA DE CENTRO

Profª Dra. Thallita de Queiroz Pereira Serra

DIRETORA DE CURSO

Profª Dra. Claudiene Diniz da Silva

COORDENAÇÃO DO EVENTO

Profª Dra. Tania Lima dos Santos

V COLÓQUIO DE LETRAS: Saberes e práticas na confluência Universidade- Comunidade

COMISSÃO ORGANIZADORA

Andrey Nicollas Costa de Sousa | Ane Beatriz dos Santos Duailibe
Antonio Aílton Santos Silva | Claudiene Diniz da Silva
Fernanda Castro de Souza Abreu | Katiana Oliveira dos Santos
Leandro de Assis Nascimento dos Santos | Lusinete Rodrigues Martins
Marcos Aurélio Freitas | Maria Helena Nascimento Conceição
Suzane Castro de Araújo Silva | Thalita Karollaine de Q. P. Serra

MONITORIA

Ediane de Jesus Corrêa | Mateus da Silva Oliveira
Joaquim Gabriel Barbosa Rodrigues | Jorge Eduardo Lopes Mendes
Samuel Guimarães Cruz | Rafael Ernandes Ferreira Nascimento
Sirlane Rodrigues Penha | Thayane Cristina Lopes Costa
Vinícius Martins Teixeira

COMISSÃO CIENTÍFICA

Ane Beatriz dos Santos Duailibe | Claudiene Diniz da Silva
Fernanda Castro de Souza Abreu | Leandro de Assis N. dos Santos
Marcos Aurélio Freitas | Maria Helena N. Conceição
Tania Lima dos Santos

ANAIS DO V COLÓQUIO DE LETRAS

ORGANIZAÇÃO

Tania Lima dos Santos